



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ISABELLA CRISTINA FURTADO DOS SANTOS

História e Cultura Regional na sala de aula:
Análise do Material Didático da disciplina de
Estudos Regionais no Ensino Fundamental II
em Juazeiro do Norte
(1990-2020)

CRATO, OUTUBRO DE 2024



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA

ISABELLA CRISTINA FURTADO DOS SANTOS

História e Cultura Regional na sala de aula:

Análise do Material Didático da disciplina de Estudos Regionais no Ensino Fundamental II em Juazeiro do Norte

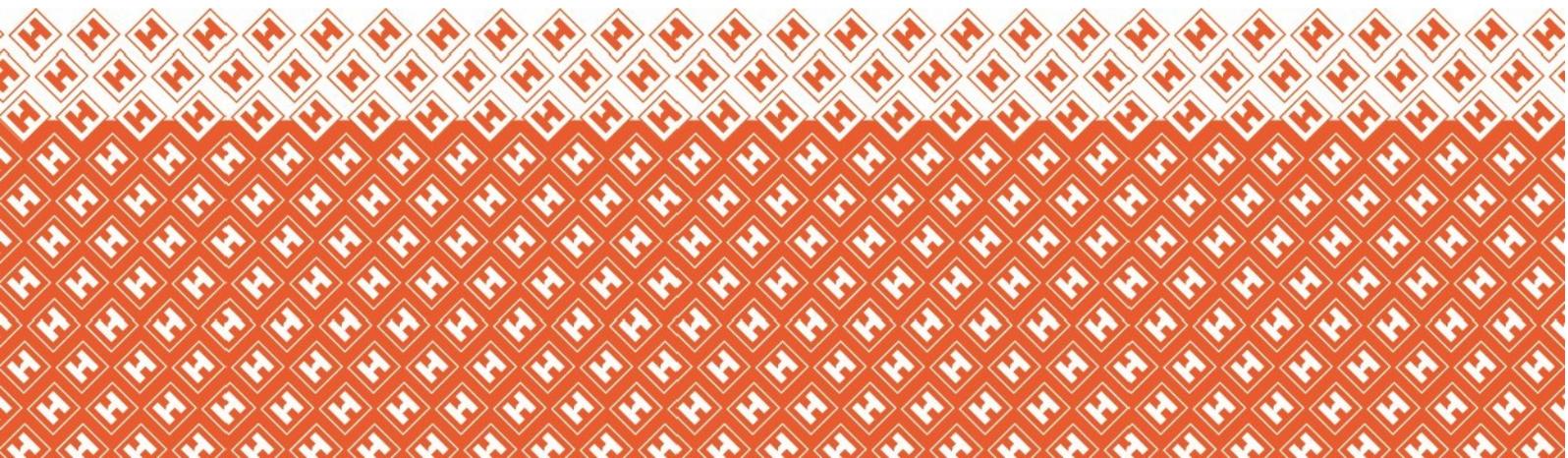
(1990 – 2020)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória da Universidade Regional do Cariri, como parte da obtenção do título de mestre.

Área de concentração: História/Ensino de História

ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria de Fátima Morais Pinho

CRATO, OUTUBRO DE 2024



Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Dos Santos, Isabella Cristina Furtado

I74hh História e Cultura Regional na sala de aula: Análise do Material Didático da disciplina de Estudos Regionais no Ensino Fundamental II em Juazeiro do Norte (1990 – 2020) / Isabella Cristina Furtado Dos Santos. Crato - CE, 2024.

121p. il.

Dissertação. Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Morais Pinho

1. Ensino de História, 2. História Local, 3. Material Didático; I. Título.

CDD: 370

ISABELLA CRISTINA FURTADO DOS SANTOS

História e Cultura Regional na sala de aula:
Análise do Material Didático de Estudos Regionais no Ensino
Fundamental II em Juazeiro do Norte
(1990 – 2020)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História-PROFHISTÓRIA da Universidade Regional do Cariri – URCA para a obtenção do título de Mestre em História em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria de Fátima Morais Pinho – Orientadora

Prof.^a Dra. Paula Cristiane Lyra Santos - membro interno

Prof.^a Dra. Viviane Prado Bezerra - membro externo

Dedico este trabalho a todas as mulheres que, assim como eu, enfrentam dificuldades para trabalhar, estudar e construir uma carreira em uma sociedade patriarcal que ainda impõe a nós inúmeras responsabilidades e cobranças. Dedico-o, em especial, à minha mãe, uma dessas mulheres que, infelizmente, não teve a oportunidade de realizar seus sonhos. É por ela que luto e sigo em frente e espero que, onde quer que esteja, se orgulhe de sua filha.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me deu forças para prosseguir, pois o caminho do mestrado não é fácil. Agradeço aos meus pais, que sempre incentivaram os estudos em casa, apesar de minha mãe não estar presente para ver essa conquista.

Agradeço a diversas pessoas que foram essenciais neste percurso, pois sozinhos não realizamos nada. Primeiramente, minha diretora à época, Ana Raquel de Oliveira Silva, pelo apoio constante. Meus cunhados Mariane e George e minha concunhada Cristina, que me ajudaram no primeiro semestre com caronas e a compra de livros. Sou grata a meu irmão, Mallcon Cristiano, sempre disposto a auxiliar no que precisei, e à minha sogra, dona Corrinha, cujas conversas e xícaras de café, à tarde, me fortaleceram.

Na universidade, agradeço à Coordenação e Secretaria do mestrado, sempre ágeis e atenciosos. Aos professores que contribuíram com minha formação, principalmente, Sônia Meneses e Rosilene, Cícero Joaquim, Cícera Nunes, Egberto Melo e minha orientadora, Fátima Pinho, cujas orientações e apoio foram fundamentais para a conclusão desta pesquisa. Agradeço também aos professores da banca pela leitura e avaliação.

Deixo um agradecimento especial ao meu companheiro João Paulo, que acompanhou todos os desafios desta caminhada, sempre acreditando em mim, muitas vezes mais do que eu mesma. Sua presença e apoio foram essenciais e sou grata por todo o suporte e amor.

Na vida, somos a soma de todas as pessoas que cruzam nosso caminho, e é preciso reconhecer e agradecer. A todos que estiveram comigo, meu mais sincero obrigado.

Seguindo em frente, mente sã, paz renovada
Depois do chão frio que beijei
Curtindo quem me põe pra cima
Gente que me subestima longe de mim, é a lei"
— Ciclone, Juliette

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o material didático utilizado pelos professores e professoras da Rede Municipal de Educação de Juazeiro do Norte na disciplina de Estudos Regionais, abrangendo o período de 1990 a 2020 do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), buscando identificar os impactos desse recurso pedagógico no processo de aprendizagem dos estudantes e na percepção da história da região, contemplando elementos culturais, sociais, econômicos e geográficos. Nesse sentido, a principal fonte de pesquisa serão as apostilas e livros didáticos produzidos durante este período, analisando quem os produziu, como se deu a distribuição e como foram utilizados em sala de aula. Na metodologia será feito, portanto, uma análise de conteúdo do material, com a elaboração de um manual pedagógico de atividades educativas que será apresentado como uma sequência didática para os professores. Isso permitirá a realização de situações educativas que facilitem o trabalho com os bens culturais, patrimoniais, heranças, memórias e identidade de Juazeiro do Norte - CE, além do ensino de História. Essas atividades incentivarão os alunos a reconhecerem-se como sujeitos históricos por meio do estudo dos personagens que marcaram e marcam a história, cultura e patrimônio locais. Como referencial teórico discutiremos os conceitos de disciplina, material didático, consciência histórica e História Local, desenvolvidos por Circe Bittencourt (2010), Selva Guimarães (2006) e Jörn Rüsen (2012), entre outros.

Palavras chaves: Ensino de História, História Local, Material Didático.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the teaching material used by teachers from the municipal education network of Juazeiro do Norte in the discipline of Regional Studies, covering the period from 1990 to 2020 of Elementary School II (6th to 9th year), seeking to identify the impacts of this pedagogical resource on the students' learning process and perception of the history of the region, covering cultural, social, economic and geographic elements. In this sense, the main source of research will be the handouts and textbooks produced during this period, analyzing who produced them, how they were distributed and how they were used in the classroom. In the methodology, therefore, a content analysis of the material will be carried out, as well as a questionnaire applied to the teachers who teach this subject with the aim of verifying their perception of the aforementioned material and its use in everyday school life. and their difficulties and strategies in executing the content. As a theoretical reference we will discuss the concepts of discipline, teaching material, historical awareness, local history developed by Circe Bittencourt (2010), Selva Guimarães (2006), Jörn Rüsen (2012), among others.

Keywords: History Teaching, Local History, Teaching Material.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Apostilas e livros adotados na disciplina de História local em Juazeiro do Norte.....	61
Figura 2 - capa da terceira apostila adotado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte – 6º ano.....	71
Figura 3 - Capa da terceira apostila adotada na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte – 7º ano.....	75
Figura 4 - Capa da terceira apostila adotada na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte – 8º ano.....	77
Figura 5 - Capa da terceira apostila adotada na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte – 9º ano.....	80
Figura 6 - Capas dos livros “Juazeiro do Norte: Cidade da gente”, adotadas na disciplina de Estudos Regionais - Ensino Fundamental I e II.....	84
Figura 7: páginas do livro “Juazeiro do Norte: Cidade da gente” - quarto material didático adotado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte.....	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Unidades, temas e conteúdo do livro “Juazeiro do Norte: Cidade da gente” - quarto material didático adotado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte.....	88
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - população das principais cidades do Ceará entre 1920 e 1940.....	12
Tabela 2 - Número de escolas, docentes e discentes matriculados na rede de Ensino Básica em Juazeiro no ano de 2023.....	13
Tabela 3 - Autores da apostila “Conhecendo o Cariri”, segundo material didático adotado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte.....	65
Tabela 4 ^a - Autores dos livros “Juazeiro do Norte: Cidade da gente” - quarto material didático adotado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte.....	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: direito à memória e identidade.....	22
1.1 A INSERÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL NAS LEIS EDUCACIONAIS: LDB, PCNS, BNCC, DCRC-CE 2019 e outras diretrizes.....	25
1.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE: ferramentas para o despertar da consciência histórica no ensino de História Local.....	32
1.3 HISTÓRIA LOCAL COMO DISCIPLINA ESCOLAR: conceitos e metodologias..	39
2. DE “JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO ROMÃO BAPTISTA” AOS ESTUDOS REGIONAIS: transformação curricular e a abordagem dos materiais didáticos.....	59
2.1 ENTRE APOSTILAS E LIVROS: análise do Material Didático de Estudos Regionais no Ensino Fundamental II em Juazeiro do Norte.....	61
2.2 O PRIMEIRO MATERIAL DIDÁTICO: análise crítica de uma apostila mimeografada.....	62
2.3 “CONHECENDO O CARIRI”: análise da segunda apostila utilizada na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte.....	64
2.4 “A CULTURA DO CARIRI – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO”: uma nova apostila para cada série.....	70
2.4 O NORDESTE VEM A JUAZEIRO: a apostila para o 6º ano.....	71
2.5 O MEU CARIRI: apostila para o 7º ano.....	75
2.6 A CULTURA DO CARIRI – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: apostila para o 8º ano	77
2.7 NO CEARÁ É ASSIM - apostila para o 9º ano.....	81
2.8 “JUAZEIRO DO NORTE, CIDADE DA GENTE”: o primeiro livro didático.....	84
2.9 MATERIAIS DIDÁTICOS DE ESTUDOS REGIONAIS: entre o esforço e a necessidade de aperfeiçoamento em Juazeiro do Norte.....	92
3. CURRÍCULO, DISCIPLINA DE ESTUDOS REGIONAIS: a inspiração como proposição para o ensino de História Local em Juazeiro do Norte.....	95
3.1 “INSPIRAÇÕES PARA O PROFESSOR”: construindo uma História inclusiva....	98
3.2 CONCEPÇÃO DA IDEIA PARA A PRODUÇÃO DO PRODUTO: inspirações para aulas de História Local sobre Juazeiro do Norte-CE.....	101
3.4 AS AULAS, OU MELHOR, AS INSPIRAÇÕES.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a produção e uso do material didático utilizado na disciplina de “Estudos Regionais” pelas professoras e professores do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Juazeiro do Norte - CE, nas três últimas décadas (1990-2020).

Juazeiro do Norte, situada ao sul do Ceará, ganhou projeção a nível nacional no final do século XIX, quando ainda era apenas um povoado do município do Crato, através dos chamados “fatos sobrenaturais” ocorridos com uma jovem beata, Maria Magdalena do Espírito Santo, que, ao receber a hóstia consagrada ministrada pelo padre Cícero Romão Baptista, viu a mesma ser transformada em sangue.

O fato, ocorrido pela primeira vez em 01 de março de 1889, ganhou repercussão na imprensa de todo o território brasileiro¹ e até fora dele, dando início a uma extraordinária e polêmica questão entre o povoado, que acreditava e defendia a veracidade dos acontecimentos e a hierarquia da Igreja Católica, que os considerava como “prodígios vãos e supersticiosos”.

Apesar da negação por parte da Igreja Católica sobre a autenticidade dos fatos, chegavam ao povoado do Juazeiro centenas de mulheres e homens de todos os recantos do Nordeste, muitos, inclusive, passando a residir no lugar. Tais eventos especiais tiveram um impacto significativo no desenvolvimento e na transformação do povoado de Joazeiro² ao longo do tempo.

Em 22 de julho de 1911, Juazeiro alcançou sua autonomia política, sendo elevada à categoria de Vila pela Lei nº 1.028. Nessa época, padre Cícero, já engajado na política partidária e filiado ao Partido Republicano

1 Sobre esta questão, ver: PINHO, Maria de Fátima Moraes. PADRE CÍCERO: anjo ou demônio? Teias de notícias e ressignificações do acontecimento padre Cícero (1870-1915). Tese de doutorado defendida em 12 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2173.pdf>

2 Até a década de 1940, o lugar era grafado desta forma. Pelo Decreto Estadual nº 1.114 de 30 de dezembro de 1943, a cidade passou a ser oficialmente denominada Juazeiro do Norte. Para facilitar a compreensão do texto, utilizaremos a grafia atual do nome.

Conservador Cearense (PRCC), assumiu a direção do município como intendente. Reconhecido como a maior liderança religiosa do sertão brasileiro, ao ingressar na política também se tornou um dos maiores líderes políticos do país, com influência suficiente para eleger deputados, senadores, governadores e até presidentes da República.

Sua influência religiosa e política atraíram cada vez mais pessoas de todas as classes sociais, que vinham visitar ou fixar residência em Juazeiro, transformando a cidade em um importante centro de romarias e em uma das mais promissoras do Ceará.

Ao longo do século XX, o fluxo constante de visitantes impulsionou o comércio local, a criação de empregos e o desenvolvimento de infraestrutura básica para atender às necessidades dos peregrinos, com a abertura de estabelecimentos comerciais, hospedagens e serviços para suprir a crescente demanda.

Apesar dos esforços da Igreja Católica para proibir e coibir as romarias à Juazeiro do Norte, estas continuaram a crescer a cada ano, especialmente após a morte do padre Cícero em 1934.

Segundo dados da Secretaria de Turismo, Juazeiro do Norte recebe por volta de 2,5 milhões de romeiras/os anualmente. O maior fluxo de visitantes ocorre durante as 4 romarias: morte do sacerdote, em 20 de julho; Festa da padroeira Nossa Senhora das Dores, de 01 a 15 de setembro; Dia de Finados, em 02 de novembro e Romaria de Nossa Senhora das Candeias, em 02 de fevereiro. Porém, conforme ressalta Cordeiro (2011, p. 35), “[...] o fluxo de visitantes não se restringe a esses períodos, pois durante as semanas que antecedem as festas religiosas é comum distinguir grupos de romeiros em visita à cidade, assim como ao longo do ano, com menor visibilidade.”

Portanto, as romarias à Juazeiro do Norte desempenham um papel significativo no crescimento econômico da cidade ao impulsionar o turismo, o comércio e a infraestrutura local, transformando o município no maior polo econômico da região do Cariri.

Desde os chamados “fatos extraordinários” ocorridos com a beata Maria de Araújo³ no povoado no final do século XIX, Juazeiro teve um crescimento vertiginoso, conforme pode ser visto na tabela abaixo:

Tabela 1: população das principais cidades do Ceará entre 1920 e 1940

1920			1940			1950		
Cidade	População	Ranking	Cidade	População	Ranking	Cidade	População	Ranking
Fortaleza	78.536	1°	Fortaleza	180.185	1°	Fortaleza	270.169	1°
Sobral	39.003	2°	Sobral	56.067	2°	Sobral	70.011	2°
Iguatu	32.406	3°	Itapipoca	49.328	3°	Itapipoca	64.907	3°
Baturité	30.032	4°	Cascavel	47.475	4°	Juazeiro	56.146	4°
Crato	29.774	5°	Quixadá	46.478	5°	Acaraú	54.973	5°
Granja	27.962	6°	Crato	40.282	6°	Cascavel	53.620	6°
Aracati	27.551	7°	Maranguape	39.212	7°	S. G. do Amarante	51.399	7°
Itapipoca	27.409	8°	Acaraú	39.134	8°	Canindé	48.320	8°
Cascavel	26.041	9°	Juazeiro	38.145	9°	Quixeramobim	46.843	9°
Juazeiro	22.067	17°	Canindé	34.754	10°	Crato	46.408	10°

Fonte: Censo do IBGE

Hoje, conforme o último censo demográfico recentemente divulgado, Juazeiro do Norte tem uma população de 286.120 pessoas. No ranking da população dos municípios, desponta na 3ª colocação do Estado do Ceará, 20ª na região Nordeste, 96ª no Brasil.⁴

Esse crescimento e transformação não se limitaram apenas ao âmbito religioso. Com o aumento da população e a progressiva atividade econômica, a cidade também experimentou avanços em áreas como educação, saúde, infraestrutura urbana.

A história da educação em Juazeiro do Norte remonta ao século XIX, precisamente em setembro de 1858, quando ainda era apenas um povoado do Crato. Naquele período, o governo da Província criou uma cadeira de ensino

3 Para mais informações sobre os acontecimentos em Juazeiro do Norte e o papel de Maria de Araújo, consulte PINHO, Maria de Fátima Moraes. *Horto do Padim Ciço: Narrativas, Imaginário, Intervenções*. Sobral-CE: Sertão Cult, 2023.

4 Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/juazeiro-do-norte.html>

primário para o sexo masculino através da Resolução nº 858, tendo como primeiro professor, o então capelão do lugar, padre Antônio Almeida.⁵ Em julho de 1876, através da Lei 1.171, é criada a cadeira de ensino do sexo feminino.

Em 1909, de acordo com o dossiê elaborado por Floro Bartholomeu quando estava em curso a luta pela emancipação política, Juazeiro já tinha 20 escolas, sendo 18 particulares (12 para o sexo feminino e 06 para o masculino) e 02 públicas (01 para o sexo feminino e 01 para o masculino).⁶

Na década de 1920, além de um grande número de escolas particulares, Juazeiro já contava com quatro escolas públicas. Em 1934, foi fundada a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, considerada a primeira do Brasil.

Atualmente, Juazeiro do Norte ocupa o terceiro lugar no ranking estadual quanto ao número de matriculados na Rede Básica de Ensino, com um total distribuído da seguinte forma:

Tabela 2: Número de escolas, docentes e discentes matriculados na rede de Ensino Básica em Juazeiro no ano de 2023

Nº DE DISCENTES MATRICULADOS	Ensino infantil	11.667
	Ensino Fundamental	36.747
	Ensino médio	11.882
TOTAL DE MATRICULAS		60.296
DISCENTES	Ensino infantil	676
	Ensino fundamental	1.654
	Ensino médio	595
TOTAL DE DISCENTES		2.925
ESCOLAS	Ensino infantil	140
	Ensino fundamental	151
	Ensino médio	27
TOTAL DE ESCOLAS		318

Fonte: IBGE, 2023⁷

5 Pedro II – CE, Nº 1852, 02/10/1858, p. 01.

6 Este documento está no Departamento Histórico Diocesano Padre Antônio Gomes (DHDPG).

7 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/juazeiro-do-norte>

É importante destacar que, segundo José Edival Dias da Silva, da assessoria da modalidade de Jovens e Adultos – EJA, deste total de professores do Ensino Fundamental II, apenas 90 são da área de Humanas e, destes, aproximadamente 49, trabalham com Estudos Regionais. Não obstante ser um lugar de peregrinação, palco de diversos fatos históricos como a questão religiosa, a guerra civil de 1913/14⁸, os alunos e alunas não estudaram sua história no ambiente escolar.

Somente em 1990, quando da elaboração da Lei Orgânica do Município, foi introduzida no currículo escolar a disciplina de “História do padre Cícero”, com a seguinte redação:

Art. 175: A História de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista, será disciplina obrigatória nos currículos das Escolas Municipais de 5ª a 8ª séries, na parte diversificada. (JUAZEIRO DO NORTE, p.46)

É importante ressaltar que, neste momento, o Brasil vivia o período da redemocratização. Após 21 anos de regime autoritário⁹, foi promulgada a nova Constituição Brasileira em 05 de outubro de 1988, na qual, em seu Art. 29 se dizia:

O Município reger-se-á por lei orgânica, votada em dois turnos, com o interstício mínimo de dez dias, e aprovada por dois terços dos membros da Câmara Municipal, que a promulgará, atendidos os princípios estabelecidos nesta Constituição, na Constituição do respectivo Estado.¹⁰

Dessa forma, a nova Constituição promoveu a descentralização do poder conferindo maior autonomia aos municípios, exigindo, como forma de possibilitar sua organização e autonomia política, administrativa e financeira, que cada município elaborasse a sua lei orgânica, uma espécie de

8 Conflito armado entre as tropas do governo estadual de Franco Rabello e os devotos do padre Cícero ocorrido entre dezembro de 1913 e março de 1914. Para saber mais, ver: Pinho, 2019; CAMURÇA, Marcelo. **Marretas, Molambudos e Rabelistas**: a revolta de 14 no Juazeiro. São Paulo: Maltese, 1994.

9 SILVA, Sônia Meneses. **Operação Midiográfica**. O Golpe de 1964 e a Folha de S. Paulo. São Paulo: Intermeios, 2016.

10 Constituição Brasileira.

Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>

“constituição municipal” na qual se estabeleciam normas fundamentais para a organização e funcionamento da administração local.

Uma vez promulgada a Lei Orgânica do município de Juazeiro do Norte, coube à Secretaria de Educação a implantação da disciplina sobre a “História do padre Cícero” no currículo escolar das séries do Ensino Fundamental II. No transcorrer dos anos, no entanto, esta disciplina mudou de nomenclatura passando a ser intitulada, no final da década de 1990, apenas “História de Juazeiro” e, finalmente, nos anos dois mil, recebeu o nome de “Estudos Regionais” (OLIVEIRA, 2001, p. 14).

Apesar de indicar uma ampliação do campo de estudo, que passaria a ser ensinado a História Regional, sua estrutura e conteúdo continuaram abordando apenas a história do município de Juazeiro e dos fatos ligados ao padre Cícero. Ao ser implantada a disciplina, uma das tarefas a ser enfrentada seria a elaboração de material didático que pudesse dar suporte aos professores e professoras em sala de aula.

Nesta perspectiva, nossa principal questão é analisar o contexto, a produção e o processo de elaboração do material didático utilizado nas aulas da disciplina de Estudos Regionais da Rede Municipal de Ensino, nas séries do 6º ao 9º ano. Em vista disso, discutiremos as seguintes questões: o material didático distribuído e utilizado pelos docentes do Ensino Fundamental II contribui com o estudo da História Regional e Local de forma mais abrangente? Como os professores e professoras desenvolvem os conteúdos da disciplina de Estudos Regionais de forma a possibilitar aos alunos o conhecimento sobre a História Local e Regional? Quais as fontes utilizadas? De que forma os autores e autoras deste material didático se utilizaram, das fontes, em sua confecção? Quem são eles e elas? A partir de quais critérios foram selecionados para tal tarefa?

Hoje existe um forte debate em torno da importância do Ensino de História. Mas, muitos se perguntam por que estudar História? Bloch, certa vez, escreveu que:

Papai, então me explica para que serve a história.” Assim um garoto, de quem gosto muito, interrogava há poucos anos um pai historiador. Sobre o livro que se vai ler, gostaria de poder dizer que é minha resposta. Pois não imagino, para um escritor, elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares. Mas simplicidade tão apurada é privilégio de alguns raros eleitos. Pelo menos conservarei aqui de bom grado essa pergunta como epígrafe, pergunta de uma criança cuja sede de saber eu talvez não tenha, naquele momento, conseguido satisfazer muito bem. Alguns, provavelmente, julgarão sua formulação ingênua. Parece-me, ao contrário, mais que pertinente. O problema que ela coloca, com a incisiva objetividade dessa idade implacável, não é nada menos do que o da legitimidade da história. (BLOCH, 2001, p. 41)

A questão colocada acima pelo historiador francês, acredita-se, já foi vivenciada por muitos professores e professoras de História: afinal, por que estudar História?

Enquanto professora de História do Ensino Básico, essa seria uma das inúmeras preocupações que carrego todas as vezes que tal pergunta me é feita. Na tentativa de responder da melhor forma possível, respondo que a História serve não apenas para decorar, mas para nos fazer enxergar além, não aceitar as questões referentes à vida como prontas e acabadas, interrogar, refletir sobre e assim chegar a uma conclusão de cunho próprio. Conforme Fernandes (1995, p. 44), o ensino de História na escola serve para fazer com que o aluno realize reflexões de caráter histórico, praticando a reflexão crítica, norteando-o para outras reflexões que ele possa utilizar na sua vida cotidiana. Dessa forma, busco desenvolver nas minhas aulas um ensino reflexivo, problematizador, investigativo, questionador, no qual alunos e alunas possam perceber que, para além da História dita tradicional de um local, de um lugar, temos outros sujeitos envolvidos no processo histórico, não apenas os dominantes.

Compreendendo, portanto, a importância do estudo da História Regional e Local para despertar o senso crítico dos educandos e educandas e percebendo, ao longo dos anos como professora uma lacuna neste tocante, acredito ser fundamental fazer uma discussão acerca da disciplina de Estudos Regionais implantada no currículo do Ensino Fundamental nas últimas duas décadas, buscando, também, analisar a produção do material didático que

serve de subsídio e suporte para os discentes vinculados à Secretaria de Educação do município.

No âmbito acadêmico, observa-se várias produções referentes ao estudo da História Local de várias regiões do Brasil. Ao acessar o portal do ProfHistória Nacional, facilmente nos deparamos com trabalhos dessa natureza. Ao inserir no campo de pesquisa a palavra-chave História Local, o resultado apresentado é de oito páginas, cada uma com vinte dissertações, exceto a oitava, que consta apenas uma. Cada dissertação observada apresenta uma produção de forma implícita ou explícita abrangendo diferentes localidades brasileiras, desde os grandes centros até àquelas consideradas mais longínquas, com propostas diferenciadas de pesquisa e produtos de como fazer chegar ao professor e ao aluno a história de sua localidade.

No YouTube, encontramos na página do ProfHistória Nacional¹¹ uma mesa de debate interessantíssima realizada durante o período da pandemia falando e debatendo sobre o estudo e o ensino da História Local, com a mediadora expondo grande parte dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes do mestrado com foco nestas questões.

Quando analisamos o ensino de História Local em Juazeiro do Norte, constatamos a carência reclamada pelos professores quanto ao material didático. Existe a produção na academia, mas ela não chega ao Ensino Básico, ainda falta um canal mais direto entre a universidade e este. Assim sendo, socialmente falando existe uma demanda sinalizada pelos professores de Estudos Regionais do município de Juazeiro do Norte quando se fala do material didático para ministrar as aulas da referida disciplina. Considerando as produções às quais tivemos acesso, aquilo que é disponibilizado se caracteriza mais como História Local de Juazeiro do Norte do que como História Regional.

É importante ressaltar que, pessoalmente, além de gostar do meu trabalho como professora, a Educação salvou a minha vida, pois, enquanto estava em casa em uma situação vulnerável, pensava: vou estudar e sair dessa situação, vou ajudar minha mãe. O curso de História da Universidade Regional do Cariri (URCA) fez parte desta trajetória, proporcionando uma

11 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a6S0VJPBfvg&t=1645s>

profissão numa área que aprecio e que possibilitou tudo o que tenho atualmente. Dessa forma, compartilho com os meus alunos um pouco da minha história no desejo de levar esperança para eles de uma vida digna através dos estudos. E tudo isso se deu em Juazeiro do Norte, cidade na qual tenho orgulho de ter nascido.

Poderíamos responder de imediato que a História visa o homem e que a vida de cada homem se desenvolve nos pequenos espaços. É neles que cada um se insere e se realiza, integrado numa família e numa comunidade, comunidade que é simultaneamente resultado e fatora do mundo. Por isso o amor à terra pode constituir uma boa razão para a História Local, porque o amor é mais perfeito e mais forte quando se apoia no conhecimento. Quem conhece a História da sua terra pode amá-la com mais consistência.” (SILVA, 1999, p. 383)

Fiz a escolha de cursar o Mestrado em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) visando o cotidiano escolar, o meu local de trabalho enquanto professora, a minha prática, o aperfeiçoamento das aulas. Já que estamos falando em ensino de História proponho, portanto, como produto, um material didático que possa auxiliar no dia a dia da nossa vivência em sala de aula.

Muitas pessoas não entendem o que fazemos enquanto professores, não estou lá somente para ensinar um determinado conteúdo, pelo contrário. Por estarmos falando de ensino público, tento dirimir a resistência em estudar que os meus alunos e alunas demonstram, alimentando neles os sonhos de uma melhoria de vida que lhes traga dignidade através dos estudos e os leve a uma profissão que almejem, não uma imposta por seus familiares.

Dessa maneira, objetivamos de forma geral analisar a produção e utilização do material didático na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte entre 1990-2020, nas séries do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), buscando compreender como esse recurso pedagógico influencia o processo de aprendizagem dos estudantes e sua percepção sobre a história da região, incluindo aspectos culturais, sociais, econômicos e geográficos. E como objetivos específicos, analisar a implantação, produção e conteúdo do material didático utilizado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte,

identificando os temas, abordagens e recursos utilizados para ensinar a História Local; averiguar a percepção dos professores e professoras em relação ao material didático utilizado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte por meio de questionários, a fim de compreender sua opinião sobre a eficácia do material no ensino da História Local; desenvolver um produto didático que possa aprimorar o material utilizado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte, visando torná-lo mais adequado, relevante e atrativo para o ensino de História Local, levando em consideração as necessidades e interesses dos estudantes.

De forma metodológica, no desenvolvimento da dissertação pretendemos, portanto, realizar um estudo comparativo entre as apostilas que tivemos acesso até então, além da busca por outros materiais, se é que existem, para que se possa sanar nossa dúvida sobre o que foi produzido referente à História Local de Juazeiro do Norte - CE, de 1990 a 2020.

A presente dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro, intitulado "Ensino de História Local: direito à memória e identidade", aborda a inserção do ensino de História Local nas legislações brasileiras. Em seguida, discutimos conceitos relacionados ao ensino de História, memória e identidade, finalizando com uma análise do ensino de História Local nos currículos.

No segundo capítulo, "De Juazeiro do Padre Cícero Romão Baptista aos Estudos Regionais: transformação curricular e a abordagem dos Materiais Didáticos", analisamos três apostilas e um livro didático oferecidos pela Coordenadoria Pedagógica da Secretaria de Educação do Município de Juazeiro do Norte.

No terceiro e último, "Currículo, Disciplina Escolar e Estudos Regionais: a inspiração como proposição para o Ensino de História Local em Juazeiro do Norte", discutimos os conceitos de currículo e disciplina escolar. Propomos, ainda, a elaboração de dez atividades que denominamos "Inspiração".

1. ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: direito à memória e identidade

A inclusão da História Local nos currículos do ensino de História é uma inovação relativamente recente na área educacional. A valorização da História Local e Regional começou a ganhar destaque na segunda metade do século XX, quando se percebeu que o ensino de História poderia ser mais significativo e relevante se contextualizado no ambiente em que os estudantes viviam.

A expansão dessa perspectiva historiográfica ganhou força com a Escola dos Annales, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre na década de 1920, revolucionando a maneira como a História era estudada e ensinada. Essa escola trouxe importantes contribuições para a compreensão da História Local, ao valorizar a análise das estruturas sociais, das mentalidades e das transformações de longo prazo, em contraste com a ênfase tradicional em eventos políticos e grandes personagens.

A nova abordagem propiciada pelos Annales promoveu uma ruptura com a historiografia tradicional, que se concentrava majoritariamente em narrativas políticas e biografias de figuras célebres. Essa mudança permitiu que os historiadores expandissem os horizontes da disciplina, integrando diferentes campos de estudo, como Geografia, Economia, Antropologia e Sociologia. Nesse sentido, a História Local passou a ser vista como uma parte essencial do estudo histórico, e não como um mero apêndice da História nacional ou mundial.

O estudo da História Local, sob essa nova ótica, possibilita a compreensão das particularidades de cada lugar e do modo como ele foi moldado por forças sociais, econômicas, culturais e ambientais. Passa-se a investigar não apenas os eventos locais, mas também os padrões e as transformações de longo prazo que impactaram a história de uma determinada região. Ao explorar a História Local, é possível analisar processos históricos em uma escala mais reduzida, o que permite uma compreensão mais

contextualizada e profunda do passado, contribuindo para a construção de uma história plural e inclusiva.

A análise da História Local pela perspectiva dos Annales também proporcionou uma maior aproximação com os atores e comunidades que participaram de processos históricos específicos. Historiadores passaram a se concentrar nas experiências cotidianas das pessoas, suas práticas culturais e relações sociais e econômicas, dando voz a grupos historicamente marginalizados ou negligenciados pela historiografia tradicional.

Um conceito relevante para os estudos relacionados ao ensino de História Local é o da “Teoria da Consciência Histórica”, desenvolvida por Jörn Rüsen e discutida em sua obra “Razão Histórica: teoria da História” (2001). Segundo Rüsen, “[...] são as situações genéricas e elementares da vida prática dos homens (experiência e interpretação do tempo) que constituem o que conhecemos como consciência histórica” (p. 54).

Rüsen define, portanto, a consciência histórica como uma forma de pensamento orientada pela **experiência do tempo** e que desempenha um papel fundamental na formação da identidade individual e coletiva. Para ele, ela é o mecanismo que transforma o conhecimento histórico em uma ferramenta prática para a vida cotidiana, ajudando as pessoas a tomar decisões, compreender suas origens e projetar seu futuro.

Desta forma, entendendo que o pensamento histórico dos estudantes pode ser construído pela maneira como a História Local é apresentada e interpretada em sala de aula e constatando que a **consciência histórica** envolve a capacidade de compreender o tempo historicamente — o que inclui passado, presente e futuro — atribuindo sentido às experiências do passado em relação ao presente, percebe-se que o ensino de História Local pode ser uma ferramenta poderosa nesse processo, pois aproxima os estudantes de suas próprias origens, permitindo que eles se reconheçam nos eventos e processos históricos.

É possível afirmar, portanto, que a inclusão do ensino de História Local nos currículos escolares do Ensino Básico favorece uma compreensão mais profunda da identidade e das transformações de uma comunidade. Ao estudar

a história de sua própria localidade, os estudantes desenvolvem uma consciência histórica mais significativa, pois conseguem se conectar diretamente com os eventos, práticas e tradições que moldaram a sociedade em que vivem.

Nessa perspectiva, é fundamental conceber o ensino de História como um todo com um horizonte voltado para uma educação libertadora e crítica. Neste ponto, Fonseca (2005, p. 89) ressalta que é importante que professoras e professores atentem às seguintes questões essenciais, que visam promover uma consciência histórica transformadora e emancipadora, levando em conta duas primícias:

[...] A primeira é pensar a história como disciplina fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora e libertadora. A história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva. A segunda é ter consciência de que o debate sobre o significado de ensinar história processa-se, sempre, no interior de lutas políticas e culturais. Logo, discutimos, procuramos desvendar a lógica das relações que envolvem tanto a produção quanto a difusão do conhecimento, apontando limites, possibilidades, desejos e necessidades historicamente construídas.

O ensino de História só fará sentido se gerar em nossos alunos dignidade através do processo educativo, não só ele, mas a educação como um todo que transforma vidas. Me coloco enquanto exemplo, pois a educação mudou a minha vida, mas foi a longo prazo. E é a longo prazo que se pode estimular o jovem a entender que o processo é lento, considerando a sociedade na qual ele está inserido. Não basta apertar botões para ter tudo nas mãos de uma hora para outra, é difícil, mas não impossível. E é na escola que o professor, ao desenvolver o seu trabalho, o ensino de História na prática, fará a diferença e levará o aluno a realizar essa construção que tanto me chama a atenção quanto à consciência histórica em Rüsen: “[...] a interdependência entre passado, presente e futuro e é nessa interdependência que o ser humano consegue orientar sua vida, vida prática no tempo. [...] A construção da consciência histórica está ligada à vida prática humana” (2001, p. 74-78).

É preciso sublinhar, no entanto, que a valorização da História Local nos currículos varia de acordo com as políticas educacionais de cada país e região.

Em alguns contextos, a inserção da disciplina no ensino foi implementada de maneira mais rápida, impulsionada por movimentos de valorização das identidades regionais e de fortalecimento da cidadania. Em outros, a mudança ocorreu de forma mais gradual, como resultado de reformas educacionais que buscavam tornar o ensino de História mais plural e inclusivo.

1.1 A INSERÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL NAS LEIS EDUCACIONAIS: LDB, PCNS, BNCC, DCRC-CE 2019 e outras diretrizes

A inclusão da História Local nos currículos do Ensino Fundamental é um avanço importante na educação brasileira, promovida por legislações como a LDB, os PCNs e a BNCC.

O primeiro marco na educação brasileira foi a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, instituindo as diretrizes curriculares nacionais. No que diz respeito ao ensino de História, no Art. 32, referente ao Ensino Fundamental, a LDB estabelece como objetivo a formação básica do cidadão, destacando:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

IV – O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.” (pp. 22-23)

Evidencia, assim, a importância de conectar o ensino às realidades locais, promovendo um sentimento de pertencimento e solidariedade que só pode ser fortalecido através de uma educação que valorize a comunidade e a cultura local. Nesse sentido, estabelece que o estudo da História Local desempenha um papel fundamental, pois ao conhecer o passado de sua comunidade, os estudantes compreendem melhor o contexto em que vivem, suas origens e as transformações que moldaram seu ambiente.

Mesmo não determinando, explicitamente, a inclusão de conteúdos de História Local, a LDB, ao fortalecer esses vínculos sociais, leva a entender a necessidade de valorizar a história e a cultura dos lugares onde os alunos estão inseridos, permitindo, dessa forma, aos educadores, a possibilidade de criar estratégias pedagógicas que integrem a História Local ao currículo escolar, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Assim, ao integrar a história de sua região, do seu local, ao currículo escolar, é possível desenvolver o fortalecimento dos laços entre os alunos e seu entorno, ajudando-os a construir uma consciência histórica que, segundo Jörn Rüsen (2001), envolve a interpretação do passado em relação ao presente e a orientação para o futuro.

Outro marco importante nesse processo foi a construção e implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1998. Os PCNs reconhecem a importância de se valorizar a História Local no Ensino Básico, entendendo que o estudo da história de uma comunidade desempenha um papel essencial na vida dos estudantes. Nessa direção, argumenta:

Ao se recuperar esses materiais, que são fontes potenciais para a construção de uma história local parcialmente desconhecida, desvalorizada, esquecida ou omitida, o saber histórico escolar desempenha um outro papel na vida local, sem significar que se pretende fazer do aluno um “pequeno historiador” capaz de escrever monografias, mas um observador atento das realidades do seu entorno, capaz de estabelecer relações, comparações e relativizando sua atuação no tempo e espaço (PCNs, p. 29).

Ao reconhecer a importância do estudo da História Local, ressalta, entretanto, que a intenção não é transformar os estudantes em pequenos historiadores, mas, sim, despertar neles o desejo de observar, compreender e refletir sobre sua relação com o meio em que estão inseridos. O objetivo é desenvolver uma consciência crítica que lhes permita interpretar o passado local, relacionando-o com questões mais amplas da história nacional e mundial. Nesse contexto, o ensino de História Local funciona como uma ferramenta de empoderamento, equipando os estudantes com o conhecimento necessário

para compreender e valorizar sua própria história, bem como o patrimônio cultural de sua comunidade.

Destarte, o ensino de História Local favorece o desenvolvimento da consciência histórica dos alunos, conforme discutido por Rüsen, ao permitir que eles se tornem observadores críticos e ativos de seu entorno e de sua identidade cultural. Ao reconhecer as dinâmicas históricas que moldaram sua localidade, o estudante se vê como um agente histórico, capaz de interpretar o passado e influenciar o futuro de sua comunidade.

Além disso, os PCNs ressaltam a pertinência de trabalhar com as fontes da História Local, possibilitando que os alunos reconheçam a participação ativa de pessoas comuns na construção da história. Nesse sentido, destacam que:

Muitas reflexões inerentes à pesquisa histórica são significativas para o ensino na escola fundamental. As abordagens teóricas que problematizam a realidade social e identificam a participação ativa de “pessoas comuns” na construção da História - nas suas resistências, divergência de valores e práticas, reelaboração da cultura - instigam, por exemplo, propostas e métodos de ensino que valorizam os alunos como protagonistas da realidade social e da História e sujeitos ativos no processo de aprendizagem. [...] o ensino de História pode fazer escolhas pedagógicas capazes de possibilitar ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com problemáticas históricas inerentes ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial. (Ibid., pp. 33-34)

Desse modo, ao estudar a história de sua cidade ou bairro, o aluno percebe como resistências, divergência de valores e práticas culturais moldaram sua comunidade. Essa percepção amplia a capacidade de refletir criticamente sobre a vida cotidiana e suas relações sociais, enriquecendo sua visão sobre os processos históricos que impactaram a região da qual faz parte.

O ensino de História Local também se apresenta como uma oportunidade de adotar escolhas pedagógicas que tornem o aprendizado mais significativo. Ao relacionar as vivências dos alunos com problemas históricos mais amplos, os educadores podem fazer com que o estudo seja mais relevante e envolvente. O ensino de História, nesse contexto, ajuda os estudantes a refletirem sobre suas próprias práticas e valores, permitindo-lhes

fazer conexões entre o passado e o presente e entender como as realidades locais dialogam com a história nacional e mundial.

No entanto, é importante destacar que o ensino de História Local não substitui o estudo da história nacional ou mundial, mas o complementa, proporcionando uma visão mais contextualizada do passado. A História Local pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, relacionando-se com áreas como Geografia, Literatura e Artes, o que enriquece a experiência educacional e permite uma abordagem mais ampla dos conteúdos.

Os PCNs também reforçam a importância de escolhas pedagógicas que permitam aos alunos refletir sobre seus valores e práticas cotidianas e relacioná-los com questões históricas que afetam seu grupo de convivência, localidade e região. Essa abordagem faz do contexto do aluno o ponto de partida para o ensino de História, tornando o aprendizado mais relevante e significativo, ao mesmo tempo que amplia sua compreensão quanto ao papel que a comunidade desempenha na história mais ampla do país.

Introduzindo uma perspectiva de ensino que valoriza a pluralidade cultural e histórica do Brasil, a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017, reforçou a discussão em torno da importância do ensino de História Local. Ao sugerir que as escolas busquem articular o conhecimento histórico com o contexto local e regional dos estudantes, destaca que:

O ensino de história deve possibilitar a compreensão de processos históricos locais, nacionais e globais, de maneira a promover o entendimento da diversidade e das inter-relações entre diferentes espaços e tempos. (BNCC, 2017).

Visando criar uma educação histórica mais conectada às realidades vivenciadas pelos alunos, a proposta pedagógica trazida pela BNCC busca articular a História Local com os grandes eventos históricos nacionais e internacionais assegurando, assim, a possibilidade de acessar as dinâmicas que moldaram a história de sua comunidade e a importância do seu papel como agentes históricos.

Ao propor que o ensino de História leve em consideração a história das comunidades locais, a BNCC reforça a importância de trabalhar com a diversidade cultural e regional do Brasil. Em vista disso, sugere que os conteúdos escolares sejam articulados com o espaço e o tempo em que os alunos estão inseridos, promovendo o reconhecimento das identidades locais e regionais, incentivando a integração da História Local como ferramenta para o desenvolvimento da cidadania e do senso crítico.

Outro documento assaz importante no que se refere à legislação sobre o Ensino Básico, é o **Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC-CE 2019)**. Trata-se de um guia essencial para a construção e implementação dos currículos das redes de ensino no Estado do Ceará:

[...] é constituído por diretrizes e linhas de ação básicas que configuram o Projeto Curricular do Estado do Ceará. [...] Cumpre salientar que o documento em pauta foi construído à luz da Base Nacional Comum Curricular (doravante, BNCC), mas incorpora, na sua estrutura, itens que se propõem a favorecer uma compreensão mais precisa do que é pretendido; e, na definição de objeto de conhecimento específico do nosso povo, acrescenta aqueles que aprofundam a identidade cearense. Buscamos, assim, promover o conhecimento de aspectos importantes para a cultura e a história do estado, valorizando-os como instrumentos de sensibilização do educando para o maior respeito e amor pela terra, seja aquela que lhe viu nascer ou aquela que lhe assegura abrigo. (DCRC-CE, 2019, p. 18)

O documento foi elaborado para estar alinhado à **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** e para atender às particularidades regionais, garantindo uma educação de qualidade que valorize as especificidades culturais, sociais e econômicas do Estado:

[...] assim como a BNCC, o DCRC é um currículo ou um conjunto de diretrizes norteadoras que garantirão a qualidade da ação educacional em todo o território do Ceará? Concluiu-se que o DCRC não é um currículo, mas um instrumento que possibilita reconhecer a imensa e plural diversidade do Ceará. Reúne habilidades e competências que permitem ao professor desenvolver, nos alunos, capacidades para participar das práticas sociais diversas, porque ele disponibiliza um conjunto de objetos de conhecimentos de que necessita o estudante em seu processo de formação humano e escolar. Tal conjunto de conhecimentos abrange todos os

componentes, desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. É preciso dizer que a sua base norteadora se delinea na Educação Infantil. Dessa forma, assim como a BNCC, o DCRC visa seu público-alvo nos mais diferentes e longínquos rincões cearenses, para que a educação chegue, fazendo de cada aluna e aluno sujeitos de direitos como garante a Constituição Federal, e vale ressaltar, de direitos iguais, seja nos solos pobres ou ricos do Ceará. (Ibid., pp. 27-28)

O DCRC-CE 2019 está estruturado de maneira a orientar os professores e gestores educacionais na implementação de um currículo que integre o conhecimento acadêmico e as realidades locais. Ele está organizado em diferentes áreas do conhecimento, com diretrizes claras para a **Educação Infantil**, o **Ensino Fundamental** e o **Ensino Médio**, além de enfatizar o **protagonismo dos estudantes** e o papel ativo das escolas na promoção de uma aprendizagem significativa.

Detalhando as competências e habilidades a serem desenvolvidas em cada área do conhecimento, como **Linguagens**, **Matemática**, **Ciências da Natureza**, **Ciências Humanas** e **Ensino Religioso**, propõe que essas áreas sejam abordadas de maneira interdisciplinar, buscando conectar os conteúdos aos contextos regionais e à realidade dos alunos.

Sobre o ensino de História Local na sala de aula, o DCRC-CE 2019 enfatiza a importância de contextualizar o ensino e conectar os conteúdos nacionais e mundiais com a realidade e a cultura da região. O documento sugere que o ensino de História seja utilizado como ferramenta para que os alunos compreendam sua própria identidade e a sociedade em que estão inseridos.

Segundo orientação do DCRC-CE, no Ensino de História

[...] o recorte é sobre o tempo, considerando acontecimentos, seus agentes e suas consequências. Para Carvalho (2013), os estudantes e as estudantes precisam entender as permanências de elementos históricos, como construções e hábitos que se iniciaram no passado, e as influências deles na atualidade. Além de identificar quais são eles, é necessário enxergar quem os causou e perceber-se como um agente histórico. (Ibid., p. 487)

Por conseguinte, propõe a abordagem de conteúdos de História Local e Regional em diversos níveis de ensino, principalmente no Ensino Fundamental. A ideia é que os alunos cearenses não apenas aprendam sobre fatos históricos globais e nacionais, mas que também conheçam e valorizem a história de sua comunidade, do Estado e do Nordeste como um todo.

Dessa maneira, temas como os movimentos políticos e sociais, a exemplo da **Revolução de 1817** no Cariri e da **Guerra Civil do Ceará** (Sedição de Juazeiro) de 1913/1914, os movimentos religiosos, incluindo a **questão religiosa de Juazeiro** e as romarias, além da **escravidão** e os impactos das **secas**, são de fundamental importância para serem discutidos e analisados em sala de aula. Esses tópicos ajudam a aprofundar o entendimento dos estudantes acerca da História Regional e suas conexões com o cenário nacional e global.

Em síntese, o objetivo é garantir que os estudantes desenvolvam uma noção crítica de suas origens e percebam a importância da História Local na formação da sociedade brasileira. Ao conectar o conhecimento histórico global e nacional com a História Local, o currículo cearense pretende promover o pertencimento cultural e a construção de uma identidade crítica e consciente, fomentando a reflexão sobre temas como cidadania, memória e identidade regional, suscitando a formação de uma visão mais ampla e engajada da história e da cultura cearenses nas salas de aula.

A partir desses documentos, o estudo da História Local ganhou destaque especial, uma vez que ressaltam a importância de sua contribuição para a construção da consciência crítica e social, pois permite que os alunos compreendam a participação de suas comunidades nos processos históricos mais amplos.

A possibilidade de novas abordagens com a inclusão do ensino de História Local, a memória coletiva e o conceito de identidade emergem como uma importante ferramenta pedagógica para o fortalecimento do vínculo dos estudantes com sua própria história e comunidade. Tais práticas promovem uma compreensão mais profunda e contextualizada da História, ao mesmo

tempo em que incentivam os alunos a reconhecerem suas raízes culturais e a valorizarem a memória de seus antepassados.

Nessa perspectiva, a memória coletiva, conforme analisada por Maurice Halbwachs (1990) e retomada por estudiosos como Pollak (1992), é valorizada como uma construção social. Assim, o ensino da História Local não apenas informa sobre o passado, mas igualmente serve como recurso pedagógico para que os alunos se reconheçam como protagonistas de uma narrativa coletiva, ao fortalecer sua identidade e compreender o papel das famílias e comunidades na História.

Dessa forma, ao ensinar História Local, pode-se trabalhar com a memória dos alunos utilizando documentos, fontes orais, patrimônio material e imaterial presentes na localidade, posto que estes são formas sensíveis de memória coletiva. Isso incentiva os estudantes a refletirem sobre a continuidade e as rupturas da história de sua cidade ou bairro, reconhecendo-se como parte de uma cultura que não é estanque, mas viva. Esse processo educativo promove o "empoderamento" dos alunos, fazendo com que valorizem suas raízes e compreendam o papel que lhes cabe na preservação da memória e do patrimônio cultural da comunidade em que vivem, como prevê a BNCC. Portanto, o ensino de História Local, articulado às diretrizes das leis educacionais, contribui para o fortalecimento da identidade e da cidadania, promovendo o respeito pela diversidade cultural e histórica do Brasil.

1.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE: ferramentas para o despertar da consciência histórica no ensino de História Local

Dois conceitos que são extremamente importantes quando se trata do ensino de História: memória e identidade. A construção da identidade individual e social de uma comunidade, assim como a formação de identidades sociais e pessoais, estão diretamente associadas à memória, uma vez que esta permite a cada geração estabelecer vínculos e laços com seus antepassados, seus ancestrais.

Ambos os conceitos são centrais no processo de construção da consciência histórica, pois permitem ao indivíduo e às comunidades situarem-se no tempo e compreenderem o presente à luz do passado. A memória, tanto individual quanto coletiva, funciona como um repositório de experiências que moldam a forma como os sujeitos percebem sua história, cultura e valores. Ela é composta por lembranças pessoais, mas também por narrativas compartilhadas que atravessam gerações e são transmitidas pelas famílias, escolas e pela sociedade. Halbwachs já sublinhou a importância da memória coletiva como um fenômeno social, construído e mantido por grupos, e é justamente essa dimensão que desempenha um papel crucial na educação histórica.

A identidade surge, no ensino de História, como um vínculo entre o aluno e seu contexto sociocultural, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o reconhecimento de sua participação nos processos históricos. Quando os alunos são incentivados a estudar a História Local e refletir sobre suas próprias origens, não apenas adquirem conhecimento a respeito do passado, mas constroem uma relação emocional e cognitiva com ele. Esse processo facilita o desenvolvimento de uma consciência histórica, conforme definido por Rüsen, que envolve a capacidade de interpretar o passado e utilizá-lo para orientar o presente e projetar o futuro. Ao reconhecer a diversidade de memórias e identidades que compõe a história de um grupo ou região, o ensino de História contribui para que os alunos compreendam seu papel como protagonistas da própria história e da história coletiva, despertando neles uma visão crítica e reflexiva sobre o tempo histórico.

O ensino de História Local, desse modo, confere importância e significado quando incluído no Ensino Básico, dada a possibilidade de trabalhar a formação de um raciocínio histórico que considere não só o indivíduo, mas a coletividade, discutindo, estudando, analisando as relações sociais que ali se estabelecem na realidade mais próxima.

O ensino de História Local configura-se, portanto, como um ponto de partida fundamental para a aprendizagem histórica, funcionando como um espaço-tempo de reflexão crítica sobre a realidade social e, principalmente, como uma referência para o processo de construção das identidades dos

sujeitos e de seus grupos de pertença. Ele possibilita ao aluno a compreensão mais profunda do seu entorno, o conhecimento dos espaços de luta e convivência, dos costumes, das manifestações culturais, das diversas formas de vivenciar as religiosidades e o cotidiano. Em suma, permite explorar as histórias de sua comunidade, com suas continuidades e rupturas.

Nesse contexto, a memória desempenha um papel essencial como ferramenta pedagógica. A memória, enquanto registro das experiências vividas e compartilhadas por uma comunidade, serve de ponte entre o passado e o presente, permitindo que os alunos se reconheçam nas histórias contadas e compreendam sua conexão com o tempo histórico. Ao trabalhar com as memórias locais, o professor pode auxiliar os alunos a dar sentido à própria história e à história do lugar onde vivem, valorizando as narrativas orais, os relatos familiares, os eventos comunitários e outros registros que, muitas vezes, não estão documentados formalmente, mas que constituem parte do patrimônio cultural e histórico de uma região.

O uso da memória no ensino de História Local permite que os alunos participem ativamente da construção do conhecimento histórico, tornando-se, ao mesmo tempo, sujeitos da história e guardadores de memórias. Ao entrevistar membros mais velhos da comunidade, ao visitar locais históricos e ao coletar relatos pessoais, se tornam protagonistas desse processo, ressignificando o passado à luz das suas experiências e daquelas de sua comunidade. Dessa forma, o ensino de História vai além da transmissão de fatos e datas, promovendo uma aprendizagem ativa que envolve a reconstrução de narrativas históricas a partir de uma perspectiva local e pessoal.

Pollak (1992), destaca que:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.” (POLLAK, 1992, p. 201)

O autor sugere que, ao pensar a memória como um fenômeno coletivo, precisamos levar em consideração os processos de poder envolvidos na sua construção. Quem define quais são as memórias relevantes? Quais narrativas são celebradas e quais são esquecidas? Esses questionamentos são centrais para entender a memória como um espaço de disputa e, muitas vezes, de conflito.

Dessa forma, o ensino da História Local oferece aos professores a oportunidade de, a partir das histórias individuais, das memórias e dos grupos, inserir os alunos na análise de contextos mais amplos, relacionando o local ao global. Isso os ajuda a compreender que a história de uma localidade não acontece de maneira isolada ou dissociada da história nacional e mundial. O estudante pode perceber que cada lugar e cada povo participa do processo histórico com suas identidades, cultura, religiosidade e formas de ser e conviver, e que, embora cada localidade tenha suas especificidades, ela integra uma realidade mais ampla, formada por identidades e culturas diversas e interconectadas.

Nesse processo, é essencial, contudo, que o professor tenha a sensibilidade de acolher o que os estudantes trazem para a sala de aula em relação à história de suas vidas e da comunidade onde vivem. Ao integrar o conhecimento de vida dos alunos com o conhecimento escolar, sem desconsiderar as experiências trazidas por eles, o processo de ensino e aprendizagem de História torna-se mais significativo e prazeroso. Quando os alunos entendem que são protagonistas de sua própria história, a construção do conhecimento histórico ganha mais relevância, despertando neles o interesse e o prazer pelo estudo da disciplina.

Ao mesmo tempo, a utilização da memória como ferramenta pedagógica valoriza o papel da comunidade e das histórias cotidianas, criando um espaço de diálogo entre o passado e o presente, permitindo que os alunos conectem suas vivências pessoais ao conteúdo escolar e promovam uma reflexão crítica sobre seu lugar na História. A memória, nesse sentido, fortalece a compreensão de que a história não é um processo linear, mas um mosaico de experiências humanas, cheio de continuidades e rupturas, que dá sentido à identidade local e às transformações da comunidade.

Considerando que o aluno chega à sala de aula com uma memória individual e coletiva em constante construção, seja em relação a ele, sua família ou o ambiente escolar, é crucial refletirmos sobre como esse processo de memória pode ser trabalhado de forma significativa no ensino da História Local. Ele está sempre fazendo escolhas sobre o que vai guardar ou não em suas memórias, e cabe ao professor tornar essa experiência mais impactante e envolvente.

A questão central é: como levar a história do lugar para a sala de aula de forma que ressoe na experiência pessoal do aluno? Uma das chaves para isso está em conectar o conteúdo histórico ao cotidiano do estudante, fazendo com que ele perceba o valor da história de sua cidade, bairro ou comunidade. Para que ao final de uma aula o aluno sinta vontade de preservar aquela narrativa e compartilhá-la com sua família, amigos, vizinhos, ou até mesmo com seus filhos no futuro, é necessário criar pontes emocionais e afetivas com a História Local.

No caso da História Local de Juazeiro do Norte, uma abordagem eficaz pode envolver o uso de métodos participativos e interativos, como por exemplo, incentivar os alunos a entrevistar familiares ou membros da comunidade sobre eventos da história religiosa, política e social, e, partindo da problematização e discussão sobre as entrevistas, promover aulas de campo¹² a locais históricos e museus da cidade, como o Horto, as igrejas, entre outros lugares, buscando perceber o desenvolvimento local, tornando, assim, o momento excelente como ponto de partida para o engajamento, fazendo com que percebam a relevância das experiências e memórias locais para a formação de sua identidade.

Outra estratégia é trabalhar com recursos multimídia, como fotografias antigas, vídeos-documentário e registros orais. Esses materiais não apenas capturam a atenção dos alunos, mas permitem que visualizem e contextualizem a história de forma mais concreta e palpável. Projetos coletivos, como a criação de um mural de memórias da cidade ou a elaboração de um

¹² Sobre este tema, ver o artigo: Pinho, Maria de Fátima Moraes e Andrade, Maria Lucélia de. HISTÓRIA LOCAL: USOS E POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS. REVISTA HISTORIAR, VOL. 15, Nº 29, JUL/DEZ 2023, PP. 153-174. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://HISTORIAR.UVANET.BR/](https://historiar.uvanet.br/)

documentário, podem transformar o ensino de História Local em uma experiência dinâmica e colaborativa.

Para Barros,

O local é o espaço primeiro da atuação do homem, por isso, o ensino de história local precisa configurar também essa proposição de oportunizar a reflexão permanente acerca das ações do que ali vivem como sujeitos históricos e cidadãos. Assim sendo, ensino de História Local pode configurar-se como um espaço que o local e o presente são referentes para o processo de construção de identidade. (BARROS, p. 16)

É através do que é vivido e onde é vivido que se constrói a identidade do ser humano, do sujeito histórico. Além, também, das pessoas que fazem parte da vida dos alunos e que são colocadas no centro das discussões referentes ao presente projeto. O que pais, avós, tios passaram para esses estudantes sobre a história de Juazeiro, do Pe. Cícero, do Horto? Qual relação foi construída entre esses estudantes e sua cidade? E na escola, como a história do lugar chegou aos alunos, para que pudessem desenvolver uma relação de afeto para com sua cidade, logo com suas origens?

O ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes, o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais." (Ibid., p. 12)

Através da memória, a identidade do sujeito é construída. Se fosse responder às questões postas acima, posso dizer, seguramente, que o que sei acerca da história de Juazeiro me foi passado mais pela família do que pela escola, do ensino de História propriamente dito. O amor que tenho por essa terra foi construído, então, pela minha família e não pela educação institucional.

Também no ensino-aprendizagem da disciplina de História se deve valorizar e incentivar a presença da história local. Mais uma vez, o surto verificado na historiografia local não tem sido acompanhado de um movimento correspondente, ao nível pedagógico. Aliás o assunto, não obstante a sua pertinência, nem sequer tem merecido especial

atenção da parte de investigadores e docentes de história. (MENDES, 2000, p. 364)

Ao iniciar o mestrado, tive a sensação de que muitas das questões que discutimos no decorrer do curso e que são produzidas na academia não chegam ao Ensino Básico. Tanto material é produzido, por que não o disponibilizar e fazê-lo chegar onde realmente deveria?

A questão da memória impõe-se por ser base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem “lugares da memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo.” (BARROS, p. 15)

Respondendo às perguntas feitas anteriormente, de forma resumida, como atingir o aluno com o ensino de História Local? Aqueles da faixa etária que estamos pensando em trabalhar, do 6º ao 9º ano (11-14 anos de idade), aprendem fazendo, participando do processo através da prática. Propomos o ensino de História Local através de uma experiência construída ao longo do ano, por meio de um processo, de uma sequência didática que proporcione aos alunos experiências referentes a personagens, lugares e acontecimentos que levem ao ensino da História Local de Juazeiro do Norte – CE.

Conforme ressalta Silva,

[...] devemos chamar atenção para a importância do papel do professor na aplicação desta nova metodologia [**História Local**]. O fundamental é tornar nossas aulas mais prazerosas, levando os alunos a perceberem que sua própria vida já é uma grande história e que o conhecimento histórico pode ser elaborado por todos, independentemente de qualquer aspecto social, político, econômico e cultural. (SILVA, 2004, p. 4)

Enfim, é necessário todo um conjunto de ações para que a aprendizagem se faça satisfatória, com escolas estruturadas, professores

qualificados, materiais didáticos bem elaborados que possam dar suporte metodológico aos professores e base de aprendizagem para os alunos. O projeto em foco pretende dar sua parcela de contribuição no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, assim como contribuir para o cotidiano de trabalho do professor.

1.3 HISTÓRIA LOCAL COMO DISCIPLINA ESCOLAR: conceitos e metodologias

Nas discussões acerca da introdução do estudo de História Local enquanto disciplina do currículo básico, diversos autores abordam o conceito de “disciplina escolar”. No intuito de traçar um pouco o panorama de como os historiadores concebem o tema, citaremos apenas 4 pesquisadores que, no nosso entendimento, dão conta de explicitar o debate.

Circe Bittencourt, no primeiro capítulo do livro “**Ensino de História: fundamentos e métodos**” (2004), discute o conceito de disciplina escolar como uma área do conhecimento que se ocupa dos processos de ensino e aprendizagem, das práticas pedagógicas e das normas que regulam a vida escolar, enfatizando a importância de compreender as disciplinas escolares como construções históricas e sociais, influenciadas por contextos políticos, culturais e educacionais.

No livro **História e Ensino de História**, Fonseca (2017), busca delinear de forma clara como a História se constitui como disciplina escolar. O ponto central de sua análise é o fato de o debate sobre o ensino de História estar intrinsecamente ligado aos enfrentamentos políticos e sociais da época. Assim, assinala que:

A constituição da História como disciplina escolar no Brasil – com objetivos definidos e caracterizada como conjunto de saberes originado da produção científica e dotado, para seu ensino, de métodos pedagógicos próprios – ocorre após a independência, no processo de estruturação de um sistema de ensino para o Império. Nas décadas de 1820 e 1830 surgiram vários projetos educacionais que, ao tratar da definição e da organização dos currículos,

abordavam o ensino de História, que incluía a “História Sagrada”, a “História Universal” e a “História da Pátria”. O debate em torno do que deveria ser ensinado nas escolas, e como isso seria feito, expressava, de certa forma, os enfrentamentos políticos e sociais que ocorriam então no Brasil, envolvendo os liberais e os conservadores, o Estado e a Igreja. (2017, pp. 46-47)

É possível afirmar que a História, de acordo com Fonseca, como disciplina escolar não é neutra, mas moldada por interesses políticos, sociais e culturais. As escolhas sobre o que incluir no currículo e como apresentar esse conteúdo refletem as dinâmicas de poder da sociedade em determinado momento. O autor nos lembra de que o processo de constituição da História como disciplina formalizada no Brasil foi fruto de um contexto de lutas e negociações que expressavam visões conflitantes sobre o papel da educação e o tipo de cidadão que se pretendia formar.

Outro pesquisador que trabalha com este conceito, é o sociólogo André Chervel (1990). Para ele, as disciplinas são uma forma de conhecimento escolar que organizam os conteúdos e as práticas de ensino. Chervel analisa a construção histórica das disciplinas e como elas são influenciadas por questões políticas, sociais e culturais. Ele também destaca a relação entre estas e o currículo escolar, ressaltando sua importância na organização do ensino.

Para a historiadora Selva da Fonseca (2005), que analisa, entre outros temas, as práticas pedagógicas e os saberes escolares, as disciplinas são construções sociais e históricas relacionadas ao contexto político, cultural e educacional. Fonseca investiga as práticas pedagógicas e a formação dos professores, analisando como as disciplinas são ensinadas e aprendidas na sala de aula.

Por fim, o historiador Itamar Freitas (2010) enfatiza a importância de compreender as disciplinas como conhecimentos socialmente construídos e que estão inseridos em um contexto específico. Freitas analisa a relação entre as disciplinas e o currículo escolar, explorando como elas são selecionadas, organizadas e ensinadas nas escolas.

Com base nestes autores, pode-se perceber uma compreensão mais ampla das disciplinas escolares, na qual se destaca sua natureza social,

histórica e política. Todos enfatizam a importância de considerá-las como construções culturais e elementos centrais na organização do ensino e do currículo escolar.

Outro conceito imprescindível na discussão proposta neste trabalho, é o de material didático. Novamente, nos utilizaremos dos argumentos de Bittencourt (2011, p. 295), quando afirma que “[...] os materiais didáticos são instrumentos de trabalho do professor e do aluno, suportes fundamentais na mediação entre o ensino e a aprendizagem”. A autora esclarece que:

Uma concepção mais ampla e atual parte do princípio de que os materiais didáticos são mediadores do processo de aquisição de conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina – no nosso caso, da História.” (Ibid., p. 296)

Por material didático, nos referimos aos recursos utilizados para apoiar o processo de ensino-aprendizagem de uma disciplina que são instrumentos pedagógicos fundamentais no ensino de História, sobretudo, da História Local, podendo ser livros didáticos, apostilas, filmes, documentários, mapas, fotografias, fontes primárias, jogos educacionais, entre outros instrumentos multimídia. O material didático deve, portanto, cumprir a função de oferecer aos alunos ferramentas para compreender, analisar e interpretar o passado, bem como desenvolver o pensamento crítico e histórico.

Estudiosos do tema já citados acima, chamam atenção para o fato de que o material deve ser selecionadas cuidadosamente para apresentar diferentes perspectivas históricas, evitar estereótipos e preconceitos e permitir que os alunos se engajem com o conhecimento histórico de maneira crítica e reflexiva. Resta, ainda, a necessidade de os professores serem mediadores competentes na seleção e uso do material didático em História. Estes devem ter a capacidade de adaptar e contextualizar os recursos de acordo com as características dos alunos, estimulando a curiosidade, a investigação e o questionamento dos estudantes sobre o passado.

Considerando, portanto, estas questões metodológicas e teóricas, percebemos que trazer a História Local para dentro da sala de aula é

potencializar a formação de cidadãos conscientes, favorecer a competência histórica e garantir uma função social e individual para a História. A utilização apropriada da localidade pode constituir um fator essencial à motivação dos conteúdos e ao exercício da cidadania.

Desse modo, a História Local tem um importante papel didático no ensino da História e deve ser aproveitada e desenvolvida para formar cidadãos conscientes e competentes, aproximando professores e alunos em seu espaço, estimulando a formação crítica e o exercício da cidadania na aproximação do saber histórico.

O ensino de História Local, conseqüentemente, é uma forma poderosa de conectar os estudantes com sua própria identidade, cultura e comunidade. Ao explorá-la, os alunos têm a oportunidade de compreender como eventos passados moldaram a região em que vivem, promovendo um senso de pertencimento e valorização do patrimônio histórico.

No texto clássico de Raphael Samuel - **História Local e História Oral** -, o autor ressalta:

A História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. As categorias abstratas de classe social, ao invés de serem pressupostas, têm de ser traduzidas em diferenças ocupacionais e trajetórias de vidas individuais; o impacto da mudança tem de ser medido por suas conseqüências para certos domicílios. Os materiais básicos do processo histórico devem ser constituídos de quais quer materiais que estejam à disposição no local ou a estrutura não se manterá. (1990, p. 220)

Dessa forma, trabalhar com o que os alunos nos trazem referente às experiências cotidianas do seu local de morada, além de importante, facilitará o nosso trabalho enquanto professores com o ensino de História Local que partirá do cotidiano até chegarmos ao nível nacional e global da História.

A esse respeito, Carretero (1997) afirma que “uma das maiores contribuições para a adoção de uma postura construtivista no conceito de aprendizado foi a de destacar a importância que o

conhecimento prévio possui na aquisição de novos conhecimentos”. Desse modo, argumenta que o conhecimento prévio, tomado como ponto de partida para a adoção de estratégias de ensino pelo professor e professora de História, favorece o desenvolvimento de esquemas mentais mais complexos, contribuindo para a aprendizagem dos conhecimentos históricos.” (FREIRE; BARBOSA; MORAIS, 2021, p. 81)

Para tanto são necessários alguns detalhes, como a preparação do professor profissionalmente falando e sua sensibilidade para colocar em voga o que o aluno traz para a sala de aula, para a discussão. Afirma Freire:

Por isso, mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (1996, p. 30)

Relacionar o conteúdo ensinado com o cotidiano do aluno, promover uma reflexão sobre o contexto no qual ele está inserido trazendo a importância do estudo daquele conteúdo e do estudo da história para compreender o local no qual nascemos e entendermos o contexto do qual fazemos parte, deve ser tomado como uma meta, pois, “[...] A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente.” (BLOCH, 2001, p. 65). No que tange ao necessário preparo do professor: “[...] É preciso que o professor considere esse duplo movimento: o funcionamento de um modo de conhecer individual e sua relação dinâmica com o grupo social do qual o jovem faz parte” (BITTENCOURT, 2004, pp. 236-237). Ou, como diz Freire (1996, p. 83), “[...] Uma das tarefas fundamentais do educador progressista é, sensível à leitura do grupo, provocá-lo bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto.” Com as falas de Bittencourt e Freire explicito o que quero dizer ao longo da dissertação quando falo da necessidade de sensibilidade do professor para com o aluno.

É fundamental um currículo que nos traga esse aporte e, como dito anteriormente, uma formação de qualidade, contínua, com disponibilidade de tempo para especializações, mestrado, doutorado. No tocante ao currículo,

As diretrizes e textos curriculares, como elementos de políticas educacionais, são – como bem sabemos – veiculadores de ideologias, de propostas culturais e pedagógicas com grande poder de penetração na realidade escolar. Como afirma Goodson (1996, p.15), “o currículo é uma invenção da tradição”. Como discurso, age, especialmente, no processo de formação continuada, no pensamento dos professores e da burocracia escolar. Afeta também os produtores de material didático, que sempre se esforçam no sentido de reproduzir, nos livros didáticos, o formato e o conteúdo dos currículos. Entretanto, o documento curricular formal é apenas um dos níveis em que se opera a seleção cultural. O que os alunos aprendem e deixam de aprender – o que é e o que não é transmitido a eles cotidianamente nas nossas escolas – é mais amplo e mais complexo do que qualquer documento. O chamado currículo real é construído tendo por base uma série de processos e significados que envolvem a cultura escolar e a cultura da vida cotidiana. (FONSECA, 2005, p. 33)

Considerando o raciocínio abordado, um currículo formal estabelecido pelo poder estatal, como discutido por Melo (2014, p. 103), pode ser seguido ou não, mas, quando formalizado, oferece maior segurança ao professor em sua prática cotidiana. A ausência de um currículo, especificamente no que se refere ao ensino de História Local, pode gerar incertezas no trabalho docente. No entanto, a existência de diretrizes claras já é um avanço, como exemplificado pela Lei Orgânica do município de Juazeiro do Norte - CE, que, desde 1990, tornou obrigatória a disciplina "História do Padre Cícero e do Juazeiro". Anos mais tarde, essa disciplina foi modificada para "História Regional", um tema que será desenvolvido no próximo capítulo. A referida mudança reforça a importância de se construir um currículo que não apenas cumpra as exigências legais, mas ofereça um suporte adequado aos professores interessados em ensinar a disciplina. No caso de Juazeiro, uma cidade com uma história reconhecida mundialmente, é fundamental que os professores tenham à disposição não apenas o currículo, mas materiais didáticos adequados, que lhes permitam abordar com profundidade a riqueza da História Local, garantindo um ensino contextualizado e significativo.

Segundo Oliveira (2021), em sua pesquisa de mestrado, foi apenas em 2019 que se elaborou o primeiro currículo da disciplina de Estudos Regionais, do qual o autor participou diretamente. Ele reforça em sua dissertação que as pessoas convidadas para essa tarefa não possuíam experiência prévia na elaboração curricular, eram professores que lecionavam a disciplina e enfrentavam dificuldades pela ausência de um currículo estabelecido e de material didático adequado.

Ainda conforme Oliveira, os professores responsáveis pela elaboração eram, em sua maioria, docentes de História, além de um professor de Geografia. Eles buscaram alinhar o conteúdo à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para criar o currículo da disciplina de Estudos Regionais. O autor menciona que o currículo foi entregue aos professores em 2020, mas destaca que, apesar de sua criação, não foi desenvolvido nenhum material didático correspondente. Dessa forma, "[...] pensar o ensino, métodos e conteúdos curriculares em uma nova abordagem" (GERMINARE; HORN, 2006, p. 111) é fundamental, especialmente quando alinhado a materiais didáticos que ofereçam suporte. No cotidiano escolar, a falta de tempo e energia para a constante busca de novas fontes e materiais é uma realidade, embora essa atividade faça parte da prática docente. Entretanto, o contexto atual, com inúmeras demandas, torna esse processo ainda mais desafiador. Pessoalmente, vivi essa experiência após me graduar em História e entrar no mercado de trabalho, onde o ciclo de atividades intensas dificulta a pesquisa contínua. Essa reflexão surgiu durante o mestrado, pois passei por um processo de intensa introspecção, inclusive enfrentando desafios de saúde, o que me levou a interromper o trabalho para concluir o mestrado e retornar renovada para a sala de aula.

Fonseca chama a atenção para superar estas dificuldades, buscando:

Diversificar as fontes utilizadas em sala de aula tem sido o maior desafio dos professores de história da atualidade. Superar a relação de submissão e não ceder à sedução exclusiva do livro didático requer uma postura de criticidade diante do conteúdo veiculado. Analisando os livros didáticos de história utilizados atualmente percebe-se que a simplificação de temas amplos em fatos isolados, principal característica, permanece. (2005, p. 56)

E quando não se tem um livro didático para tal utilização? Quando se fala em livro didático ou materiais didáticos a serem utilizados em sala de aula pelos professores de História, vários debates são gerados. É necessário a diversificação das fontes utilizadas em sala de aula, mas como citado acima é um desafio, decorrente de várias questões, que quando elencadas parece reclamação de profissionais insatisfeitos, quando não é verdade.

Existem algumas queixas vindas dos professores que ministram a disciplina de Estudos Regionais por causa dos materiais didáticos que estes têm à disposição, assunto que será discutido mais profundamente no segundo capítulo. De antemão, importa saber que “[...] Os materiais didáticos são instrumentos de trabalho do professor e do aluno, suportes fundamentais na mediação entre ensino e a aprendizagem” (BITTENCOURT, 2004, p. 295). Dessa forma, muitos alunos só terão acesso a materiais didáticos referentes à disciplina escolar História, no Ensino Básico, assim como à história de sua cidade e de sua região, na escola.

Sobre esta questão, a referida autora ressalta:

A escolha dos materiais depende, portanto, de nossas concepções sobre o conhecimento, de como o aluno vai apreendê-lo e do tipo de formação que lhe estamos oferecendo. O método para a utilização dos diversos materiais didáticos decorre de tais concepções e não pode ser confundido com o simples domínio de determinadas técnicas para a obtenção de resultados satisfatórios.” (Ibid., 2004, p. 299)

Pensando dessa forma, concebi o produto a ser apresentado no capítulo três, um material didático, que chamo de caderno pedagógico, com aulas que intitulo de inspirações, pois para cada aula baseada em um tema, ofereço indicação de textos, documentários, etc.

Ao propor esse produto, além de tudo que li e refleti ao longo desses dois anos de mestrado, também por conta de minha vivência em sala de aula e, principalmente, devido a uma experiência específica durante o ano de 2022, quando me vi tendo que construir uma disciplina do nada, oportunidade

proporcionada pelo Novo Ensino Médio¹³, disciplina eletiva, que o professor/professora escolhe dentro de um catálogo¹⁴ disponibilizado pelo Estado, ou é direcionado pela instituição de ensino qual disciplina eletiva lecionar. As eletivas são semestrais, logo ministrei aulas de duas disciplinas que precisei organizar no transcurso do ano letivo, sentindo falta de um material didático estruturado. Tal situação me fez questionar: por que o livro didático é tão valorizado pelos professores?

Bittencourt responde esta indagação, dizendo que o livro didático

[...] é um material importante e de grande aceitação porque, além de fornecer, organizar e sistematizar os conteúdos explícitos, inclui métodos de aprendizagem da disciplina. Não é apenas livro de conteúdos de História, [...], mas também um livro pedagógico, em que está contida uma concepção de aprendizagem. (2004, p. 315)

Ao refletir sobre o material didático, especialmente com a percepção que tenho hoje como professora, lembro-me da minha própria experiência escolar. Estudei em uma escola particular apenas na 5ª série, pois a escola pública onde meu pai queria me matricular estava enfrentando problemas de administração. Por isso, decidi que, por um ano, seria melhor optar por uma instituição privada. Entretanto, ele não tinha condições de comprar todos os livros didáticos e eu precisei improvisar. Particularmente, recordo-me das dificuldades com o livro de Língua Portuguesa, uma matéria considerada essencial. Eu não o tinha, mas uma amiga, que morava em frente à minha casa, possuía o dela. Assim, combinamos que me emprestaria o livro todas as noites. Ela estudava à tarde em uma escola diferente, e eu, pela manhã. Minha mãe o devolvia no dia seguinte, para que minha amiga também pudesse usá-lo. Durante as aulas, eu dependia dos livros dos colegas para acompanhar as atividades. Ao escrever esta dissertação, essa memória voltou com força, reforçando a importância que o livro didático de Língua Portuguesa teve na minha vida acadêmica. Sem ele, sentia-me desamparada.

13 https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio/pdfs/DocumentoOrientador_ProgramadeApoioaoNovoEnsinoMdio.pdf;

14 <https://www.ced.seduc.ce.gov.br/apoio-aos-estudos-domiciliares/eemti/eletivas/>

Hoje, como professora em uma instituição particular, observo o impacto significativo que a falta de um material didático tem sobre os alunos. Me deparo com estudantes cujos pais ainda não conseguiram adquirir o livro de História, o que gera ansiedade entre eles. Enquanto ministro as aulas e passo as atividades, vejo a frustração dos que não têm o material e preciso acalmá-los. A situação me faz lembrar a minha própria experiência e reforça a relevância do livro didático na vida dos estudantes. É uma ferramenta fundamental que oferece suporte ao aprendizado e, sem ele, muitos se sentem desassistidos. O impacto é profundo e lidar com isso é, de fato, um desafio.

Quando iniciei meus trabalhos como professora esta foi uma das minhas maiores preocupações. Os alunos vão utilizar a disciplina de História em suas vidas, como falar da importância dela em meio a outras tantas? No mestrado, encontrei uma resposta mais elaborada em Rüsen:

A consciência histórica não se caracteriza apenas pela lembrança, mas sempre também pelo esquecimento: somente o jogo do lembrar e do esquecer fornece as referências temporais que o passado tem de assumir, a fim de poder produzir uma representação de continuidade instituidora de identidade. (2001, p. 84)

Ao longo da vida o ser humano constrói sua identidade através das vivências em casa no seio da família, das histórias contadas nesse universo particular, das vivências. Todas essas questões podem estar ou não ligadas à história do lugar onde mora, vai depender de vários fatores. Inicialmente com a família, depois na escola, por meio do ensino e, por fim, a partir do interesse do indivíduo. Faço essas colocações, nessa ordem, por experiência própria.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p. 64)

O aluno, quando chega à escola, ao Fundamental II, vem de um processo de construção de sua identidade que, segundo Rüsen (2001, p. 87), “[...] é um momento essencial da socialização humana”. Desde casa com os familiares, desde a primeira etapa de estudo - Infantil e Fundamental I -, essa identidade vem sendo paulatinamente construída. Na primeira conversa que tive com meus alunos do 6º ano, quando trabalhamos as mudanças e permanências ao longo da história e como podemos aprender com ela, levei para mostrar a eles imagens de Juazeiro, tanto registros antigos quanto atuais do mesmo local, assim como fotos dos museus que temos aqui: Casa Museu Padre Cícero¹⁵, Museu Vivo do Padre Cícero¹⁶ e o Memorial Padre Cícero¹⁷. Me surpreendi com as colocações deles, pois muitos desconheciam a existência da Casa Museu Padre Cícero, que conheci ainda na infância conduzida pelos meus pais. Por isso venho relatando ao longo do texto as experiências que tive com relação à história de minha cidade, proporcionadas pela família, oportunidade que a escola não me ofereceu, ou se o fez, não foi significativo o bastante para eu lembrar. Quando não se tem acesso à história local em casa, como tive, na escola ou universidade, o indivíduo o terá em outro local, noutra altura da vida? Pode ser que sim, ou não.

Collingwood viu nesta relação entre passado e presente o objeto privilegiado da reflexão do historiador sobre o seu trabalho: "O passado é um aspecto ou uma função do presente; é sempre assim que ele deve aparecer ao historiador que reflete inteligentemente sobre o seu próprio trabalho ou, dito de outro modo, visa uma filosofia da história" (DEBBINS, 1965, p. 139 apud LE GOFF, 1990, p. 28)

A construção da identidade se dá ao longo do tempo tendo como elementos o que os alunos armazenam na memória, através dos espaços pelos quais transitam.

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. [...] Além desses acontecimentos, a memória é

15 Disponível em: <https://juazeirodonorte.ce.gov.br/pontosturisticos.php?id=8>

16 Disponível em: <https://juazeirodonorte.ce.gov.br/pontosturisticos.php?id=2;>

17 Disponível em: <https://juazeirodonorte.ce.gov.br/pontosturisticos.php?id=3;>

constituída por pessoas, personagens. [...] Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. (POLLAK, 1992, pp. 201-202)

Dito isso, até chegarem à sala de aula, os estudantes terão passado por um processo de crescimento cognitivo intenso, construindo sua identidade através do que é acumulado na memória, acontecimentos vividos, pessoas que conheceram e lugares pelos quais passaram, ou não, conforme relatei. Cabe a nós, professores, o respeito aos processos de cada aluno, e, somando a estes a contribuição que possa possibilitar o seu crescimento.

Pensar o espaço enquanto categoria central da História, em articulação com a temporalidade se faz necessário, na perspectiva historiográfica que pretende ser emancipadora, coerente com as discussões teóricas e com o envolvimento na pesquisa científica. As definições sobre o espaço envolvem questões mais profundas do que o senso comum aponta. Como afirma David Harvey, sob a superfície de ideias do senso comum e aparentemente “naturais” acerca do tempo e do espaço, ocultam-se territórios de ambiguidade, de contradição e de luta (HARVEY, 2010). Analisar as contradições subjacentes ao meio histórico é um propósito que deve fazer parte dos compromissos do ensino de História. (JUNIOR, 2023, p. 17)

Quando falamos em ensino de História lembramos muito do conceito de tempo e, muitas vezes, esquecemo-nos das questões relacionadas ao espaço, o lugar, pois o ser humano o modifica constantemente. No cotidiano da sala de aula tento, em minha prática, fazer o exercício de lembrar-se do espaço sobre o qual estamos estudando, situando o aluno tanto com relação ao tempo, quanto com relação ao espaço, ao local de estudo. Situa-lo nesse tocante faz com que possa compreender melhor o assunto, o conteúdo a ser estudado, já que muitos, quando pensam em História, ainda hoje a veem como uma disciplina repleta de datas e muito texto.

No processo de ensino, os conceitos devem ser situados historicamente, o conteúdo escolar precisa estar articulado com os fundamentos teóricos desde o início da escolarização, evitando assim as conotações morais e de sedimentação de preconceitos (FENELON, 2009). A articulação entre o trabalho dos historiadores e professores de História, entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento escolar é necessária e envolve o trabalho com

categorias, conceitos e metodologias. Devem levar em conta as experiências históricas vividas pelos estudantes, as estruturas de conhecimento adquiridas no convívio (BITTENCOURT, 2004, p. 189).

Qualquer relação de ensino-aprendizagem, ou de produção de conhecimento, pressupõe o estabelecimento de uma relação entre um sujeito e um objeto que resulta na formação de ideias ou conceitos, que contribuem para a formação da própria consciência histórica. (JUNIOR, 2023, p. 32)

Segundo Rüsen, “[...] A consciência histórica é a realidade a partir da qual se pode entender o que a história é, como ciência, e por que ela é necessária.” (2001, p. 56). Quando o autor a analisa e a coloca no centro da narrativa histórica, põe em voga a questão da identidade:

[...] se trata afinal de contas da identidade daqueles que têm de produzir esse sentido da narrativa (histórica) está marcada pela intenção básica do narrador e de ser público, de não se perderem nas mudanças de si mesmos e de seu mundo, mas de manterem-se seguros e firmes no fluxo do tempo. A experiência do tempo é sempre uma experiência da perda iminente da identidade do homem (também aqui a experiência mais radical é a da morte). A capacidade dos homens de agir depende da aptidão em fazer valer a si próprios, a sua subjetividade, portanto, na relação com a natureza, com os demais homens e consigo mesmos, como permanência na evolução do tempo, à qual precisam reagir com suas ações e que, simultaneamente, produzem por essas mesmas ações. Os homens têm de interpretar as mudanças temporais em que estão enredados a fim de continuarem seguros de si e de não terem de recear perder-se nelas, ao se imiscuírem nelas pelo agir, o que precisam fazer, para poderem viver. A resistência dos homens à perda de si e seu esforço de auto-afirmação constituem-se como identidade mediante representações de continuidade, com as quais relacionam as experiências do tempo com as intenções no tempo: a medida da plausibilidade e da consistência dessa relação, ou seja, o critério de sentido para a constituição de representações abrangentes da continuidade e é a permanência do si mesmo na evolução do tempo. A narrativa histórica é um meio de constituição da identidade humana. (Ibid., p. 66)

Os alunos precisam conhecer a História Local, se sentirem parte dela, construindo sua identidade através da produção da memória no lugar onde vivem.

Na perspectiva do ensino-aprendizagem histórico, isso implica perceber a realidade como tendo sido forjada por relações humanas que, por isso mesmo, podem ser injustas. Ou seja, tal exercício

implicaria na desnaturalização do mundo, das desigualdades sociais, e percepção dos jogos de poder que sustentam a realidade vivida. Mas também, entender o espaço habitado como tendo sido produzido pela interação/experiência de diversos sujeitos numa região é fundamental para a formação tanto do conhecimento, como de uma consciência histórica que permita aquele que aprende tomar posição no mundo em que vive. (JUNIOR, 2023, p. 32)

Quando o educando passa a conhecer a história do local onde nasceu e mora, acredito, começa a respeitá-lo e amá-lo. Quando se ama algo também se preserva, se tem cuidado e orgulho, pelo menos é assim que me sinto enquanto moradora de Juazeiro do Norte, pois conheci a história do lugar no qual nasci da maneira mais afetuosa possível através da minha família.

E, concretamente, os professores demonstram que o gosto e o interesse pela história têm motivações muito diferentes. Alguns localizam a origem do gosto pela história na experiência de criança. Outros despertaram para a história por influência de professores que marcaram significativamente suas vidas quando eram jovens escolares. Muitos deles atribuem o gosto e a opção profissional pela história, já na fase adulta, às circunstâncias próprias da vida e também ao interesse pelas questões sociais e políticas. Para alguns, a formação em história ocorreu porque não havia outras opções nas suas cidades ou nas regiões mais próximas. Portanto, na definição por história cruzam-se acasos, circunstâncias e coincidências que foram tecendo e construindo a trama que envolve o tornar-se professor de história. (FONSECA, 2005, p. 81)

A escolha da profissão tem um pouco do que foi supracitado. A disciplina que mais me chamava a atenção nos anos escolares foi a de História, tive excelentes professores que influenciaram positivamente. Na região, a universidade que pude ter acesso - Universidade Regional do Cariri (URCA) -, a maioria dos cursos eram de licenciatura na época que prestei vestibular. No terceiro ano do Ensino Médio optei pelo curso de História no período da manhã. No desejo de poder trabalhar, o teria direcionado para o horário da noite, mas meu pai não permitiu. Para ele, o estudo estava em primeiro lugar: formar-se e, somente depois, trabalhar. Penso que estava certo. Atualmente, admito que é complicado fazer o mestrado e trabalhar ao mesmo tempo. Requer coragem, disciplina e disposição.

Tornou-se lugar-comum afirmar que a formação do professor de história se processa ao longo de toda sua vida pessoal e profissional, nos diversos tempos e espaços socioeducativos. Entretanto, é sobretudo na formação inicial, nos cursos superiores de graduação, que os saberes históricos e pedagógicos são mobilizados, problematizados, sistematizados e incorporados à experiência de construção do saber docente. Trata-se de um importante momento de construção de identidade pessoal e profissional do professor, espaço de construção de maneiras de ser e estar na futura profissão. (FONSECA, 2005, p. 60)

Tem um detalhe, porém. Não sei se meus colegas concordarão comigo. Ao concluirmos a graduação, logo tentamos nos colocar no mercado de trabalho. Quando nossa caminhada como docentes tem início, precisamos nos construir enquanto professores. Qual profissional pretendo ser? Que tipo de aula quero ministrar? Somado a isso recai sobre nós todas as demandas que atualmente constituem o nosso trabalho, além das aulas e do planejamento delas. Uma gama burocrática extensa, projetos internos e externos para dar conta, além dos que possam surgir durante o ano letivo, enfim, uma carga laboral exaustiva. Ainda concordando com a citação acima, pode-se afirmar que é na graduação que muito se constrói nos futuros docentes o que serão após os quatro anos de vivência acadêmica. Até hoje trago comigo as influências das leituras que fiz e dos professores aos quais tive acesso, que muito me ajudaram como pessoa e profissional, daí a importância dos cursos de graduação e o cuidado que é necessário na formação da atividade profissional.

Professoras de História, formadoras de professores de História e pesquisadoras de Currículo, pensar a sala de aula. Sem querer buscar receitas, soluções eficazes. Nem excessos de pragmatismo nem de pessimismo. Nada de expectativas em relação a uma famosa luz no fim do túnel. Procurar enfrentar o jogo de sombra e luz, de opacidade e transparência cotidiana, necessário para continuar a dar sentido às trajetórias intelectuais e profissionais. Não apenas construir outras narrativas, mas o compromisso cotidiano de ensiná-las e de garantir seu aprendizado, e não importa aqui muito que isso possa ter significados múltiplos. (GABRIEL; MONTEIRO, 2014, p. 27)

Não existe receita ou fórmula mágica para o planejamento de uma aula, para a organização de um material didático ou de um livro didático, pois estar

no mundo é estar em movimento. E trabalhar em escola do Ensino Básico como professora equivale a estar igualmente mobilizada, sempre buscando o que será melhor para aquele dia, aquela aula, aquela turma.

A teoria põe em evidência, pois, que a obtenção de competência profissional não é um processo de aprendizado que abstraia da vida humana concreta e que se refugie numa espécie de torre de marfim científica, mas sim, pelo contrário, que requer a produção de resultados que possuam relevância. (RUSEN, 2001, pp. 41-42)

No momento de escrita da dissertação no qual me encontro, se faz complicado relacioná-lo com a realidade pessoalmente falando, se for me referir à concretude da vida como coloca Rusen. São inúmeros e diversos os atravessamentos, pois somos múltiplos, muitos em situação de desemprego. Como refletir sobre a prática em sala de aula estando afastada? Queiramos ou não, nossas vivências norteiam a desenvoltura no exercício da profissão.

O autor considera fundamentais, na análise da formação, a pessoa e a experiência. Os sujeitos constroem seus saberes permanentemente, no decorrer de suas vidas. Esse processo, segundo ele depende e alimenta-se de modelos educativos, mas não deixa de controlar. Ele é dinâmico, ativo e constrói-se no movimento entre o saber trazido do exterior e o conhecimento ligado a experiência. Nesse sentido, Dominicé afirma: “[...] A vida é o lugar da educação e a história de vida, o terreno no qual se constrói a formação. Por isso, a análise da formação não se pode fazer sem uma referência explícita ao modo como o adulto viveu as situações concretas de seu próprio percurso educativo. (DOMINICÉ apud NÓVOA 1992, p. 24)

A autora, ao dialogar com Nóvoa, se refere à relação entre a experiência de vida e à profissão. Me coloco nesse momento da seguinte forma, rememorando um pouco o que passamos no contexto da pandemia. Antes de toda a situação complexa e desafiadora posta naquele momento, eu era outra professora. Após aquele período, fui me reconstruindo enquanto tal, de acordo com a realidade que nos foi sendo apresentada e, atualmente, afirmo que sou o resultado dessas duas profissionais, tornando-me uma terceira pessoa. Se a vida é movimento, a educação também é, pois nós, trabalhadores da

Educação, lidamos todos os dias com alunos cuja ação e energia são constantes. Isso me é cativante, levando em conta que trabalhar no Ensino Básico público requer de mim contínua transformação e atualização para levar aos meus alunos o melhor que eu possa oferecer, qual seja, a transformação a longo prazo, contudo, sólida.

Muitas pessoas não entendem o que nós, docentes, fazemos e construímos em sala de aula, muitas vezes nem nossa própria família. No entanto, temos consciência da mudança que ocasionamos na vida dos estudantes.

Sobre como administramos nossas vidas e a profissão, apesar de não ser o cerne dessa pesquisa, vale lembrar que a pandemia que assolou o mundo de 2020-2021 mostrou o quanto não temos o controle de nada.

Justamente por isso é impossível considerar as mudanças do homem e de seu mundo, essencialmente determinadas pelo agir, como um acontecimento natural, passível de ser reduzido a leis universais, com as quais poderia ser tecnicamente controlado. O pensamento de um controle técnico da história é simplesmente sem sentido, pois tal controle seria por sua vez uma ação cuja teleologia vai além do que se controlaria: a intencionalidade da ação, constitutiva do caráter histórico do processo temporal da vida humana prática, escaparia sempre, como móbil da dominação, ao âmbito do controle. (RÜSEN, 2001, p. 79)

Com isso em mente, pode-se afirmar que não existe uma cartilha, uma regra, uma receita pronta que possa ser aplicada em todas as turmas de alunos/alunas e escolas. O que existe são seres diversos, profissionais que se constroem no dia a dia, como seres humanos: o professor, no desenvolvimento do seu trabalho, o aluno, em busca de crescimento. Um complementando o outro. Costumo dizer que, na sala de aula, cinquenta por cento da responsabilidade cabe ao professor e o restante, os outros cinquenta por cento, ao aluno/a. Ambos caminhando para o progresso, o florescimento. Nessa roda viva não se tem o controle de nada e nem de ninguém, o que se pretende é, entre outras coisas, o mínimo de organização.

A maneira como entrei nessas casas definiu o jeito como saí delas. Eu sinto que se uma pessoa não sai de uma entrevista modificada, ela está perdendo tempo. As mudanças podem ser imperceptíveis, mas vão se somando ao longo dos anos, e nos fazem ser o que somos enquanto indivíduos, não apenas enquanto estudiosos ou ativistas. É isso o que Dante, Annie, Mario e incontáveis outras pessoas fizeram por mim. Espero (e a história do velho partigiano em Monterotondo sugere que isso às vezes pode ser verdade) que, escutando-os, eu também tenha feito algo por eles. (PORTELLI, 2016, p. 44)

Relaciono essa passagem com a relação professor-aluno, que também pressupõe a escuta. O sentimento expresso pelo autor é igualmente o meu quando saio de sala de aula. Me percebo modificada, crescendo profissionalmente e enquanto ser humano.

A formação do professor de História não se inicia e nem se encerra entre os muros da Universidade. A aprendizagem histórica do professor se dá ao longo de toda a sua vida, mediada por sua visão de mundo, conhecimento e por sua memória sobre o ensino de História. Ela condiciona as práticas do futuro professor de História, mais até que os saberes apresentados pela Universidade. Para que essa aprendizagem seja enriquecida e possa contribuir na construção de representações sofisticadas sobre História e do ensino de História entre as crianças, é necessário que as visões e conceitos sejam confrontados, discutidos e respeitados e, alguns deles, se possível, modificados. (FREITAS, 2012, p. 23)

Passei por duas experiências que vou relatar neste ponto da dissertação, acredito que sejam importantes, pois estão diretamente relacionadas com o ser professor. Pude observar minha prática em sala de aula a partir de duas perspectivas durante o mestrado, especificamente durante o processo de escrita.

Primeiramente, o fato de ser professora fora da sala de aula, estando desempregada e, depois, por ter me afastado para cuidar da saúde e me dedicar ao mestrado. Me ausentar da escola, do convívio com os alunos, daquela atmosfera peculiar culminou na falta de inspiração, bloqueando minha elaboração textual e reflexiva em vários momentos.

Após um ano de afastamento, voltei ao trabalho. Já tinha uma ideia do que pretendia fazer, mas, sempre que tentava escrever, me questionava se

realmente era aquilo que eu queria. No entanto, quando retornei à escola e ministrei a primeira aula no 6º ano do Ensino Fundamental II, a parte inicial da dissertação veio à minha mente. Cheguei em casa e a estruturei exatamente como a visualizei em sala de aula.

Com isso, quero dizer que precisamos estar bem para trabalhar e fazer o que gostamos — estar em sala de aula, construindo com os alunos a esperança de dias melhores. Da mesma forma, para estudar, percorrer e concluir o mestrado.

Ao longo do curso, meus estudos tornaram-se caóticos, assim como minha escrita. Pude observar as diferentes fases do mestrado e entender por que estes se desorganizaram: eu estava emocionalmente instável, como se um furacão me consumisse. No primeiro ano, tudo estava em ordem na minha mente, e o andamento era tranquilo. No entanto, na etapa seguinte, a situação desandou, com vários problemas pessoais que afetaram tanto o meu lado profissional quanto a vida acadêmica. Esse "furacão" quase me engoliu, mas isso não aconteceu graças ao apoio de pessoas queridas.

As experiências que relato são, para mim, um exemplo claro da conexão entre a prática de vida e o conhecimento histórico, conforme aponta Rüsen. A vivência como professora, estando na sala de aula, ou não, ilustra como a prática pedagógica é um movimento dinâmico no qual se reflete não apenas o conteúdo escolar, mas também o contexto pessoal e social de quem ensina e aprende.

Nesse sentido, a disciplina de Estudos Regionais, objeto desta pesquisa, reforça a conexão entre prática pedagógica e contexto social. Introduzida nas escolas municipais de Juazeiro do Norte a partir da Lei Orgânica do Município de 1990, é oferecida do 5º ao 8º ano e tem um papel crucial na formação do estudante, à medida que promove um entendimento mais profundo da conjuntura local.

Conforme Costa (2014, p. 137) ressalta, a História como disciplina "[...] se configura como um terreno de disputas entre diferentes memórias", nas quais os alunos são levados a se posicionar diante de questões do presente,

baseadas em suas relações com o passado comum, legitimado pelo conhecimento histórico. Isso torna a disciplina de História — e, por extensão, a de Estudos Regionais — um campo de grande importância para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Por essa razão, a História é uma disciplina tão cuidadosamente monitorada: ela instiga o ser humano a refletir criticamente, a lutar por seus direitos e a defender a cidadania e a democracia, que, até recentemente, estiveram ameaçadas. As Ciências Humanas, em geral, têm uma grande responsabilidade social, pois são fundamentais para a formação de indivíduos conscientes e críticos.

No que tange à pesquisa, o produto final relacionado à disciplina de Estudos Regionais não se constituirá num material rígido e definitivo. Pelo contrário, será flexível, permitindo que outros professores o utilizem como fonte de inspiração e o adaptem conforme suas realidades. Não será um livro ou uma apostila que os acomodará em uma zona de conforto, contudo, um ponto de partida, um convite a continuar estudando, aprimorando a prática em sala de aula e evoluindo como seres humanos, para que possamos oferecer o melhor de nós mesmos aos nossos alunos.

2. DE “JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO ROMÃO BAPTISTA” AOS ESTUDOS REGIONAIS: transformação curricular e a abordagem dos materiais didáticos

Neste capítulo, faremos uma análise do material didático produzido em Juazeiro do Norte para a disciplina de História Local. Conforme discutido anteriormente, ao longo das últimas décadas o ensino de História passou por uma série de transformações que buscaram dar maior ênfase às **realidades locais**, reconhecendo a importância de ensinar aos alunos sobre o contexto em que vivem. Isso levou à inclusão de conteúdos regionais e à adaptação dos **materiais didáticos** para refletir a diversidade e as particularidades de cada região. No Ceará, a mudança foi reforçada pela implementação de documentos como o **Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC - CE 2019)**, que orienta para a integração de temas regionais como a **religiosidade popular**, a **Sedição de Juazeiro** e o papel de figuras históricas como o próprio padre Cícero.

Para compreender a inserção da disciplina de História Local nos currículos escolares, se faz necessário contextualizar a década de 1980 como um período de efervescência e transformação nos movimentos sociais brasileiros, que tiveram um impacto profundo na Educação e no ensino de História.

As lutas pela democratização do país também se refletiram nas salas de aula, lugar no qual o ensino passou a ser visto como uma ferramenta de conscientização política e social. A redemocratização da Educação e a busca por um ensino de História mais inclusivo e crítico, foram conquistas que resultaram diretamente da mobilização popular e continuam a influenciar os debates educacionais até os dias de hoje.

Um dos marcos importantes neste período foi a promulgação da Constituição Federal de 1988 trazendo um conjunto de avanços significativos no processo de descentralização política e administrativa do Brasil, proporcionando maior autonomia aos municípios. Um dos instrumentos mais

importantes que surgiram desse processo foi a criação das **Leis Orgânicas Municipais**, que conferiram a cada município o poder de elaborar normas específicas para o seu território, dentro dos limites constitucionais. Essas leis permitem que as cidades legislem sobre diversas questões de interesse local, incluindo a Educação.

Em Juazeiro do Norte, a Lei Orgânica do Município, promulgada em 1990, no seu Art. 175, obrigou a inclusão da disciplina oferecida do 5º ao 8º ano, com a seguinte denominação: “História de Juazeiro do Padre Cícero Romão Baptista” a ser implementada na parte diversificada do currículo. Anos depois, já na década de 2000, a nomenclatura foi alterada, passando a ser denominada de “Estudos Regionais”, porém, conforme assinala, Oliveira (2021, p. 10):

A alteração da nomenclatura da disciplina representou uma sutil tentativa de mudança, mas não é possível afirmar que de fato o currículo contemple a história da região do Cariri cearense onde a cidade de Juazeiro do Norte está localizada.

A introdução da disciplina de História Local nos currículos escolares traz consigo desafios e obstáculos como a formação dos docentes, sendo necessário que estejam capacitados para ensinar a história do município, o que implica não apenas em conhecimento do conteúdo, mas também na habilidade de relacioná-la aos contextos mais amplos do Brasil e do mundo.

A definição de uma metodologia adequada que permita que a História Local seja inserida no currículo de maneira integrada às outras disciplinas, evitando que se torne um conteúdo isolado, se apresenta como um grande desafio.

Um dos maiores obstáculos é, sem dúvida, a falta de **materiais didáticos adequados** que abordem de maneira específica e detalhada a história de cada município. Quase sempre, os livros didáticos usados nas

escolas não contemplam a realidade local, focando apenas na história nacional ou em grandes eventos globais.

Discutiremos, na sequência, a escassez e a precariedade dos materiais didáticos voltados para a disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte, com foco na análise de duas apostilas e dois livros didáticos indicados pela Secretaria de Educação do município para os professores da área de Humanas. Esteticamente, observaremos como esses materiais foram concebidos e utilizados, avaliando sua adequação tanto em termos visuais quanto pedagógicos, levando em consideração a relevância de conteúdos que valorizem a história e a cultura locais.

2.1 ENTRE APOSTILAS E LIVROS: análise do Material Didático de Estudos Regionais no Ensino Fundamental II em Juazeiro do Norte

Com a introdução da disciplina de “História de Juazeiro do Padre Cícero Romão Baptista” (História Local) em 1990, o desafio seria preparar um material didático que pudesse subsidiar as professoras e professores da rede municipal de Ensino. No recorte temporal que estamos trabalhando, tivemos acesso a apostilas e livros produzidos com esta finalidade, conforme apresentado abaixo:

Figura 8: Apostilas e livros adotados na disciplina de História local em Juazeiro do Norte



A imagem apresenta quatro materiais didáticos voltados para a disciplina de **Estudos Regionais(nome atual da disciplina)** em Juazeiro do Norte. Estes incluem apostilas e livros desenvolvidos ao longo de décadas, indicando uma diversidade considerável de fontes e abordagens para o ensino da história e cultura locais.

2.2 O PRIMEIRO MATERIAL DIDÁTICO: análise crítica de uma apostila mimeografada

O primeiro material didático elaborado para a disciplina "A História de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista" foi uma apostila mimeografada, com apenas 28 páginas. Apesar da dificuldade de identificar a autoria, informações indicam que ela foi produzida por membros do Instituto José Marrocos de Pesquisa e Estudos Socioculturais do Cariri (IPESC), da Universidade Regional do Cariri (URCA), sob a direção do professor de História e juazeirense, José Boaventura de Souza.

A apostila é composta por 10 textos curtos e apenas duas fotos, ambas retratando ruas de Juazeiro. Muitos dos textos foram extraídos dos livros "Juazeiro no Túnel do Tempo", do memorialista Vicente Ribeiro Sobrinho (conhecido como Senhorzinho), e "Roteiro Lírico e Místico de Juazeiro do Norte", do Padre Antônio Vieira, estas sendo as únicas referências explícitas no material.

O primeiro texto, intitulado "Juazeiro, a árvore que deu nome à cidade", explora as características da árvore, comum na região nordestina, resistente à seca e aos desafios da natureza. Utilizada como metáfora para a fundação da cidade, representa força e resiliência diante das adversidades, além de simbolizar proteção e oportunidades para aqueles que nela se estabelecem. Essa passagem, apesar de retratar a época em que foi escrita, ainda se mantém relevante, ao refletir sobre o acolhimento oferecido pelos habitantes do município.

Outros textos da apostila abordam aspectos históricos e o cotidiano de Juazeiro, como o artigo "Juazeiro Antigo", que descreve os primeiros moradores, sua rotina, o trabalho agrícola e artesanal da época, com destaque para a vida simples e tranquila antes do advento do progresso, evidenciando a pacatez da cidade e o estilo de vida comunitário.

Em "Antigo Comércio de Juazeiro", o enfoque está nas atividades comerciais da década de 1920, com ênfase para a feira que ocorria aos sábados na Praça padre Cícero, principal centro de negócios na época. A produção agrícola, especialmente de algodão, é apontada como a principal fonte de renda dos habitantes.

O material também traz artigos acerca da cultura local, como "O cotidiano do Juazeiro Antigo", que destaca atividades de lazer como missas, banhos no Rio Salgadinho (hoje poluído), jogos de futebol e cinema. Outro destaque curioso é o texto "Banco da Miséria", que aborda de forma leve a criação de um "banco" informal por um ex-delegado para os cidadãos que não podiam abrir contas no Banco do Juazeiro, revelando o senso de humor e solidariedade da população.

A apostila inclui ainda reflexões sobre a agricultura, o folclore e as estiagens severas que assolaram a região, como retratado em "Juazeiro e as Grandes Secas", fazendo referência ao clássico O Quinze, de Rachel de Queiroz, e menciona as grandes secas de 1877 e 1915, além de outros períodos de calamidade.

No final da apostila, há uma entrevista com Generosa Ferreira de Alencar, artista plástica e afilhada do padre Cícero. As dezesseis perguntas abordam suas memórias sobre o cotidiano, política, comércio e o contexto social e religioso de Juazeiro. No entanto, não apresenta problematizações ou reflexões críticas a respeito das questões levantadas.

Embora o material mimeografado tenha sido um passo inicial importante para documentar e ensinar a História Local de Juazeiro do Norte, é bastante limitado em termos de conteúdo crítico e pedagógico. O uso de textos curtos, sem exercícios ou sugestões de atividade, restringe o potencial didático da apostila. Além disso, a ausência de fontes mais diversificadas e de uma

abordagem problematizadora reduz a oportunidade de um ensino mais reflexivo e crítico sobre a história da cidade.

Por fim, apesar das limitações, o material serve como uma importante evidência do esforço de preservação da memória local em uma época de poucos recursos educacionais, sendo um ponto de partida para o desenvolvimento de produções mais ricas e completas nas décadas subsequentes.

Basicamente, a apostila é constituída por textos que em sua maioria não desenvolvem as temáticas propostas. Em suas últimas páginas nos deparamos com um questionário com perguntas e respostas e, finalmente, com as fontes citadas no início da análise. Ao ler os textos, num curto intervalo de tempo, pude relacionar a história atual de Juazeiro com outros conteúdos de caráter geral.

Mesmo considerando tratar-se de um primeiro material didático sobre a História Local de Juazeiro do Norte, há várias lacunas importantes, sobretudo no tocante à ausência de figuras femininas significativas, como a beata Maria de Araújo e outros temas centrais que poderiam enriquecer o ensino.

2.3 “CONHECENDO O CARIRI”: análise da segunda apostila utilizada na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte

No final da década de 1990, a então Secretária de Educação do município, Jaqueline Cavalcanti Sampaio, convidou a professora Teresa Siqueira, para coordenar o Núcleo Pedagógico de Juazeiro do Norte, de acordo com o material produzido para a disciplina de Estudos Regionais, nos anos 1999-2000. Ao assumir o cargo, a professora Siqueira, percebeu que havia uma carência muito grande de conteúdo da disciplina local no Ensino Fundamental. A preocupação consistia em definir o que ensinar no âmbito dos Estudos Regionais nas escolas. O entendimento, afirma a coordenadora, era de que não se concebia que os alunos das escolas municipais desconhecêssem a própria história, que os romeiros do padre Cícero

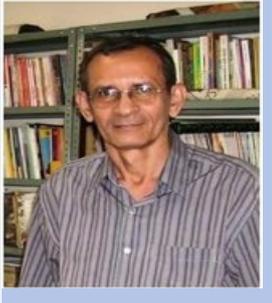
soubessem mais sobre o sacerdote do que os estudantes. Com o intuito de elaborar, portanto, algo que pudesse subsidiar os docentes, a professora procurou reunir as pessoas que conhecessem a história do Juazeiro para elaborar um caderno, não era um livro, era um caderno. A proposta era fazer dois cadernos, mas o tempo que a mesma ficou na secretaria foi curto e só deu tempo fazer um caderno. Assim, convidou José Boaventura, Daniel Walker, Carmem e montaram uma equipe com estagiários, realizaram algumas pesquisas. Reuniram-se, montaram o projeto para elaborar o caderno. Carmem, Boaventura e Daniel montaram um questionário. Daniel fez a diagramação.

Em conversa informal com a professora Siqueira observamos que o objetivo consistia em elaborar dois cadernos, o primeiro deles destinado ao Ensino Fundamental I (até o 5º ano) e o segundo, ao Fundamental II, contudo, no ano 2000, chegou ao fim o mandato do prefeito Mauro Sampaio e toda a equipe da Secretaria de Educação foi substituída por outra, não havendo tempo hábil para dar continuidade de elaboração do caderno II.

Outra questão relevante está relacionada à distribuição do caderno, direcionada apenas aos professores, ou seja, os alunos não tinham em mãos nenhum material didático produzido.

A equipe de elaboração do caderno/apostila foi composta por:

Tabela 3: Autores da apostila “Conhecendo o Cariri”, segundo material didático adotado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte

<p>José Boaventura de Sousa</p>	<p>Graduado em História com pós-graduação em Ensino de História. Jornalista, radialista e professor do Ensino Básico e da Universidade Regional do Cariri no curso de História. Diretor do IPESC - Instituto José Marrocos de Pesquisas e Estudo Socioculturais. Autor do livro sobre a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte.</p>	
<p>Daniel Walker Almeida Marques</p>	<p>Juazeirense, Graduado em História Natural (Biologia) na Urca, onde assumiu a vaga de professor no curso de Biologia. Memorialista, construiu, junto com o professor Renato Casimiro, um vasto acervo sobre Padre Cícero e das memórias de Juazeiro do Norte. Publicou diversos livros, e estava presente nas mídias digitais com o blog “Portal de Juazeiro”.</p>	
<p>Sílvia Rodrigues da Silva Marinho</p>	<p>Licenciada em Geografia, com especialização em Gestão Escolar. Professora da Rede Municipal de Juazeiro do Norte.</p>	<p>Não encontramos foto</p>
<p>Maria José de Sales</p>	<p>Graduada em Letras e pós-graduada em Alfabetização. Professora da Rede Estadual de Educação do Ceará. Também é atriz e escritora, tendo alguns livros publicados: Banquete dos Deuses; Padre Cícero: Filho do Crato, Pai do Juazeiro; Auto do Caldeirão, entre outros.</p>	

A formação da equipe traz diversidade de conhecimentos e habilidades que poderiam ter enriquecido o material, mas revela lacunas que merecem ser analisadas. Composta por profissionais com formações variadas - História, Geografia, Letras e Biologia -, em tese, oferece uma visão multidisciplinar ao conteúdo. Entretanto, cabe analisar como essa diversidade é aplicada à proposta pedagógica e ao desenvolvimento do material didático.

O caderno/apostila intitulado “Conhecendo o Cariri” apresenta, ao contrário da primeira apostila, melhor organização e estrutura. Logo na apresentação, Siqueira informa:

Este Caderno que estamos lhe apresentando é fruto de um trabalho coletivo, escrito e reescrito a muitas mãos, com o intento de apoiar o professor de Estudos Regionais, oferecendo subsídios para a partir destes montar-se reflexões com bases na nossa história decisiva, que certamente ficou oculta no passado e a qual nosso pensamento pedagógico quis legitimar.

Nossa intenção foi a de produzir dois Cadernos que servissem como instrumental pedagógico, em que o primeiro retratasse um olhar investigador na região do Cariri e o segundo, um olhar na nossa querida Juazeiro procurando conhecer e mergulhar na sua própria história, pois entendemos que esses olhares transcendem principalmente em nossa tradição, pela história sobre a educação e a cultura que nele se distribui (2000, p. 04).

Convém lembrar a mudança, neste período, na nomenclatura da disciplina, deixando de ser denominada de “A História de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista” para “Estudos Regionais”.

No texto introdutório a equipe ressalta a importância da disciplina de Estudos Regionais, lamentando a falta de textos e material didático:

Lamentavelmente a História do Cariri ainda carece de estudos sobre eventos específicos de sua trajetória, sobre os quais, o que realmente existe publicado, não passa de uma série de registros incompletos e em alguns casos de veracidade suspeita. Isto com certeza se deve principalmente ao fato de ser o Cariri uma região de pouca memória (Ibid., p. 5).

Ao denunciar a falta de espaços públicos que pudessem arquivar registros e fontes sobre a História do Cariri, afirmam que foram relegados ao esquecimento importantes eventos e fatos aqui ocorridos. Ainda na apresentação, ressaltam:

Texto que estamos entregando aos professores da rede municipal de ensino de Juazeiro do Norte não constitui matéria pronta, acabada, intocável, não sendo, portanto, o texto definitivo sobre a História do Cariri, nem tampouco tem a pretensão de, a toque de mágica, resolver em sua totalidade o problema da falta de conteúdo para a cadeira de Estudos Regionais. Na verdade, ele foi concebido mais como uma espécie de roteiro para subsidiar o professor na elaboração do conteúdo a ser ministrado em suas aulas. O professor de Estudos Regionais continua com a total liberdade de organizar o conteúdo que melhor atender às necessidades da sua classe, e para

tanto, obviamente, deve fazer um trabalho complementar de pesquisa na bibliografia disponível que existe de forma esparsa, a qual é sugerida no final deste trabalho (Ibid., p. 6)

Embora o texto valorize a autonomia do professor e ressalte que o material didático não é um conteúdo fechado, mas um "roteiro" que pode ser adaptado, a abordagem pode não ser suficiente para subsidiar adequadamente os docentes. O reconhecimento de que o material não resolve de forma definitiva o problema da falta de conteúdo para a disciplina de Estudos Regionais é pertinente, porém, ao mesmo tempo, expõe uma fragilidade flagrante: a ausência de um suporte mais robusto e de recursos pedagógicos que possam realmente auxiliar os professores na preparação de suas aulas.

Enfim, são sugeridas algumas dicas que podem ser desenvolvidas: organizar o conteúdo, atividades práticas, entrevistar pessoas mais velhas, aulas de campo a locais históricos e verificar quais são as figuras históricas.

Percebe-se que, embora o texto faça um esforço para propor atividades práticas e incentivar uma abordagem mais dinâmica do ensino, ele não aprofunda essas sugestões nem oferece o suporte necessário para que os professores as implementem de maneira eficaz.

O caderno/apostila está dividido em 05 unidades, distribuídas em 64 páginas, com os seguintes conteúdos:

UNIDADE I	CARACTERIZAÇÃO: Origem - Gênese dos Cariri Delimitação - Relevo - Topografia - Clima Recursos hídricos subterrâneos - Flora e Fauna - Demografia
UNIDADE II	FORMAÇÃO HISTÓRICA: Descoberta – Missões
UNIDADE III	ASPECTOS ECONÔMICOS: Agricultura - Recursos minerais - Pecuária - Avicultura - Apicultura - Piscicultura - Comércio e Indústria - Turismo - Artesanato
UNIDADE IV	POLÍTICA – EDUCAÇÃO – CULTURA
UNIDADE V	LITERATURA COMPLEMENTAR: Coronelismo no Cariri

A primeira unidade contém doze artigos que, inicialmente, abordam a origem do nome da região, associado aos povos indígenas Kariry e sua chegada ao território. O desenvolvimento da unidade adota uma perspectiva

mais voltada para a Geografia, tratando aspectos como localização, relevo, topografia, composição do solo, clima, bacias fluviais, flora, fauna e demografia.

A segunda, intitulada "Formação Histórica", apresenta dois textos: "Descoberta" e "Missões". O primeiro trata da ocupação inicial da região, que começou por volta de 1660, mas só foi efetivamente consolidada no século XVIII com a criação dos primeiros engenhos. O segundo aborda as missões fundadas pelos capuchinhos italianos no Cariri e a luta entre colonizadores e indígenas, além das atividades econômicas da época, como a produção de açúcar e a pecuária, ambas sustentadas pelo trabalho escravo indígena.

Na terceira unidade, dedicada ao desenvolvimento econômico da região, é mencionada uma frase significativa: "Os historiadores são unânimes em afirmar ter sido o Padre Cícero o grande impulsionador do desenvolvimento do Cariri." (p. 24). Este tópico explora as principais atividades econômicas como a agricultura, destacando a produção de açúcar e algodão. Também são citados outros ofícios, como pecuária, avicultura, apicultura, piscicultura, indústria, comércio, turismo e artesanato. A unidade ressalta a descoberta de minas de cobre e ouro, que, apesar de não terem tido grande impacto econômico, trouxeram figuras importantes para a história da região, como Floro Bartolomeu e o Conde Adolfo Van Den Brulle.

A quarta unidade, intitulada "Política, Educação e Cultura", versa sobre os movimentos separatistas que, por cinco vezes, tentaram desvincular a região do Cariri, do Ceará, sem sucesso. Em seguida, discorre acerca de episódios históricos marcantes como a Revolução Pernambucana de 1817, a Confederação do Equador de 1824, a Revolta de Pinto Madeira em 1832 e a Sedição de Juazeiro em 1914. No que tange à Educação retrata a trajetória do ensino na região, desde as primeiras escolas particulares até a criação de universidades, como a URCA, em 1986. Finaliza com um texto sobre a cultura local, abordando tanto a popular quanto a erudita, com destaque para as artes plásticas e o teatro.

A quinta e última unidade, "Leitura Complementar", inclui uma série de textos de autores como Joaryvar Macedo, Daniel Walker, Napoleão Tavares

Neves e Rosemberg Cariry. Temas como o coronelismo no Cariri, o Pacto dos Coronéis, o padre Cícero como possível coronel e eventos como o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto e os Penitentes de Barbalha. Ao final da unidade, são listadas as referências de cada texto, respeitando os direitos autorais e mostrando o cuidado na organização do material.

É possível perceber através da análise da apostila que ela revela uma atenção especial no processo de sua elaboração, priorizando detalhes e a organização do conteúdo. No entanto, senti falta de atividades propostas, baseadas nos textos apresentados, que pudessem estimular os alunos a realizar pesquisas e reflexões. Apesar disso, lembro-me, como ex-aluna, do uso desse material em sala de aula, onde o professor adaptava as atividades escrevendo-as no quadro. O caderno, portanto, foi utilizado de maneira eficaz, embora pudesse ter sido enriquecido com mais propostas pedagógicas e exercícios interativos. Ainda que precariamente, representou um tímido avanço para o ensino da História e Geografia locais nas séries iniciais, servindo de ponto de partida para os professores trabalharem o conteúdo de Estudos Regionais.

2.4 “A CULTURA DO CARIRI – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO”: uma nova apostila para cada série

Durante 16 anos, o único material didático disponibilizado pela Secretaria de Educação de Juazeiro do Norte para trabalhar na disciplina de Estudos Regionais foi o caderno analisado anteriormente. Embora sua elaboração tenha sido pensada apenas para o Ensino Fundamental I, foi adotado também para o Fundamental II.

Em 2016, A Coordenadoria Pedagógica do Ensino Fundamental II (COPED) elaborou e distribuiu com os estudantes, conforme sua série, uma pequena apostila com conteúdo a ser trabalhado no 1º bimestre. Na apresentação a COPED esclarece:

Sabendo da importância da disciplina de Estudos Regionais na grade curricular das escolas do município de Juazeiro do Norte, assim como, do cumprimento da lei Orgânica do Município - Primeira Constituição Municipal de 1990 Capítulo - V da Cultura da Educação e Desporto, Art. 175 - A História de Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista, será disciplina obrigatória nos currículos das escolas Municipais de 5ª a 8ª série, na parte Pública. E garante o direito do ensino da disciplina no ensino fundamental II. A Secretaria Municipal da Educação - SME e COORDENADORIA PEDAGOGICA - FUNDAMENTAL II - COPED, elaborou este pequeno texto de Estudo Regionais do I bimestre. Com o objetivo de oferecer ao aluno um estímulo para a compreensão da realidade do nosso estado, região e municípios ao qual vivemos. (p. 01).

Em seguida, informa que as apostilas contêm os conteúdos apenas do I bimestre e que “[...] os próximos conteúdos serão estudados e escolhidos juntamente com os professores da área no decorrer do ano letivo”.

Cada apostila tem uma quantidade de textos variados, na do 6º ano são disponibilizados dezesseis artigos. A do 7º é composta por trinta e quatro textos, já a do 8º, dezoito e, por fim, a do 9º ano conta com vinte e um textos.

2.4 O NORDESTE VEM A JUAZEIRO: a apostila para o 6º ano

A primeira apostila, destinada ao 6º ano, apresenta um conjunto de fotografias que revelam uma tentativa clara de conectar o material ao contexto histórico, cultural e urbano de Juazeiro do Norte e da região do Cariri, conforme vemos abaixo:

Figura 2: Capa da terceira apostila adotado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte – 6º ano



É notório que cada elemento visual escolhido parece ter sido cuidadosamente pensado para evocar diferentes aspectos da identidade local, ao mesmo tempo em que sugere uma interconexão entre passado, presente e futuro. A frase de Paulo Freire complementa essas imagens ao enfatizar a importância do ensino reflexivo e investigativo, um princípio fundamental na pedagogia crítica.

A apostila não apresenta, inicialmente, um título específico, diferentemente das demais. Organizada com dezesseis textos, o primeiro deles, além de retomar aspectos dos Parâmetros Curriculares Nacionais apresentados de antemão, aborda a importância do estudo da História Local e inclui uma introdução sobre as características geográficas da região.

O segundo texto, "Processo de Colonização e Geografia do Cariri", e o terceiro, "A Região Metropolitana do Cariri", discutem a região sob a

perspectiva geográfica. Nos artigos seguintes, quarto e quinto, "História do Cariri – Origem" e "Gênese dos Cariris", respectivamente, é explicado que o nome "Cariri" deriva dos indígenas que habitavam a área, os Karirys, abordando a fusão dos tupis com os jês e trazendo fragmentos de textos do escritor caririense Napoleão Tavares Neves, tal como na apostila anterior.

O sexto artigo, "Origem de Juazeiro do Norte: Os primeiros habitantes e o desenvolvimento do povoado", traz a história do povoado desde a chegada do padre Cícero para a celebração da missa de Natal, em 1871. Após um sonho, o sacerdote decidiu se fixar em Juazeiro e o texto descreve suas ações, como a ampliação da pequena capela, o crescimento do lugarejo até sua transformação em cidade, em 1911, quando o padre Cícero se tornou o primeiro prefeito. Embora o milagre da hóstia seja citado, o texto não o desenvolve, focando mais no modo como o padre atraía fiéis.

"A luta pela independência política de Juazeiro do Norte", o texto seguinte, explora o processo de emancipação política da cidade desde seu crescimento econômico até os protagonistas envolvidos. Em seguida, o artigo "Floro Bartolomeu e sua influência em Juazeiro" retoma a explicação de sua chegada, atraído pelas minas do Coxá (minas do padre Cícero ainda não demarcadas), com ênfase para a importância que teve no processo de emancipação, ressaltando que ele teria agido "à bala" se fosse necessário, segundo a apostila. Este texto é mais curto, mas relevante para o contexto político da cidade.

"A atuação do Padre Cícero – Instituição do lugarejo" explora a chegada do sacerdote e sua influência no crescimento da região, enquanto o "Milagre da Hóstia – Suspensão das ordens do Padre Cícero e as primeiras romarias", detalha o propalado milagre e suas repercussões. Inicialmente, o suposto milagre foi mantido em segredo, mas logo se espalhou levando a Juazeiro uma primeira comissão de investigação que alegou ser algo inexplicável pela Ciência. No entanto, a Igreja enviou uma segunda comissão que o negou, pedindo que todos o rejeitassem. Ainda assim, o povo já tinha elegido o padre como santo, considerando o acontecimento como verdadeiro. Este texto é um dos mais longos da apostila, abordando a suspensão das ordens sacerdotais, a excomunhão, as romarias e a transformação destas em turismo religioso.

O texto "Emancipação de Juazeiro do Norte" retoma o processo de independência política da cidade, destacando a Lei 1028 de 22 de julho de 1911, que oficializou a criação do município e tornou o padre Cícero seu primeiro prefeito. A narrativa segue com "A intervenção política em Juazeiro e a invasão dos romeiros à Fortaleza", que aborda o Pacto dos Coronéis e um breve relato da Sedição de Juazeiro.

"Aspectos Geográficos e Históricos de Juazeiro do Norte" não é propriamente um texto, mas uma tabela que apresenta os aspectos mencionados no título. "Delimitação Territorial da cidade" traz informações sobre as áreas central e periférica, com a inclusão de um pequeno parágrafo com os nomes dos bairros que compõem a cidade.

Os dois últimos textos, "O surgimento de alguns bairros de Juazeiro do Norte" e "Aspectos econômicos de Juazeiro do Norte", traçam um panorama a respeito de bairros como Campo Alegre, Santa Tereza, São José e Horto, além de destacar o comércio como o maior propulsor econômico da cidade. Este, por sua vez, segundo os autores, incentivado desde sempre pelo padre Cícero, continua atraindo romeiros, turistas e visitantes ao longo dos anos.

No geral, o texto é informativo, contudo, apresenta problemas de organização e de coesão. Os parágrafos são longos e misturam diferentes temas, dificultando a leitura e a compreensão. Seria mais eficaz dividi-lo em blocos mais concisos e com transições mais claras entre os temas. Além disso, a pontuação precisa ser revisada para tornar o texto mais fluido e alguns termos carecem de ajustes gramaticais para manter a concordância adequada.

Outra questão problemática na apostila refere-se às referências bibliográficas, que trazem apenas três autores: ARAÚJO, Ariadne. **Bárbara de Alencar**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000; FARIAS, Airton de. **História do Ceará: dos índios à geração cambéba**. Fortaleza; e SOUSA, José Boaventura (org.). **Conhecendo o Cariri**. Secretaria de Cultura e Desporto, Juazeiro do Norte, 2000. Considerando que, na época em que fora elaborada, já existiam inúmeros trabalhos acadêmicos sobre a região do Cariri abordando seus aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos. Entendemos que a limitação das referências é um fator preocupante.

A falta de uma bibliografia mais ampla e atualizada restringe a profundidade e a pluralidade das discussões que poderiam ser exploradas no estudo da História Local. A produção acadêmica sobre o Cariri, desde o final do século XX, abrange uma vasta gama de perspectivas, com trabalhos dedicados a questões como racismo, violência de gênero, tradições religiosas, transformações socioeconômicas, entre outros temas essenciais para a compreensão da região em seu contexto contemporâneo. A ausência de uma bibliografia mais rica e diversificada priva tanto os professores quanto os alunos de um entendimento mais complexo e crítico do Cariri.

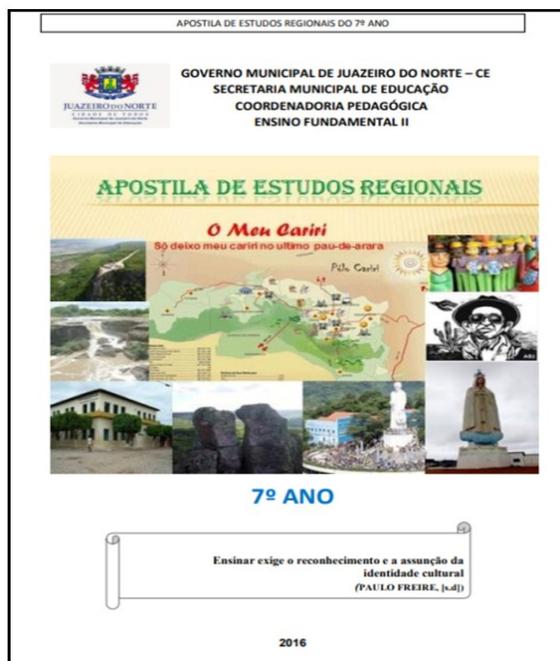
Além disso, tamanha limitação pode acabar transmitindo uma visão unilateral da História Local, o que vai de encontro à proposta de fomentar um ensino crítico e investigativo, conforme sugere a frase de Paulo Freire citada na capa da apostila: "Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino". Para promover um ensino verdadeiramente comprometido com a realidade local e com a formação cidadã, é fundamental que os professores tenham acesso a uma variedade maior de fontes e perspectivas, o que enriqueceria a abordagem pedagógica e permitiria um trabalho mais robusto em sala de aula.

2.5 O MEU CARIRI: apostila para o 7º ano

A apostila destinada ao 7º ano, intitulada *Meu Cariri*, segue a mesma organização daquela direcionada ao 6º ano, apresentando uma capa composta por um conjunto de fotografias. No centro é reproduzido o mapa turístico do Cariri elaborado pela Secretaria de Turismo do Ceará. Ao redor, registros da Chapada do Araripe, da cachoeira de Missão Velha, do Museu de Paleontologia de Santana do Cariri, do Horto do padre Cícero, da estátua de Nossa Senhora de Fátima, situada no Crato, esculturas do Centro de Cultura Popular Mestre Noza¹⁸ e uma xilogravura do poeta Patativa do Assaré.

18 Instalado num antigo casarão que um dia pertenceu à Polícia Militar Cearense, no centro de Juazeiro do Norte – CE, o **Centro de Cultura Popular Mestre Noza** foi criado em homenagem ao falecido xilogravurista Inocêncio Medeiros da Costa, ou simplesmente, Mestre Noza, considerado o primeiro artesão da região. Funcionando desde 1983, é uma cooperativa com mais de 100 artesãos cadastrados com trabalhos variados, desde madeira, barro e ferro, até fibras

Figura 3: Capa da terceira apostila adotada na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte – 7º ano



Composta por 52 páginas, tem como tema central os aspectos geográficos e econômicos do Cariri. No primeiro texto, discorre sobre a Região Metropolitana do Cariri e sua criação, apresenta tabelas com dados dos municípios que a compõem, como área, IDH, população, PIB e PIB per capita, entretanto, não cita nenhuma fonte de informação.

Na sequência cronológica de publicações, desenvolve sobre o nome da região e sua gênese ligada aos indígenas que a habitaram, os Kariry, além da origem desses indígenas e a delimitação da região. Igualmente à apostila do 6º ano, revela aspectos geográficos da região seguindo para o segundo texto, “Bacia Fluvial”, no qual abrange também aspectos geográficos, por exemplo, a formação da bacia fluvial do Cariri com seus rios e afluentes, assim como menciona açudes e barragens construídos.

Os três textos seguintes – “Recursos hídricos”, “Recursos hídricos subterrâneos” e “Flora e fauna” -, dão prosseguimento à apresentação do Cariri cearense em seus aspectos geográficos, como a quantidade e capacidade hídrica dos açudes, que, junto aos aquíferos abastecem a região. A FLONA (Floresta Nacional do Araripe) é mencionada e como é composta sua fauna e flora.

A apostila é finalizada com as mesmas referências das do 6º ano, mantendo, portanto, total falta de diversidade bibliográfica e atualização limitando gravemente a possibilidade de aprofundamento e reflexão sobre os múltiplos aspectos culturais, sociais e históricos do Cariri.

2.6 A CULTURA DO CARIRI – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: apostila para o 8º ano

A capa traz no centro o mapa do Ceará com gravuras de personagens típicos do sertão, como o vaqueiro. No entono, encontram-se duas xilogravuras – uma representando o padre Cícero com um devoto e outra, de Luiz Gonzaga –, além de imagens do bumba-meu-boi, esculturas de artesãos do Centro de Artesanato Mestre Noza e, mais uma vez, fotografias da estátua do padre Cícero, no Horto e da Basílica de Nossa Senhora das Dores.

Figura 4: Capa da terceira apostila adotada na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte – 8º ano



Como as apostilas que a antecederam, apresenta uma frase motivacional: “Procure educar-se diariamente, transformando a cultura em virtude,” de autor desconhecido.

Os elementos visuais colocados na capa indicam uma tentativa de transmitir um forte senso de identidade regional, reunindo elementos simbólicos que remetem à cultura do sertão e do Cariri. A presença de figuras como o padre Cícero e Luiz Gonzaga, ao lado de manifestações artísticas e populares como o bumba-meu-boi e o artesanato local, reforçam a valorização do patrimônio cultural e da história da região. No entanto, nota-se a repetição dos elementos já explorados, como as fotografias da estátua de padre Cícero e da basílica, denunciando a ocultação deliberada da diversidade nas representações gráficas e, possivelmente, uma limitação na abordagem de outros aspectos culturais igualmente relevantes.

Intitulada "A cultura do Cariri – Memória e Patrimônio", a apostila está dividida em dezoito textos mantendo a estrutura similar das séries anteriores:

capa, ficha técnica, apresentação, sumário e, ao final, referências bibliográficas. Estas incluem as mesmas obras, com o acréscimo de novos títulos. A configuração inicial é consistente, entretanto, apresenta questões de organização e coesão textual que afetam a fluidez da leitura.

Os primeiros artigos se debruçam sobre conceitos fundamentais como patrimônio material e imaterial em "Memória e Patrimônio Histórico e Cultural da região do Cariri". No texto subsequente, "Categoria do Patrimônio", são discutidas ideias de patrimônio e cultura. Em "Patrimônio Cultural" o enfoque se dá no conceito de patrimônio cultural, e no seguinte, "Características do Patrimônio Cultural", exemplifica com a estátua do padre Cícero e a discussão do que são cordéis, apresentando-os como literatura popular nordestina. Esses textos são de grande importância, pois introduzem os alunos à ideia de preservação do patrimônio regional e cultural, algo essencial para a valorização da História Local.

O próximo bloco aborda os "Ícones da região do Cariri", começando com uma breve apresentação de Bárbara de Alencar, que ganha uma página inteira de destaque. Em contrapartida, personagens masculinos como padre Mestre Ibiapina e padre Cícero recebem mais espaço, com cinco páginas dedicadas ao segundo. Embora esses personagens já tenham sido discutidos nas apostilas anteriores, o tratamento dado à figura de Bárbara de Alencar é insuficiente, o que evidencia desequilíbrio nas discussões relacionadas às personagens femininas e masculinas. Isso sugere uma análise superficial das figuras femininas carecendo de mais desenvolvimento, o que poderia ser alvo de novas pesquisas.

Os três textos consecutivos tratam do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, sendo eles: "Memórias do Caldeirão", "O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto" e "O Caldeirão na Clandestinidade". Apesar da importância histórica dessas abordagens, é flagrante a ausência de alguns títulos no sumário, como o próprio "Memórias do Caldeirão", o que compromete a organização da apostila.

A sessão que vem na sequência aborda o Geopark Araripe e seus geossítios, com destaque para locais como o Pontal da Santa Cruz, o Parque

dos Pterossauros e a Colina do Horto, entre outros. A inclusão do Geopark é relevante, pois promove a valorização e preservação do patrimônio geológico da região.

O texto "A sociedade cearense no período provinciano" discute o Ceará do século XIX, com ênfase nas transformações socioeconômicas e nos movimentos messiânicos e de Cangaço, surgidos como resposta à miséria e à exploração. O sertão daquele período é retratado no contexto das secas, fome e doenças, destacando figuras como padre Cícero e Antônio Conselheiro. "Identidade Cultural e Instituições Sociais" também merece atenção, pois explora a diversidade cultural e a importância do respeito às diferentes identidades, além de abordar a abolição da escravidão no Ceará.

Um dos blocos discute as Festas Juninas e suas ressignificações religiosas, abordando tanto práticas mágico-religiosas de origem europeia quanto o sincretismo entre o Catolicismo oficial e o popular. Este aspecto é relevante, posto que traz à tona a adaptação cultural das tradições religiosas às características nordestinas.

Algumas questões políticas são retomadas, como o coronelismo, a Revolução de 1817, a Sedição de Pinto Madeira e o Pacto dos Coronéis. Embora esses temas já tenham sido discutidos, o material sofre com a falta de organização cronológica, o que poderia facilitar o entendimento dos estudantes. Além disso, a repetição de determinados personagens e tópicos em diferentes apostilas sem uma progressão clara, pode gerar confusão.

No último texto, a religiosidade popular é discutida, com foco na Festa da Padroeira de Juazeiro do Norte, Nossa Senhora das Dores, e sua importância para a fé e a cultura local.

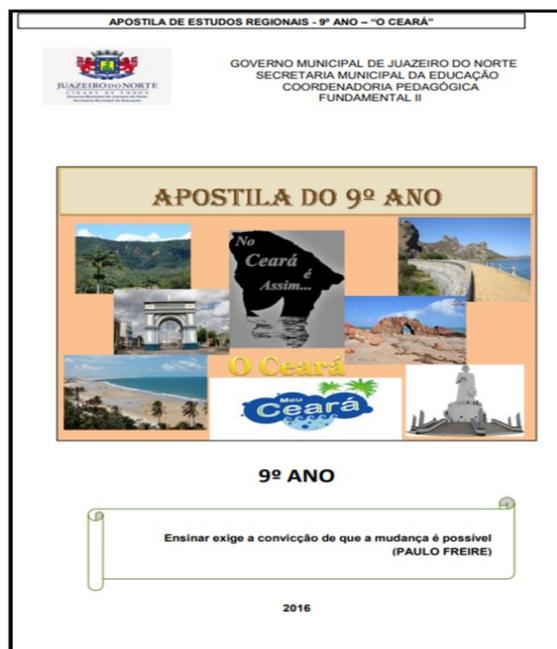
Em termos de análise crítica, a apostila apresenta falhas de revisão, como palavras juntas e o uso inadequado de maiúsculas e minúsculas. A organização dos textos, principalmente a falta de cronologia e de coesão temática, prejudicam a leitura e a assimilação dos conteúdos. Ademais, a desigualdade na abordagem de figuras femininas, como Bárbara de Alencar, só para lembrar, evidencia a necessidade de uma revisão mais criteriosa para garantir uma representação mais equitativa. Por fim, a ausência de referências

bibliográficas mais atualizadas limita a profundidade do material, deixando de explorar a rica produção acadêmica sobre o Cariri.

2.7 NO CEARÁ É ASSIM - apostila para o 9º ano

A apostila disponibilizada para o 9º ano prioriza os aspectos sociais, econômicos e políticos do Ceará. As fotografias dispostas em sua capa oferecem uma visão geral da temática central, que é a análise das dinâmicas sociais, econômicas e políticas cearenses. A escolha de ilustrar a encadernação com imagens de pontos turísticos icônicos do Estado, como a Chapada do Araripe e a Pedra Furada de Jericoacoara, mostra a intenção de associar o conteúdo a elementos culturais e naturais que representam a diversidade do território.

Figura 5: Capa da terceira apostila adotada na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte – 9º ano



O material está organizado em 21 textos, sob o título "O Ceará". Ao analisar o sumário, percebe-se que o foco é o Estado do Ceará unicamente, com a repetição de alguns temas já abordados nas apostilas anteriores (6º 7º e 8º anos).

O primeiro título, "Nosso Estado: bandeira, símbolo e localização", apresenta a bandeira do Ceará ao lado de um brasão e um mapa do Brasil destacando o território cearense. Abaixo, consta uma tabela com informações geográficas básicas sobre o Estado. Em seguida, aparecem textos como "História do Ceará", "O Ceará pré-colonial", "O Ceará colonial" e "Capitania do Siará Grande", cuja organização remete ao livro de Airton de Farias, *História do Ceará*, citado nas referências. Os artigos cobrem desde o século XVI, abordando os povos indígenas que já habitavam a região, a independência do Ceará em relação a Pernambuco, a introdução do cultivo do algodão, a colonização branca, as secas, a evangelização indígena pelos Jesuítas e os conflitos entre europeus e povos nativos. Também são feitas referências às primeiras vilas, revoltas como a Revolução de 1817, a Confederação do Equador de 1824, a Insurreição de Pinto Madeira, a Abolição da Escravatura, o Cangaço, os líderes messiânicos e os embates políticos. O último texto desse bloco revisita parte dos eventos já analisados, como a Oligarquia Acciolina, a emancipação de Juazeiro e o Caldeirão da Santa Cruz, de forma muito sucinta.

Após esse bloco, antes do texto "Modo de Produção", presente no sumário, há escritos focados na cultura, como "A Cultura", "A Cultura do Cariri" e "A Cultura da Serra", que, curiosamente, não estão listados no índice. Todos eles oferecem uma síntese da riqueza cultural da região. O conjunto de textos seguinte trata dos modos de produção: "O modo de produção é a maneira pela qual a sociedade produz seus bens e serviços, como os utiliza e os distribui" (p. 16). São analisados os modos de produção primitivo, escravista, asiático e feudal, explicando cada um deles. Por exemplo, em "Fatores que determinaram o fim do modo de produção asiático", são destacados como causas "[...] a propriedade da terra pelos nobres, o alto custo de manutenção dos setores improdutivos e a rebelião dos escravos" (p. 19), antes de passar para o modo de produção feudal.

Ainda no âmbito desse bloco, os textos "O capitalismo compreende quatro etapas" e "Modo de Produção Socialista", apresentam conceitos de forma breve, sem fazer uma conexão clara com o Estado do Ceará. O último deles, finalmente aborda as atividades econômicas cearenses, como o cultivo do algodão, a exportação de borracha, açúcar e café, além da expansão da pecuária e dos serviços urbanos e de transporte.

O bloco posterior, "População e Urbanização no Ceará", trata do crescimento e das reformas urbanas de Fortaleza, além dos flagelados da seca, do messianismo e do Cangaço. Em "Manifestações Culturais do Ceará", explora-se a arte popular, as artes plásticas, o humor, a literatura, a música e a religião. Outro bloco destaca os aspectos geográficos do Estado, abordando o meio ambiente e a geografia da região do Cariri. Nesta seção, há textos como "Floresta Nacional do Araripe (FLONA)" e "A Bacia Sedimentar do Araripe", que apresentam aspectos geográficos e históricos da região.

O penúltimo bloco de textos ocupa-se da religiosidade no Ceará, com os títulos "Emblemas da Religiosidade no Brasil", "As Romarias em Juazeiro" e "Eventos Religiosos em Juazeiro", que discorrem sobre a influência do Catolicismo romano trazido pelos colonizadores, o sincretismo religioso e o ciclo de romarias em Juazeiro do Norte ao longo do ano.

O bloco final reúne textos como "O Ceará Contemporâneo" e "A Geração Cambeba", abordando o cenário político do Estado na contemporaneidade com destaque para a redemocratização e a eleição de Tasso Jereissati para governador, em 1986. Inexplicavelmente, começa a falar sobre o forró no Ceará, que poderia ter sido explorado nos blocos anteriores, voltados para a cultura.

Percebe-se que as quatro apostilas analisadas, a despeito do objetivo de proporcionar uma formação ampla sobre a história, cultura, geografia e economia do Ceará, apresentam diversos problemas e lacunas que comprometem a sua eficiência didática e a coerência entre os materiais apresentados: falhas na organização dos conteúdos, repetição de temas, falta de conexão entre conceitos gerais e a realidade local.

Porém, certamente, o problema mais crítico é a quase ausência de narrativas femininas. Figuras históricas como a beata Maria de Araújo e Bárbara de Alencar são mencionadas brevemente e superficialmente, sem a devida importância ao papel que essas mulheres desempenharam na história regional e nacional. A História é amplamente dominada por personagens masculinos, como padre Cícero e outros líderes políticos, enquanto as mulheres, quando citadas, despontam em segundo plano, muitas vezes apenas como esposas ou filhas.

2.8 “JUAZEIRO DO NORTE, CIDADE DA GENTE”: o primeiro livro didático

Em 2017, a Secretaria de Educação de Juazeiro do Norte adotou dois livros para a disciplina de Estudos Regionais, intitulados *Juazeiro do Norte: Cidade da Gente*. O primeiro volume foi destinado ao Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e o segundo, ao Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos).

Ambos foram publicados pela Didáticos Editora, de Fortaleza. Considerando as capas, é possível perceber a ênfase na história de Juazeiro do Norte, apesar da disciplina ser intitulada "Estudos Regionais".

Figura 6: Capas dos livros “Juazeiro do Norte: Cidade da gente”, adotadas na disciplina de Estudos Regionais - Ensino Fundamental I e II



Os elementos visuais indicam a centralidade na figura do padre Cícero: a estátua localizada no alto da Colina do Horto e o chapéu, um dos símbolos característicos do sacerdote. Além das imagens, as capas trazem fotografias adicionais. No primeiro volume, a foto de uma das ruas do Juazeiro antigo e esculturas de artesãos do Centro de Cultura Popular Mestre Noza. No volume II, há o registro de uma das capelas do Santo Sepulcro¹⁹ e outro, do Santuário dos Franciscanos²⁰.

Convém sublinhar que todas as fotos estão dispostas sobre a copa de três pés de juá, reforçando a narrativa de que o nome da cidade de Juazeiro se originou desta árvore, à sombra da qual os comerciantes que seguiam em direção ao Crato costumavam descansar (Oliveira, 1969, p. ????).

Logo nas primeiras páginas, Maria Loreto de Lima, então Secretária de Educação do Município, ao apresentar os livros, afirmou:

Ofertamos a você um material de excelente qualidade, com um riquíssimo conteúdo, que transformará você em um aluno-pesquisador, incentivando a busca constante por novas informações sobre o surgimento e o crescimento de Juazeiro do Norte.

Assim como Lima, os livros trazem uma mensagem do Prefeito Municipal, Arnon Bezerra, que ressalta:

O livro *Juazeiro do Norte - Cidade da Gente* tem como objetivo principal fazer com que os alunos conheçam nossa cidade, desde sua origem até o presente momento, resgatando nossas culturas e

19 Localizado no território da serra do Horto, local místico onde foi enterrado um dos beatos que viveram na época do padre Cícero, apresenta duas capelinhas, onde os romeiros acendem velas e fazem suas preces.

20 O Santuário de São Francisco das Chagas, conhecido como a Igreja dos Franciscanos, foi benzido em 6 de janeiro de 1956, após seis anos da inauguração de sua pedra fundamental, em 6 de janeiro de 1950. Fica localizado na Praça Monsenhor Joviniano Barreto e é um dos maiores templos dessa ordem no Brasil. O Santuário de São Francisco das Chagas também é sede da Paróquia do mesmo nome, confiada aos Frades Capuchinhos (IBGE).

tradições. Juazeiro do Norte é um lugar especial, um espaço único, porém com múltiplas diversidades.

A fala da secretária e do prefeito reforça a centralidade na história de Juazeiro do Norte, em vez de abordar a história regional como sugere a nomenclatura da disciplina. Tanto Lima, quanto Bezerra, se referem exclusivamente à cidade, enfatizando sua origem, crescimento e cultura, o que limita a proposta de uma visão mais abrangente da região. Tal perspectiva, centrada em Juazeiro, reduz a abordagem e visibilidade de outras localidades e aspectos culturais importantes no estudo regional.

Segundo informações da Secretaria de Educação, na pessoa de Lima, os livros foram distribuídos entre professores e alunos, num total de 40 mil exemplares. Os autores são da Rede Municipal de Ensino ou de instituições de Ensino Superior, conforme listado abaixo:

Tabela 4: Autores dos livros “Juazeiro do Norte: Cidade da gente” - quarto material didático adotado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte

<p>Antônio Chessman Alencar Ribeiro</p>	<p>Formado em Letras, com Licenciatura em Literatura brasileira, Literatura inglesa e Língua Portuguesa (URCA). Especialização em docência do Ensino Superior. Professor de Filosofia e Sociologia no Ensino Fundamental, Médio e Superior. Presidente do Memorial padre Cícero no período de 2013-14.</p>	
<p>Conceição de Maria Pereira da Silva</p>	<p>Prof^{fa}. de História da Rede Municipal, faz parte do grupo de Contadores de História.</p>	

Djailson Malheiro	Pós-doutor e doutor em Geografia pela UFC. Mestre em Geografia pela UECE. Graduado em Geografia pela URCA. Professor efetivo da Rede Municipal de Educação de Juazeiro do Norte e da Faculdade Estácio de Sá, em Juazeiro do Norte	
Karla Fernanda de Lima Oliveira Tavares	Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA (2010). Pós-graduanda em História e Turismo Religioso pela FAVENI. Servidora da Prefeitura do Juazeiro, lotada no Memorial padre Cícero	
Maria José Sales	Graduada em Letras e pós-graduada em Alfabetização. Professora da Rede Estadual de Educação do Ceará. Também é atriz e escritora, tendo alguns livros publicados: Banquete dos Deuses; Padre Cícero: Filho do Crato, Pai do Juazeiro; Auto do Caldeirão, entre outros.	
Núbia Ferreira Almeida	Pós-graduada pela Univ. de Lisboa. Doutora em Educação Brasileira e mestrado em Sociologia pela UFC. Atua nos temas: Padre Cícero, instituições educacionais, ensino e pesquisa. Professora Associada do dep. Ciências Sociais da URCA.	

Na apresentação, os autores informam:

O livro traz relatos e visões de mundo construídos no cotidiano dessa cidade e que nos foi dada por historiadores e memorialistas que não queriam ver ocultados os fatos históricos do cotidiano e de pessoas simples que estavam fadados a fazer parte, apenas, de uma história subterrânea.

Ao ressaltar a importância da interdisciplinaridade, com a qual os profissionais de História e Geografia devem trabalhar nas questões locais tais como cultura, fatores sociais, políticos e econômicos, entendem que:

O tempo e a instituição escolar constituem um momento e um lugar especial para que possamos refletir sobre as coisas mais importantes da vida, em especial o relacionamento com os demais seres humanos, sem esquecer da sua importância para a formação do aluno.

Embora tratem de dois livros, analisaremos apenas o volume II, pois este foi o adotado para o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), séries delimitadas pela pesquisa em tela. Impresso em 212 páginas, incluindo a bibliografia, está dividido em seis unidades, cada autor foi responsável pela elaboração de uma delas, conforme demonstrado:

Quadro 1: unidades, temas e conteúdo do livro “Juazeiro do Norte: Cidade da gente” - quarto material didático adotado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte

UNIDADE	TEMA	CONTEÚDO
UNIDADE 1 Maria José Sales	Juazeiro do Norte – Ceará: Lugar de viver	<ul style="list-style-type: none"> • Juazeiro do Norte - Ceará: Município, cidade • Conhecendo nossos lugares • A paisagem de Juazeiro do Norte • Pontos cardeais • De povoado à cidade • Percorrendo as ruas de Juazeiro do Norte
UNIDADE 2 Núbia Ferreira	Juazeiro do Norte – Ceará: História e Memória	<ul style="list-style-type: none"> • Vamos fazer uma viagem no tempo • Juazeiro do Norte e as Romarias • O crescimento de Juazeiro do Norte • Juazeiro ganha novas ruas, avenidas e bairros • Bairros da cidade • Alguns casarões em Juazeiro do Norte
UNIDADE 3 Chessman Alencar	Juazeiro do Norte - Ceará: Lugar de memória	<ul style="list-style-type: none"> • Os bens culturais de Juazeiro do Norte • Conhecendo praças e igrejas de Juazeiro do Norte • Juazeiro do Norte e o seu patrimônio natural e cultural • Nossa cultura popular • É tempo de cuidar do nosso patrimônio cultural
UNIDADE 4 Djailson Ricardo Malheiro	Juazeiro do Norte - Ceará Educação socioambiental	<ul style="list-style-type: none"> • Padre Cícero e a Ecologia • Padre Cícero e a causa ambiental • Juazeiro do Norte e as Leis Ambientais • O Juazeiro do Juazeiro • Educação Ambiental e Saúde
UNIDADE 5 Karla Lima	Juazeiro do Norte - Ceará Lazer e turismo	<ul style="list-style-type: none"> • O lazer e a população de Juazeiro do Norte • Outros espaços de lazer existentes em Juazeiro do Norte • Juazeiro do Norte e o Turismo • O artesanato: Economia e Cultura • Juazeiro do Norte: Romaria e religiosidade

UNIDADE 6 Conceição Maria	Juazeiro do Norte - Ceará Poder e cidadania	<ul style="list-style-type: none"> • Juazeiro do Norte: Cidade, comunidade • A cidade e seus governantes • A cidade e algumas leis importantes • Serviços essenciais • Secretarias Municipais • Direitos e deveres • Educação de Juazeiro do Norte
--	---	---

Destacamos o aspecto visual do livro como um ponto bastante interessante, colorido, enriquecido com fotos, xilogravuras, desenhos, gráficos, tabelas, entre outros recursos. No início de cada unidade, há uma imagem representando a religiosidade ou a cultura popular, seguida de uma citação do autor ou autora responsável, conforme mostramos a seguir:

Figura 7: páginas do livro “Juazeiro do Norte: Cidade da gente” - quarto material didático adotado na disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte



Na primeira unidade, a imagem retrata o tradicional "pau-de-arara", caminhão que transportou, por muito tempo, romeiros e romeiras para Juazeiro do Norte. A segunda faz alusão ao bumba-meu-boi, festividade tradicional da cultura popular. Na terceira, a cultura popular é representada pela dança do maneiro-pau. A quarta, exhibe um devoto ajoelhado em oração, ao lado de cactos, símbolo da seca no sertão. A quinta traz a figura de um violeiro, enquanto a sexta e última unidade é simbolizada por um martelo, representando a Justiça. Apesar de a composição ser bastante atraente, observamos que nem as frases, tampouco as figuras, são problematizadas ao longo das unidades, servindo apenas como ilustrações.

Cada conteúdo principia com uma imagem do padre Cícero apresentando o tema, seguido do texto que é composto com ilustrações (mapas, fotos, tabelas, desenhos, etc.), encerrando com um exercício na parte que se chama "Vamos praticar". No percurso da análise crítica do conteúdo, trataremos diversos aspectos, desde a estrutura até as lacunas e o potencial pedagógico do material.

Na primeira unidade, por exemplo, que aborda as peculiaridades geográficas de Juazeiro, de quando era povoado até se transformar em cidade, a introdução desses conceitos seria importante para a compreensão do espaço por parte dos alunos, no entanto, a abordagem é meramente factual, desprovida de uma perspectiva crítica ou aprofundamento das mudanças sociais e políticas que acompanharam a urbanização. Do mesmo modo, não faz uma reflexão sobre as desigualdades espaciais dentro da cidade e como as políticas urbanas afetaram diferentes áreas, sobretudo no que diz respeito à população marginalizada.

A unidade II explora a memória da cidade, dando ênfase às romarias e ao crescimento urbano do município, analisando as transformações sofridas nas ruas e bairros, com destaque para os casarões. Porém, não apresenta uma análise mais crítica sobre as implicações sociais e como se processou o impacto desse crescimento na vida dos trabalhadores, os desafios habitacionais e a segregação urbana.

A unidade III aborda os bens culturais e o patrimônio de Juazeiro do Norte, como praças e elementos da cultura popular, o que se revela como um ponto bastante positivo, no entanto, deixa de lado a história das pessoas que fizeram e fazem parte dessas tradições culturais e se concentra mais nos aspectos materiais, como edifícios e monumentos. Novamente, o enfoque parece ser no padre Cícero e na cultura religiosa cristã católica, enquanto outras vozes e expressões culturais da cidade, como as mulheres, a população afrodescendente e os povos originários com sua respectiva cultura ancestral e expressões religiosas de matriz africana e indígena são postas à margem, ou simplesmente invisibilizadas, silenciadas.

Um tema extremamente importante e necessário é o abordado na unidade IV, que trata da ecologia e educação ambiental. O ponto alto, pode-se dizer, é a discussão em torno das leis ambientais e do conceito de educação ambiental. Porém, é oportuno refletir acerca das ações contemporâneas da cidade em relação à sustentabilidade e como a população, especialmente as gerações mais jovens, podem se engajar ativamente na defesa ambiental.

O turismo religioso e o potencial econômico e cultural das romarias de Juazeiro do Norte são o assunto central da quinta unidade, pois, é possível refletir sobre de que maneira ele transforma a cidade e afeta a vida dos moradores locais, além de analisar a real sustentabilidade dessas atividades.

Por fim, a última unidade discute as estruturas de poder, a cidadania e os serviços essenciais em Juazeiro do Norte, temas importantes para conscientizar os estudantes sobre direitos e deveres dos cidadãos, além do funcionamento da administração pública. Entretanto, a autora traz um conteúdo da chamada “história tradicional”, de cunho positivista, listando nomes de prefeitos, vereadores, secretarias, sem instigar a reflexão crítica no tocante ao papel das instituições no dia a dia dos cidadãos, ou a respeito das desigualdades no acesso aos serviços. Não se vê nenhuma discussão, por exemplo, sobre a importância da participação popular, do engajamento político e da cidadania ativa.

De forma geral, o livro apresenta uma visão abrangente sobre cultura, meio ambiente, lazer, cidadania. Tem uma composição gráfica chamativa e

diversificada com a inclusão de muitas fotos, mapas, xilogravuras, etc. Contudo, a narrativa é tradicional, descritiva e factual, desconsiderando as necessárias problematizações sobre questões sociais e históricas. Ressalta-se a valorização das romarias e da cultura popular como um ponto forte, mas a abordagem requer uma visão crítica sobre as implicações sociais e econômicas desses fenômenos.

Todo o livro tem uma forte centralidade na figura do padre Cícero, que, embora seja compreensível pelo fato de ter sido o sacerdote o primeiro prefeito de Juazeiro e seu grande líder político dentro e fora do Ceará, acaba por ofuscar outras personalidades e sujeitos históricos, principalmente, figuras femininas como as beatas Maria de Araújo e Mocinha, sua secretária, entre outras. Enfim, a ausência da história das populações ditas minoritárias, como afrodescendentes e indígenas é notável, sugerindo que o conteúdo poderia ser mais inclusivo e plural.

2.9 MATERIAIS DIDÁTICOS DE ESTUDOS REGIONAIS: entre o esforço e a necessidade de aperfeiçoamento em Juazeiro do Norte

Com base na análise dos quatro materiais didáticos propostos pela Coordenadoria Pedagógica (COPED) da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Juazeiro do Norte para a disciplina de Estudos Regionais, é possível observar tanto avanços, quanto desafios persistentes. De um lado, nota-se a intenção de disponibilizar algum recurso para que professoras e professores pudessem trabalhar a História Local na sala de aula, especialmente após a inclusão da disciplina obrigatória "História do Juazeiro do Padre Cícero" em 1990. No entanto, essa implementação não foi acompanhada de um planejamento mais robusto em termos de formação docente e desenvolvimento de materiais didáticos consistentes e de qualidade.

Inicialmente, os recursos disponibilizados eram muito limitados, como a apostila mimeografada com apenas 28 páginas, que, apesar de representar um primeiro passo, foi insuficiente em conteúdo crítico e pedagógico. Distribuída

esporadicamente, não abordava de maneira aprofundada a história da cidade, assim como não promovia reflexões sobre questões fundamentais ligadas à violência de gênero e racismo, que são centrais na biografia de figuras como a beata Maria de Araújo. O material, concebido num contexto de escassez de recursos, também carecia de uma visão mais crítica da história de Juazeiro do Norte, limitando-se a uma narrativa tradicional e focada, sobretudo, nos aspectos econômicos e urbanos da cidade.

Em 2017, houve um avanço significativo com a adoção dos livros *Juazeiro do Norte: Cidade da Gente*, que representaram uma melhoria no acesso aos materiais, tanto para professores quanto para alunos. Com suas 212 páginas e distribuído em larga escala, em termos de formato trouxe um conteúdo visualmente atrativo. No entanto, uma análise acurada revela que, embora apresente maior variedade de temas relacionados ao cotidiano, à geografia, à cultura e à memória de Juazeiro, ainda se centraliza excessivamente na figura do padre Cícero, reforçando uma narrativa que, em muitos aspectos, ignora a complexidade e a diversidade da história local e regional.

Tamanha centralidade no padre Cícero, apesar de refletir a importância do religioso para a identidade de Juazeiro do Norte, deixa lacunas na compreensão de outros aspectos importantes da história da cidade. A ausência de senso crítico sobre o papel de outras figuras históricas, como mulheres e líderes de movimentos sociais, além de uma reflexão mais aprofundada sobre a escravidão no Cariri, o racismo e a desigualdade social, demonstra as limitações pedagógicas do material. A inclusão desses temas não apenas enriqueceria o conteúdo, como também permitiria aos alunos uma visão mais completa, abrangente e crítica da História Local.

Outro ponto que merece destaque é a falta de formação específica para os professores no início da implementação da disciplina. A obrigatoriedade de ensinar a história de Juazeiro do Norte não veio acompanhada de uma preparação adequada dos docentes, tanto em termos de conhecimento histórico, quanto de recursos pedagógicos para abordar o conteúdo de maneira crítica e engajadora. Embora a adoção dos livros seja relevante, isso só

ocorreu 27 anos após a criação da disciplina, explicitando a falta de planejamento de longo prazo por parte das autoridades educacionais.

Ao longo dos 35 anos de implantação da disciplina, é inegável que houve progressos, mas eles ocorreram de forma lenta e fragmentada. A ausência inicial de materiais adequados, somada à falta de formação docente e à centralização de narrativas tradicionais, comprometeu o potencial transformador da disciplina de Estudos Regionais. Embora o livro tenha avançado em se tratando do formato e alcance, infelizmente, não contempla plenamente as demandas atuais por um ensino de História plural, crítico e inclusivo.

Em suma, é necessário reconhecer que, apesar dos avanços, ainda há muito a ser feito para garantir que a disciplina de Estudos Regionais cumpra seu papel de proporcionar aos alunos uma compreensão profunda e crítica da história de Juazeiro do Norte e da região. A ampliação dos recursos didáticos, a inclusão de figuras e temas marginalizados e a formação contínua de professores são passos fundamentais para consolidar os progressos já feitos e seguir em direção a uma educação mais justa e reflexiva.

3. CURRÍCULO, DISCIPLINA DE ESTUDOS REGIONAIS: a inspiração como proposição para o ensino de História Local em Juazeiro do Norte

A análise das apostilas da disciplina de Estudos Regionais no capítulo anterior revela alguns aspectos importantes que nos levam a uma discussão crítica sobre currículo e disciplina escolar, nos valendo das reflexões de Marcos Silva e Selva Guimarães Fonseca (2012).

O conceito de currículo, segundo os autores, tem sido alvo de intensos debates no campo educacional. Ele pode ser entendido como o conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e práticas organizados e transmitidos pelas instituições educacionais com o objetivo de formar indivíduos tanto em seus aspectos cognitivos quanto sociais. Não se limita apenas ao conteúdo explícito ensinado, mas incluem metodologias, abordagens pedagógicas, formas de avaliação e, sobretudo, os aspectos implícitos, como as normas de comportamento e os valores culturais presentes no ambiente escolar.

Para Silva (2012, p. 44), o currículo é uma construção histórica e social, marcada por conflitos e tensões:

[...] uma construção, um campo de lutas, um processo, fruto da seleção e da visão de alguém ou de algum grupo que detém o poder de dizer e fazer. Logo, o currículo revela e expressa tensões, conflitos, acordos, consensos, aproximações e distanciamentos. É histórico, situado, datado no tempo e no lugar social.

Silva sugere que o currículo não é neutro, reflete disputas políticas, sociais, econômicas e culturais. Incorpora uma série de escolhas sobre quais conhecimentos devem ser ensinados, para quem são destinados e como devem ser transmitidos. Para Silva e Fonseca, o currículo de História, em particular, deve ser visto como uma arena de disputa de significados e narrativas. A História oficial, majoritariamente, privilegia as perspectivas das

classes dominantes, enquanto outras vozes — povos indígenas, afro-brasileiros, mulheres e grupos marginalizados — são silenciadas.

Dentro dessa visão crítica, a elaboração de currículos que incorporem múltiplas perspectivas e questionem a hegemonia de uma narrativa única torna-se essencial. O currículo de História, portanto, não pode ser simplesmente a repetição de uma versão oficial, deve incluir outras narrativas para fomentar um ensino mais crítico e reflexivo.

Além da discussão sobre o currículo, Bittencourt (2008) traz à tona a complexidade do conceito de "disciplina escolar". Segundo a autora, as disciplinas escolares também não são neutras, mas, sim, construções sociais e históricas nascidas de processos políticos e culturais específicos. Refletem sempre os interesses e valores de determinados grupos e sua criação e desenvolvimento envolvem disputas de poder entre o Estado, professores, intelectuais e a sociedade em geral.

Bittencourt ainda ressalta:

Definir o conceito de 'disciplina escolar' não é uma tarefa simples, pois está relacionado a concepções complexas sobre a escola, o saber que ela transmite, e o papel de diferentes atores — tanto internos quanto externos ao ambiente escolar — na constituição do conhecimento escolar. (Ibid., p. 35).

Dito de outra forma, as disciplinas escolares representam espaços de poder, controle e disputas culturais. Seu ensino deve ser continuamente questionado e renovado para promover uma educação mais inclusiva e conectada com as demandas sociais e culturais contemporâneas.

No caso da disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte, conforme apresentado por Oliveira (2021), o currículo da disciplina foi formulado em 2019 e os professores receberam o material, embora ainda não houvesse recursos didáticos adequados para apoiar o ensino. A análise das apostilas de 2017 mostra um esforço inicial em fornecer material didático, mas observa-se que o desenvolvimento curricular e a disponibilização de recursos pedagógicos não ocorreram de maneira articulada ao longo do tempo. Isso

reflete o descompasso entre a obrigatoriedade do ensino da História Local e a implementação efetiva de um currículo e material didático correspondente de qualidade.

Goodson (1997) destaca que investigar a história das matérias escolares é fundamental para entender as mudanças e tendências na seleção de conteúdo e métodos de ensino. No caso de Juazeiro do Norte, constatamos que, embora a disciplina de Estudos Regionais tenha sido formalmente instituída em 1990, o material didático atualizado só foi disponibilizado em 2017 e o primeiro currículo oficial, estruturado em 2019. A lacuna entre a criação da disciplina e a elaboração de recursos adequados reflete a falta de uma política educacional consistente que garantisse a formação dos professores e a disponibilização de materiais de apoio ao longo desses anos.

A pesquisa teve dificuldade de acesso a mais informações sobre a disciplina e seus docentes, evidenciando a necessidade de maior transparência e organização por parte da Secretaria de Educação do Município. Como argumenta Bittencourt (2008, p. 42):

As finalidades das disciplinas escolares fazem parte de uma teia complexa na qual a escola desempenha o papel de fornecedora de conteúdos que obedecem a objetivos educacionais definidos. Assim, essas finalidades estão sempre sujeitas a mudanças, de modo a atender diferentes públicos e responder às suas necessidades sociais e culturais.

Constatamos que a disciplina de Estudos Regionais de Juazeiro do Norte, apesar do progresso, ainda tem desafios significativos, principalmente no que diz respeito à integração entre currículo e material didático. A criação de uma disciplina voltada à História Local é um passo imprescindível para a valorização da identidade regional, mas é essencial que na esteira desse processo haja um esforço contínuo para fornecer aos professores e alunos os recursos e o apoio necessários para garantir um ensino de qualidade e contextualizado.

3.1 “INSPIRAÇÕES PARA O PROFESSOR”: construindo uma História inclusiva

A sala de aula é um espaço dinâmico e multifacetado, onde o ensino de História não se limita somente à simples transmissão de informações. É também, por assim dizer, palco de um processo ativo de construção de saberes. No contexto da educação contemporânea, é fundamental que os professores adotem práticas pedagógicas inclusivas que reflitam a diversidade das experiências humanas e valorizem as narrativas que, invariavelmente, não encontram espaço nos livros didáticos.

Ao apresentar o produto desta dissertação, não pretendo oferecer uma solução definitiva para todos os desafios enfrentados pelos professores que lecionam a disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte-CE. Minha intenção é, antes de tudo, propor uma inspiração para suas aulas, que pode ou não ser seguida. A escolha cabe a cada um, temos autonomia em sala de aula. Como demonstrei no capítulo anterior, estamos respaldados para ministrar nossas aulas conforme nossa perspectiva pedagógica. As “inspirações”, como optei por chamar cada aula, podem ser aprimoradas, adaptadas ou usadas como foram concebidas. É totalmente aceitável que o professor ou professora optem por não as utilizar e busquem outros materiais, ou criem eles próprios, seu material de apoio.

Em síntese, este material é uma ferramenta que, enquanto professora, eu utilizaria da melhor forma possível, sempre refletindo sobre minha prática em sala de aula. Afinal, de acordo com Fonseca (2003, p. 10), “[...] o processo de ensino é algo bastante complexo”. E, dentro dessa complexidade, há a subjetividade dos indivíduos. Krenak nos assegura (2019, p. 16): “[...] Definitivamente, não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós é diferente do outro, como constelações”. Somos pessoas diferentes, professores diferentes, com metodologias diferentes. Não existe uma fórmula mágica, porque a escola é um espaço em constante movimento, não algo estagnado.

Cada turma é única, pois cada aluno e aluna é um universo em si. A escola não é a mesma todos os dias, seus estudantes e professores mudam constantemente. Essa dinâmica é o que me fascina na escola: o movimento, a dinamicidade. Então, por que buscamos fórmulas e materiais didáticos perfeitos? Muitas vezes, porque estamos exaustos. No entanto, não podemos nos render ao cansaço. Devemos seguir com esperança e ação, como nos inspira Freire (1996). Por isso, o que ofereço aqui são inspirações e não algo obrigatório ou fixo.

Este produto, portanto, é uma contribuição para a prática docente, não uma imposição. Acredito que cada professor, em sua singularidade, pode adaptá-lo de acordo com as necessidades dos alunos e a realidade escolar.

Acredito que a história, em todas as suas dimensões, é essencialmente formativa. Assim, seu ensino, os sujeitos, os saberes, as práticas, as experiências didáticas têm uma enorme importância para a vida social, para a construção da democracia e da cidadania. É por meio dos diversos processos, mecanismos, fontes e atos educativos que compreendemos a experiência humana, as tradições, os valores, as idéias e as representações produzidos por homens e mulheres em diversos tempos e lugares. Nós – professores, alunos, autores, produtores, formadores, investigadores – ensinamos e aprendemos história, sempre, nos diversos espaços, mas é na educação escolar que, fundamentalmente, produzimos novas maneiras de ler, compreender, escrever, viver e fazer história. (FONSECA, 2005, p. 11)

Proponho, ao longo deste caderno pedagógico, uma história temática em que, cada tema introduz o próximo, construindo uma sequência didática que se desenvolve durante o ano letivo. A primeira aula foi idealizada com base nas reflexões da disciplina de História Local, que cursei no terceiro semestre do mestrado com a professora Fátima Pinho, cuja orientação foi fundamental para a produção deste trabalho. As aulas serviram como inspiração para o produto e, ao mesmo tempo, é uma forma de homenagear minha orientadora, que é referência no campo da História Local. Trago, igualmente, contribuições de seus estudos sobre a história de Juazeiro do Norte como um reconhecimento ao impacto de sua pesquisa.

Acredito que a primeira aula, em qualquer disciplina, além de abordar o conteúdo deve estabelecer acordos com a turma. Gosto de enfatizar o respeito como palavra-chave em nossas aulas. Considerando que este caderno prioriza a História Local dentro da disciplina de Estudos Regionais e que, em alguns momentos, a religiosidade local será abordada, trabalhar o respeito às diferentes crenças é fundamental para criar um ambiente acolhedor e inclusivo.

O material também representa uma tentativa de aproximar a produção acadêmica, do Ensino Básico. Como mencionado anteriormente, se eu não tivesse sido apresentada aos trabalhos da professora Fátima Pinho, com seu livro, artigos produzidos e documentário, ao longo do mestrado, talvez nunca tivesse tido acesso a eles. Não por desinteresse, mas pela falta de tempo, algo que é um reflexo das condições estruturais nas quais os professores estão inseridos. Trabalhar com a construção do conhecimento é desafiador, pois, além de sermos professores, desempenhamos múltiplos papéis: somos mães, pais, responsáveis pelas tarefas domésticas, filhos, genros, noras, e muito mais. Cobrados de diversas maneiras, carregamos esse fardo por muito tempo sem o devido reconhecimento. Até quando suportaremos essa carga? Diz Freire:

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de apreender a substantividade do objeto aprendido. A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção. É precisamente por causa desta habilidade de apreender a substantividade do objeto que nos é possível reconstruir um mal aprendizado, o em que o aprendiz foi puro paciente da transferência do conhecimento feita pelo educador. (1996, p. 69)

Uma das principais preocupações ao elaborar este material foi garantir que houvesse a participação ativa dos alunos. No corpo do caderno abri vários espaços para que os estudantes "coloquem a mão na massa" e produzam seus próprios conhecimentos, incentivando o protagonismo na construção do saber. Desse modo, o ensino se torna uma experiência colaborativa e dinâmica, na

qual o aluno não é somente um receptor passivo, mas um agente ativo no processo de aprendizagem.

3.2 CONCEPÇÃO DA IDEIA PARA A PRODUÇÃO DO PRODUTO: inspirações para aulas de História Local sobre Juazeiro do Norte-CE

Após um ano e meio de aulas, tendo cursado tanto as disciplinas obrigatórias quanto as optativas e passando por um processo de reestruturação do projeto, decidi, a partir da minha experiência e das inquietações dos colegas que lecionam Estudos Regionais, ousar na criação de um material didático. A ideia foi desenvolver algo que, como professora, eu mesma me veria utilizando. Durante a produção já me via pensando em mudar ou adaptar o plano, questionando como os colegas receberiam aquela proposta. Refleti sobre isso e voltei à ideia inicial: como eu organizaria minhas aulas, caso fosse professora da disciplina?

Ao recebermos um livro didático, não nos limitamos ao conteúdo impresso nele. Nós, professores, adaptamos e construímos nossas aulas conforme nossa visão e prática pedagógica. A partir dessa reflexão, amadureci a ideia de não produzir longos textos, criando uma sequência de aulas inspiradoras, com enxertos de livros e textos acadêmicos que, devidamente referenciados, serviriam como fonte de pesquisa para os professores.

Como afirma Rocha:

Para além da distribuição dos conteúdos no tempo do calendário escolar, será necessário analisar os conteúdos em sua estrutura e decidir a melhor forma de abordá-los ao longo do tempo necessário e possível para o trabalho com eles. Essa decisão exige que o professor saiba que aprendizagens espera que o aluno tenha, a partir do trabalho em aula com tal conteúdo. (2015, p. 91)

Decidi, então, construir uma sequência didática de 40 horas/aula, correspondente à carga horária anual da disciplina. Não pensei em escrever quarenta textos, mas em organizar as aulas como sugestões ou inspirações,

utilizando trechos de textos acadêmicos e livros que conheci durante a graduação e outros materiais que tive acesso ao longo da carreira e durante o mestrado. Na correria do cotidiano nos afastamos dessas leituras e esse afastamento é algo que, após o processo de produção, não quero mais perder de vista.

No início, a ideia me pareceu audaciosa. Depois de participar de um evento acadêmico em 2023, o “Contemporaneidades” e receber a orientação das professoras organizadoras do grupo em que apresentei meu trabalho, reduzi a quantidade de aulas/inspirações. Refletimos que o ano letivo não inclui apenas o tempo de aula, mas os períodos dedicados às provas, correções, recuperações e apresentações. Foi sugerido que eu diminuísse para 20 horas/aula, e, devido ao tempo disponível, acabei organizando apenas 10. Penso em continuar esse projeto no futuro, ampliando-o para contemplar mais horas e com um conteúdo mais robusto.

Outro aspecto importante foi repensar a organização do caderno pedagógico. Imaginei um espaço que contemplasse tanto as inspirações para os professores quanto as atividades para os alunos, para que resolvessem as atividades ao longo do caderno. No entanto, refleti que seria mais apropriado pensar nos professores, para que pudessem planejar suas aulas e decidir como aplicar as atividades. Como docente, pensei que seria interessante colecionar as atividades entregues pelos alunos e, ao final do ano letivo, entregá-las a eles em um momento de reflexão sobre o que foi trabalhado.

Rocha ressalta a importância de planejar as aulas de maneira que construam uma narrativa coerente:

Fazer um planejamento do conjunto de aulas necessárias para o trabalho com determinado conteúdo, visando os objetivos de aprendizagem estabelecidos, se mostra mais interessante para o estabelecimento de uma direção para o trabalho docente e discente, para a produção de uma narrativa com princípio, meio e fim, com argumentos que propiciem a compreensão e a problematização pretendida. (Ibid., p. 91)

Enxergo o produto não como um fim, mas o início de um material que espero continuar construindo após a conclusão do mestrado, com mais tempo e calma. Minha intenção é elaborar algo mais amplo, que abranja todas as séries do Ensino Fundamental II. É uma pretensão ambiciosa, porém, sigo com esperança e determinação, buscando sempre avançar.

3.4 AS AULAS, OU MELHOR, AS INSPIRAÇÕES

O professor de história, num determinado contexto escolar, com sua maneira própria de agir, ser, viver e ensinar, transforma um conjunto de conhecimentos históricos em saberes efetivamente ensináveis. Ele faz com que os alunos não apenas compreendam, mas também assimilem e incorporem esses ensinamentos de variadas formas. No espaço da sala de aula, é possível ao professor de história fazer emergir o plural, a memória daqueles que tradicionalmente não têm direito à história, unindo os fios do presente e do passado em um processo ativo de desalienação. No entanto, também pode, consciente ou inconscientemente, perpetuar mitos e estereótipos da memória dominante. (FONSECA, 2005, p. 35)

Qual caminho escolhem os professores de História? O da desalienação ou o do fortalecimento de estereótipos? A escolha é dele, e sabemos que existem práticas que seguem ambas as direções. Eu, pessoalmente, optei pelo caminho da desalienação.

A aula que denominei “Inspiração 1” surgiu após a realização de algumas aulas de História com a turma do 6º ano. Ela surgiu a partir de um processo de ensino desenvolvido em sala. A realização de uma atividade me permitiu visualizar a primeira inspiração do produto, ou seja, foi fruto de um planejamento cuidadoso e de aulas previamente desenvolvidas.

No estudo da História, considera-se, principalmente, a dimensão do tempo, entendida como duração, a partir da identificação de mudanças e de permanências no modo de vida das sociedades. A divisão da História em períodos baseados nas mudanças e permanências auxilia a identificar a continuidade ou a descontinuidade da vida coletiva. (PCNs, 1998, p. 99)

Trabalho com meus alunos o que chamo de “linha de pensamento” em relação aos conteúdos ministrados, observando a passagem do tempo, os lugares onde os eventos ocorreram e as mudanças e permanências que se manifestam ao longo da História. Essa abordagem varia conforme o desenvolvimento de cada turma, permitindo que os alunos percebam que a História não é linear e que não se resume a um mero progresso. Essa reflexão guiou o desenvolvimento do produto e acompanhou todo o meu percurso no mestrado, desde as leituras até a produção dos trabalhos voltados para a prática em sala de aula.

Busquei incluir nas aulas citações e referências que ajudem os professores a lembrar os títulos que poderiam ser utilizados, pois, por experiência própria, sei que a rotina é corrida e a memória pode falhar. No contexto do Ensino Básico, essa correria é ainda mais intensa, especialmente para aqueles que atuam em várias instituições. Durante a qualificação do meu projeto de pesquisa, uma das professoras da banca destacou que precisamos, como educadores, ir além de esperar que os outros nos ofereçam recursos. Essa reflexão me inspirou a organizar o produto de forma a facilitar o acesso a materiais que incentivem os professores a buscar mais.

Após refletir sobre tudo isso, o produto desenvolvido apresenta como núcleo a História Local de Juazeiro do Norte, posicionando o aluno como protagonista de sua própria história, na cidade e o professor como um facilitador desse processo. A seguir, apresento as inspirações que o compõem.

Inspiração 1 – A história do nosso lugar

Outras questões pensadas para a pesquisa são importantes dentro da sala de aula, como por exemplo a reflexão sobre as rupturas e continuidades. Mudanças e permanências são palavras antagônicas, no entanto, para Marc Bloch a antítese desses atributos ocasiona outras reflexões acerca da pesquisa histórica - e podemos dizer também que para o ensino de

história. Com essa provocação, o historiador questiona a ordenação cronológica dos acontecimentos, de modo que “o limite entre o atual e o inatural está longe de se ajustar necessariamente pela média matemática de um intervalo de tempo. (BLOCH apud DCRC-CE, 2019, p. 523)

Na primeira inspiração, pensando em uma turma do 6º ano e em estudar as mudanças e permanências, elaborei uma aula inicial com o objetivo de mostrar como aprendemos História, e não só na escola. Inseri um trecho do livro da profª. Dra. Fátima Pinho, “Horto do Padim Ciço: narrativas, imaginários, intervenções”, para servir de fonte de estudo para os professores, destacando a passagem em que ela versa sobre a gripe espanhola. Aqui, imaginei que o professor pudesse fazer uma ligação com a atualidade, lembrando a pandemia de Covid-19 que o mundo viveu recentemente e ainda a observar, utilizando imagens do Horto do padre Cícero pesquisadas pelos professores, as mudanças e permanências que ocorreram no local ao longo do tempo. Concluindo a aula, sugeri a realização de uma atividade de pesquisa elaborada pelos estudantes sobre os principais locais da cidade de Juazeiro do Norte. Isso possibilitaria a identificação de conexões entre o passado e o presente, permitindo a distinção de semelhanças e diferenças, assim como permanências e mudanças.

Inspiração 2 – A Importância das pessoas na nossa vida

Nessa faixa de idade do estudante, sugere-se ao professor iniciar o estudo dos temas na perspectiva da História do cotidiano. Essa é uma escolha didática para os alunos distinguirem suas vivências pessoais dos hábitos de outras épocas e relativizarem, em parte, os padrões de comportamento do seu próprio tempo. É possível destacar a maneira de as pessoas trabalharem, vestirem-se, pensarem, conviverem, evidenciando relações sociais, econômicas e políticas mais amplas, que caracterizam o modo de vida das sociedades. Na dimensão particular da vida, na repetição de hábitos no dia a dia, existem experiências acumuladas ao longo de processos históricos. (PCNs, 1998, p. 54)

Na segunda aula, iniciamos com a apresentação da atividade de casa da aula anterior, que faz essa ligação com o cotidiano dos alunos, pois eles trarão imagens de locais de sua escolha, de lugares observados por eles que

passaram por mudanças e permanências. Após esse momento, falaremos das pessoas que fazem parte de nossas vidas, pedindo-lhes que elaborem um texto contando um pouco da história de uma pessoa considerada importante. Costumo dizer em sala de aula, uma pessoa que lhe inspire. A atividade de casa seria providenciar uma foto dessa pessoa, podendo a aula se desdobrar em outras, se o professor pedir a apresentação dos textos, se quiser realizar uma roda de conversa sobre as fotos que os alunos providenciaram, ou, ainda, se optar por organizar uma exposição fotográfica. São várias as possibilidades a serem desenvolvidas a partir da ideia inicial.

Inspiração 3 – Sobre a história de Juazeiro Do Norte – CE

O fundamental é tornar nossas aulas mais prazerosas, levando os alunos a perceberem que sua própria vida já é uma grande história e que o conhecimento histórico pode ser elaborado por todos, independentemente de qualquer aspecto social, político, econômico e cultural. (SILVA, 2004, p. 4)

Para a terceira aula, prosseguindo com a sequência didática, vamos refletir acerca do início da história de Juazeiro do Norte, integrando a vivência do aluno nesse contexto para que ele possa se reconhecer como protagonista.

Inspiração 4 – Memória e os Lugares de Memória

Nesse quesito, pensei na preparação de uma futura aula de campo nos lugares considerados de memória em nossa cidade, que façam parte da história de nossos alunos e alunas.

É no local, conhecendo pessoalmente casas, ruas, obras de arte, campos cultivados, aglomerações urbanas, conversando com os moradores das cidades ou do campo, que os alunos se sensibilizam para as fontes de pesquisa histórica, isto é, para os “materiais” sobre os quais os especialistas se debruçam na interpretação de como seria a vida em outros tempos, como se dão as relações entre os homens

na sociedade de hoje, como o passado permanece no presente ou como são organizados os espaços urbanos ou rurais. O estudo do meio é, então, um recurso pedagógico privilegiado, já que possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo. (PCNs, 1998, p. 94)

O trabalho teria início na escola tomando como base o conceito de memória para que, num segundo momento, os estudantes, a partir de suas próprias lembranças, façam um “link” com a história da cidade, servindo de estímulo para a concepção da aula seguinte sobre Educação Patrimonial com visita guiada aos diferentes espaços existentes no município.

Nas visitas a museus, exposições e sítios arqueológicos é relevante considerar que eles são espaços de preservação e divulgação da memória. Nesse particular, é possível desenvolver com os alunos debates sobre a importância e o significado sociais dos museus e das exposições no cotidiano da população, na formação de identidades, na sua formação cultural e educacional - formação essa que ocorre em momentos de passeios e lazer. (Ibid., p. 91)

Lembro que na infância meus pais nos levavam, meus irmãos e eu, para visitar o Museu do Pe. Cícero localizado à rua São José e o Memorial Pe. Cícero, no Largo do Socorro. Essas visitas me ajudaram na construção de uma dada memória, de uma identidade específica, tanto que, já adulta, me interessei em conhecer o Museu Vivo, na colina do Horto. Não fosse a influência deles acerca da história da cidade, provavelmente o caminho teria sido outro.

A questão da memória está relacionada ao lembrar, recordar, recordar, perpetuar, avisar, iluminar ou consolidar, como também ao esquecer, negar, renunciar, romper, recusar, silenciar etc. O que não é lembrado é esquecido e perde laços afetivos de identidade. Nesse sentido, os documentos são materialidades selecionadas, preservadas e estudadas para perpetuar lembranças do passado, que salientam problemáticas presentes. São suportes para o ato de recordar da sociedade. (PCNs, 1998, p. 91)

O que se recorda tem o papel social de criar laços de identidade coletiva. A identidade tem como suporte uma base material (os documentos), que estimula a lembrança por meio de sua dimensão simbólica - o significado que passa a ter para falar da permanência ou mudanças de costumes, ações, modos de viver, domínios tecnológicos. Um texto, uma gravura, uma cerâmica pode afetar os sentimentos de identificação de um cidadão com grupos locais,

étnicos, de gênero; com sua região, sua nação, a cultura de seu povo ou com uma trajetória histórica conhecida ou em processo de construção. (Ibid., p. 91)

As duas citações correlacionam a memória e os documentos como seu suporte físico, do mesmo modo a formação da identidade. Estudar tais questões em sala de aula lhes dará a oportunidade de mensurar a importância dos documentos para a composição da memória histórica da cidade e a deles também. Isso pode tornar mais fácil, quiçá, prazeroso, o processo de ensino e aprendizagem da História Local. Comento com os alunos, que construímos ao longo do ano letivo uma linha de pensamento voltada aos temas e conteúdos estudados, e percebo que o trabalho professor/aluno se torna mais fluido.

Inspiração 5 – Educação Patrimonial

O tema em foco é fruto da disciplina cursada no primeiro semestre do mestrado, “Educação Patrimonial e Ensino de História”, uma das que mais me chamou a atenção devido à didática utilizada pelos professores.

A Educação Patrimonial se apresenta como um processo permanente e sistemático de trabalho educacional, centrado no Patrimônio Cultural, como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Portanto, ao implantarmos a Educação Patrimonial, de forma transversal no currículo escolar das instituições educacionais, temos como objetivo primordial possibilitar que crianças, jovens e adultos se apropriem e possam valorizar sua herança cultural. Isso permite capacitar para um melhor usufruto dos bens culturais, e ainda, propicia a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo e profícuo de criação cultural. O pensamento crítico e o desenvolvimento da consciência pelo cidadão, acerca de seu Patrimônio Cultural, são fatores indispensáveis, no processo de preservação sustentável de sua história, bem como no fortalecimento do exercício ativo da sua cidadania. A Educação Patrimonial é um instrumento pedagógico de compreensão do mundo e de resgate da própria identidade cultural de uma sociedade. Este processo educacional proporciona um autoconhecimento dos indivíduos e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. O ensino da Educação Patrimonial se propõe a ir além do estudo de conceitos, buscando o desenvolvimento de atitudes de responsabilidade e compromisso frente à preservação dos bens culturais, quer sejam materiais ou imateriais. Nessa direção, Horta; Grunberg; Monteiro (1999, p. 6), afirmam que “[...] a Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita, ao indivíduo, fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória

histórico-temporal em que está inserido.” Entendemos, assim que a abordagem da temática Educação Patrimonial em sala de aula é uma ferramenta indispensável para assegurar o conhecimento e a valorização do patrimônio cultural local. (DCRC-CE, 2019, p. 83)

Aqui, sugiro ao professor que solicite previamente aos alunos que providenciem e tragam para a sala objetos que tenham importância para eles. Objetiva-se, através dessa iniciativa, explicar o conceito de patrimônio, pois, através daquilo que for trazido, podemos dizer que equivale a uma espécie de patrimônio, ampliando a discussão sobre a materialidade de cada um dos artefatos. Se os estudantes se dispuserem a cuidar do que, em alguma medida, tem determinado valor, irão melhor entender o significado da preservação do patrimônio cultural da cidade. A aula pode ser uma preparação para a atividade de campo organizada mais adiante.

Ao longo da História brasileira existiram concepções diferentes para patrimônio histórico e cultural. Uma das correntes atuais define patrimônio em três grandes dimensões: natural ou ecológico, histórico-artístico e documental. Nesse sentido, há o esforço de preservar, como patrimônio: o meio ambiente; os conjuntos urbanos; os sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico; as obras, os objetos, os documentos, as edificações, as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as formas de expressão; e os modos de criar, fazer e viver. Por sua vez, há o esforço de preservar, como patrimônio histórico, o patrimônio arquitetônico, arqueológico, documental, arquivístico, bibliográfico, hemerográfico, iconográfico, oral, visual, museológico e todos os outros bens que documentam a História de uma sociedade. (PCNs, 1998, p. 90)

Para exemplificar o chamado patrimônio imaterial, podemos, entre outras coisas, nos valer das brincadeiras de roda de antigamente, tornando mais fácil para as crianças, mais do que para os jovens, a compreensão do que isso significa.

Inspiração 6 – História da beata Maria de Araújo

Por muito tempo, a história das mulheres foi deliberadamente negligenciada. No caso do Cariri cearense, especificamente, uma mulher negra se transformou no centro dos acontecimentos em torno dos propalados “milagres” de Juazeiro do Norte, a beata Maria de Araújo, que tem vindo à cena graças a estudos, pesquisas e luta para que seu nome seja reconhecido historicamente como merece.

Os subtemas propostos estão relacionados a muitas situações do presente. Cabe ao professor identificá-las e selecionar uma ou mais que possam orientar a escolha dos conteúdos a serem estudados. Tais escolhas podem e devem ser feitas em conjunto com outras disciplinas, enriquecendo o conhecimento que é por essência interdisciplinar. (Ibid., p. 56)

Duas disciplinas, História e Sociologia, poderiam trabalhar juntas quanto à análise desta temática, mas focando na personagem central de nossa história local, a beata Maria de Araújo. Na implementação da aula, seria oportuno refletir sobre as apostilas analisadas no capítulo anterior e acerca da ausência do estudo desse assunto.

Inspiração 7 – Documentos Históricos

No final da aula anterior, proporei como atividade de casa exemplos de documentos históricos relacionados à história das mulheres e, se possível, no tocante à beata Maria de Araújo.

A relação passado/presente não se processa de forma automática, pois exige o conhecimento de referências teóricas capazes de trazer inteligibilidade aos objetos históricos selecionados. Um objeto só se torna documento quando apropriado por um narrador que a ele confere sentido, tornando-o capaz de expressar a dinâmica da vida das sociedades. Portanto, o que nos interessa no conhecimento histórico é perceber a forma como os indivíduos construíram, com diferentes linguagens, suas narrações sobre o mundo em que viveram e vivem, suas instituições e organizações sociais. Nesse sentido, “O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é

fundamental para definir o alcance de sua fala”. Toda operação com documentos, portanto, é de natureza retórica. (BNCC, 2018, p. 397)

Neste tópico não se pretende falar somente de fontes escritas, mas também de objetos que, ao longo do tempo, tornaram-se documentos históricos devido a importância que lhes foi conferida.

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma-se em exercício, em laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história. (Ibid., p. 398)

Dependendo da dinâmica, a aula pode se desdobrar em outros momentos, inicialmente com o estudo sobre o conceito de documento histórico. Pode-se trazer e apresentar aos estudantes o que é uma fonte escrita, ou realizar visitas a locais apropriados, como o Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC), localizado na Universidade Regional do Cariri, Bloco de História, em Crato – Ceará. São várias as possibilidades, dependerá da criatividade e disposição dos professores.

Documentos são vestígios do passado, dos mais variados tipos e passam a ser fontes históricas, quando são lidos com um questionamento, uma problematização. Para Certeau (2011, p. 69), “[...] em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outras maneiras”. Para o historiador francês, uma pesquisa histórica tem seu trabalho diante do “coleccionar” - ou seja, reunir diante de uma motivação, a construção de novos objetos que ganha novo sentido com sua relação com a coleção. (DCRC-CE, 2019, p. 523)

Inspiração 8 – Atividade referente à exibição do filme Narradores de Javé

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. (LDB, 2018, pp.19-20)

Procurei durante a escrita da dissertação embasar as escolhas e as sugestões dadas na legislatura existente, pois, em relação a nós, professores, tudo é questionado: didática, metodologia e quando se trata da exibição de vídeos, documentários ou filmes somos acusados de “enrolar a aula”, embora a lei vigente nos autorize a usá-los como recurso no processo de ensino e aprendizagem. Assistir ao filme previamente, observar sua classificação indicativa, em que tipo de gênero se encaixa, etc., é imprescindível antes de levá-lo para a sala de aula. Utilizei “Narradores de Javé”, por exemplo, quando trabalhei como supervisora do PIBID com o objetivo de discutir o ofício do historiador. Na ocasião, por se tratar de um projeto, disponibilizamos uma tarde inteira para essa atividade. Em sala de aula, entretanto, o fiz mais de uma vez de maneira satisfatória. No que tange ao filme é apenas uma indicação, o professor poderá fazer outra escolha de acordo com o pretendido. Com relação à História Local, sugiro o documentário “Horto do Padim Ciço”.

Inspiração 9 – Aula de campo aos Lugares de Memória

Todo devoto que vem em romaria cumpre um ritual específico, qual seja, o de visitar os lugares para ele revestidos de sacralidade: Basílica de Nossa Senhora das Dores, Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, museu-casa — onde morreu o Padre Cícero —, o Horto. Nesse universo sacralizado, a Colina do Horto representa o centro, o ápice da religiosidade romeira. Para o historiador Régis Lopes Ramos, o centro de Juazeiro é a “Serra do Horto e o centro da Serra do Horto é o Santo Sepulcro” (RAMOS, apud PINHO, 2023, p. 22)

Em Juazeiro do Norte, vários são os lugares possíveis para visitação tanto no âmbito religioso, como em outros segmentos. Além das igrejas, pode-se levar os alunos para conhecer centros religiosos como os terreiros de Umbanda e de Candomblé, casas de ax , possíveis aldeias indígenas, proporcionando aos estudantes a oportunidade de entrar em contato com a feição múltipla e diversificada de sua cidade. O comércio de Juazeiro, Centro de Cultura Popular Mestre Noza²¹, artesanato local e museus constituem mais uma possibilidade.

Uma sugestão de trajeto inicial para a aula de campo seria a Praça Padre Cícero com o relato sucinto de sua história. Na sequência, a Igreja do Socorro, observando as edificações, mudanças e permanências, prédios mais antigos e recentes, túmulo da beata Maria de Araújo, Memorial Padre Cícero e, finalmente, Museu Casa Padre Cícero. Antes da realização dessa aula o professor precisa organizar um roteiro com a indicação dos locais sugeridos, pesquisando sobre a história de cada um deles para compartilhar com os alunos.

Se a aula de campo não der certo, pois sabemos que nem todas as escolas têm as condições necessárias para uma atividade desse tipo, é possível a realização de uma aula com o estudo das imagens dos locais que seriam visitados, comparando e analisando as mudanças e permanências pelas quais esses lugares passaram, a partir das fotos antigas e atuais.

Inspiração 10: Culmin ncia

Para a última aula, sugiro que professores e alunos avaliem juntos como foi a caminhada durante as etapas anteriores. Cabe verificar se todas as atividades foram realizadas a contento, e se o docente as registrou e colecionou,   uma boa hora para compartilhar o resultado com os estudantes para que estes possam observar o que fizeram ao longo do período. As 10 propostas podem abranger mais de uma aula, havendo mais tempo para

intervenções e estimulando a produção do professor. Nas que se referem à memória, os professores podem organizar uma roda de conversa com os parentes mais velhos de seus alunos para saber deles um pouco da história da cidade e suas experiências. Com relação ao patrimônio, os objetos disponibilizados pelos discentes podem ser organizados em formato de museu.

Sobre avaliação,

No processo de avaliação é importante considerar o conhecimento prévio, as hipóteses e os domínios dos alunos e relacioná-los com as mudanças que ocorrem no processo de ensino e aprendizagem. O professor deve identificar a apreensão de conteúdos, noções, conceitos, procedimentos e atitudes como conquistas dos estudantes, comparando o antes, o durante e o depois. A avaliação não deve mensurar simplesmente fatos ou conceitos assimilados. Deve ter um caráter de diagnóstico e possibilitar ao educador avaliar o seu próprio desempenho como docente, refletindo sobre as intervenções didáticas e outras possibilidades de como atuar no processo de aprendizagem dos alunos. (PCNs, 1998, p. 62)

Como sistemática permanente da ação educativa é importante que os professores realizem diagnósticos sobre como os alunos estão compreendendo os temas de estudo e identifiquem quais os procedimentos e atitudes que favorecem a compreensão dos temas em dimensões históricas. Nas situações de intervenção pedagógica, pode propor questionamentos, orientar pesquisas, confrontar versões históricas, desenvolver trabalhos com documentos, realizar visitas e/ou estudo do meio, fornecer novas informações complementares e/ou contraditórias, promover momentos de socialização e debates, selecionar materiais com explicações, opiniões e argumentos diferenciados e propor resumos coletivos. (Ibid., p. 53)

A citação acima fornece exemplos de como proceder metodologicamente em algumas aulas, algo que tentei fazer no desenvolvimento das 10 propostas elencadas até aqui. Mas não é fácil a produção de um material ou livro didático.

Considerando os níveis de complexidade tanto do ensino quanto da aprendizagem dos estudantes, como o produto apresentado não é o fim, mas um início, penso nesse aspecto para dar continuidade as inspirações futuramente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação e seu produto final são frutos de toda a minha jornada ao longo do mestrado. Neles, encontra-se um pouco de cada professor e professora que tive o privilégio de assistir, de cada texto que li, cada trabalho escrito e produzido. A conclusão deste trabalho me foi desafiadora em muitos aspectos, representa um verdadeiro parto, resultado de diversas dificuldades enfrentadas durante o processo.

Durante a pesquisa realizamos tanto estudos teóricos, quanto análises das fontes — materiais didáticos coletados e leis que regem a Educação no Brasil -. Refleti que, apesar dos avanços tecnológicos que a humanidade tem alcançado, é essencial valorizar o uso de ferramentas tradicionais, como a escrita em papel e em livros didáticos. Como bem destacou Bittencourt, é importante que o aluno escreva, que faça uso do livro didático e que não adotemos uma visão quase religiosa em relação ao tecnológico. Não se trata de abandonar as tecnologias, mas de buscar usá-la de forma equilibrada, aproveitando o que temos à disposição sem priorizar um recurso em detrimento do outro.

A análise das apostilas e a proposta de um material que incentive a escrita dos alunos reforçam essa visão: ao escrever, o estudante organiza mentalmente o conteúdo estudado e aprendido em sala de aula e outros espaços de aprendizagem promovidos pelos professores.

No percurso intenso dessa trajetória, enfrentei alguns momentos de dificuldade, algo comum em projetos desse tipo. Um dos desafios foi a falta de discussão sobre a disciplina de Estudos Regionais em Juazeiro do Norte-CE, especialmente no que diz respeito à escassez de materiais didáticos e formações específicas. Existe um currículo estruturado ao longo do tempo, abordado nesta dissertação, disponibilizado em anexo, mas o material didático que está disponível não o contempla adequadamente, pois foi elaborado antes da formulação do currículo vigente. Apesar de as diretrizes educacionais embasarem o ensino de História Local, se faz necessário valorizar e fortalecer

a disciplina de Estudos Regionais, permitindo que nossos alunos não apenas a compreendam, mas também compartilhem o conhecimento adquirido acerca dela.

Com o produto apresentado, almejo contribuir para a disciplina de Estudos Regionais, com ênfase na História Local. Ressalto que não se trata de uma solução pronta e acabada, mas uma proposta aberta a adaptações pelos professores, seja no ano em curso ou futuramente, posto que nosso trabalho é vivo e dinâmico e a escola, movimento e ação.

Somos fruto do que vivemos e da interação com as pessoas com as quais convivemos: a família, aqueles que conhecemos ao longo da vida, dos livros que lemos, dos filmes que assistimos, das músicas que ouvimos e das viagens que fazemos. Tudo isso nos impulsiona em um processo contínuo de construção enquanto seres humanos: na memória, na identidade e como indivíduos.

FONTES

ALENCAR, Chessman; DE MARIA, Conceição ; MALHEIRO, Djailson; LIMA, Karla ; SALES, Maria José; FERREIRA, Nubia. **JUAZEIRO DO NORTE: CIDADE DA GENTE FUNDAMENTAL I. FORTALEZA: DIDÁTICOS**, 2017.

ALENCAR, Chessman; DE MARIA, Conceição ; MALHEIRO, Djailson; LIMA, Karla ; SALES, Maria José; FERREIRA, Nubia. **JUAZEIRO DO NORTE: CIDADE DA GENTE FUNDAMENTAL II. FORTALEZA: DIDÁTICOS**, 2017.

FERREIRA, Edson Xavier; DE ARAUJO ALMEIDA, Eduardo Fernandes; VIEIRA, Flaviano Batista; LANDIM, Francisca Helena D S.; TORQUARTO, Francisco Alves; CAVALCANTE, Maria Aparecida S.; GOMES FARIAS, Maria Do Carmo . **APOSTILA DE ESTUDOS REGIONAIS. JUAZEIRO DO NORTE: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**, 2016.

JUAZEIRO, A ÁRVORE QUE DEU NOME À CIDADE. Juazeiro do Norte: ?, 199?.

SOUSA, José Boaventura de; MARQUES, Daniel Walker Almeida; MARINHO, Silvia Maria Rodrigues da Silva; SALES, Maria José de. **CONHECENDO O CARIRI**: texto de apoio para o professor de estudos regionais. Juazeiro do Norte: Secretaria de Educação, Cultura e Desporto, 2000.

SITES CONSULTADOS

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. . **Legislação Informatizada - CONSTITUIÇÃO DE 1988 - Publicação Original**. 2024. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 08 set. 2024.

BRASIL. IBGE. . **Cidades e Estados**. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/juazeiro-do-norte.html>. Acesso em: 08 set. 2024.

BRASIL. MEC. . **Documento Orientador Programa de Apoio ao Novo Ensino Médio**. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio-descontinuado/pdfs/DocumentoOrientador_ProgramadeApoioaoNovo-EnsinoMdio.pdf%3B. Acesso em: 08 set. 2024.

CEARÁ. CED SEDUC. . **Eletivas**. 2024. Disponível em: <https://www.ced.seduc.ce.gov.br/apoio-aos-estudos-domiciliares/eemti/eletivas/>. Acesso em: 08 set. 2024.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, Recife, Massangana, 1999.
- BARBOSA, Lúcia Falcão; FREIRE, Eleta de Carvalho; MORAES, Maria Tereza Didier de. **O construtivismo e o ensino de história**. In: ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs.). Ensino de História e suas práticas de pesquisa. 2. ed.[e-book] São Leopoldo: Oikos, 2021, pp. 80-95.
- BARROS, C. H. Ensino de História, memória e história local. Revista de História da UEG, v. 2, n. 1, pp. 301-321, 27 ago. 2013.
- BARRO, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero: a terra da mãe de Deus**. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.
- BEZERRA, Carmen Lúcia Tomás. **Memórias de professores preceptores em Juazeiro do Norte-CE (1930/1940)** / CRV; 1. ed. 2020.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.9394/1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História / Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC / SEF, 1998. 108 p.
- COSTA, Warley da. **Currículo de história e produção da diferença: fluxos de sentidos de negro recontextualizados na história ensinada**. In: MONTEIRO, Ana Maria. [et al.] (orgs.) Pesquisa em ensino de história: entre desafios epistemológicos e apostas políticas. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014. pp.129-145.
- DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DO CEARÁ: educação infantil e ensino fundamental. Fortaleza: SEDUC, 2019.
- DONNER, Sandra Cristina. **História Local: discutindo conceitos e pensando na prática o estado das produções no Brasil**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA – HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 11., 2012, Porto Alegre, RS. Anais... Porto Alegre: ANPUH-RS/FURG, 2012.
- FIALHO, L. M F.; QUEIROZ, Z. F. de. **Maria Neli Sobreira: história e memória da educação em Juazeiro do Norte**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 70, pp. 67-84, jul./ago. 2018

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de Ensino de História. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREITAS, Itamar. **Fundamentos teórico-metodológicos para o Ensino de História** (Anos iniciais). São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

GABRIEL, Carmem Teresa; MONTEIRO, Ana Maria. **Currículo de história e narrativa: desafios epistemológicos e apostas políticas**. In: MONTEIRO, Ana Maria... [et al.] (orgs.) Pesquisa em ensino de História: entre desafios epistemológicos e apostas políticas. 1. ed. - Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014. pp. 23-40.

GERMINARE, Geyso Dongley; HORN, Geraldo Balduino. **O ensino de História e seu currículo: teoria e método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. **História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância**. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette. M.; MAGALHÃES, Marcelo de S. (org.) Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. pp. 175-185.

GOODSON, Ivo F. **Currículo: teoria e história**. Tradução de Atílio Brunetta; revisão da tradução: Hamilton Francischetti; apresentação de Tomaz Tadeu da Silva. 15 ed. Atualizada e ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

JUNIOR, Darlan Reis. **A relação espaço-tempo no ensino da História Regional e local: conflitos e resistências no meio histórico**. In: CAMILO, Janaína Valéria; IRFFI, Ana Sara Cortez; JUNIOR, Darlan Reis (orgs.). Espaço, Temporalidades e o Ensino de História / Curitiba: CRV: 2023. pp.17-34.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. 58 p.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067> Acesso em: 23 mar. 2017.

NOGUEIRA, Delane Lima. **Amália Xavier e a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: registros sobre a constituição de uma cultura docente para a educação no campo**. 2008.

OLIVEIRA, Hernani Robinson da Luz. **Ensino de história com tecnologias digitais de informação e comunicação**: o uso do blog na disciplina de estudos regionais. 2021. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistória, Departamento de História - Dh, Universidade Regional do Cariri – Urca, Crato – Ce, 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/700270> Acesso em: 02 set. 2024.

PINHO, Maria de Fátima de Moraes. **Horto do Padim Ciço**: narrativas, imaginário, intervenções. Sobral - CE: Sertão Cult, 2023.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. [tradução Ricardo Santhiago] São Paulo: Letra e Voz, 2016 (Coleção Ideias)

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. **Aula de História**: evento, ideia e escrita. História & Ensino, Londrina, v. 21, n. 2, pp. 83-103, jul./dez. 2015.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica - teoria da história**: fundamentos da Ciência Histórica. Tradução de Estevão Chaves de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2001.

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 9, n. 19, pp. 219-242, set. 1989 / fev. 1990.

SILVA, Francisco Ribeiro da. **História Local**: objectivos, métodos e fontes. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.1999.

SILVA, Luís Carlos Borges da. **A importância do estudo de história regional e local na Educação Básica**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal - Rn. Anais [...] 2013. pp. 1-11. Disponível em: https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372277415_ARQUIVO_Artigo-HistoriaRegional_NATAL_ Acesso em: 02 set. 2024.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar história no século XXI**: em busca do tempo entendido. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

ANEXOS

**CURRÍCULO DE ESTUDOS REGIONAIS
ENSINO FUNDAMENTAL II - 6º ANO**

APRESENTAÇÃO	A disciplina de Estudos Regionais tem como base formativa as disciplinas de História e Geografia, voltada para os estudos locais. As habilidades e competências das disciplinas acima citadas, por sua vez, norteiam as propostas de Estudos Regionais conforme as orientações da BNCC.	
OBJETIVO GERAL	Apresentar para os alunos a História e Geografia regional, com destaque a cidade de Juazeiro do Norte, contemplando a compreensão objetiva dos estudos regionais. Em outras palavras, estudar o regional, nesse caso o cariri, ultrapassando os limites municipais de Juazeiro, pois antes de se tornar o que é hoje, o estudante deve compreender que a cidade, assim como a região do cariri é uma construção do homem, no tempo e no espaço geográfico.	
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 1º Período	Habilidades
Sujeito e seu lugar no mundo	Estudos Regionais por que é importante estudar?	(EF06ER01JN) Destacar a importância da relação presente/passado para o estudo da história local.
	Conceitos básicas para estudar o regional	(EF06ER02JN) Localizar-se no tempo e nos fatos históricos partindo das particularidades locais.
	Povoamento do cariri - Pré-colonial	(EF06ER03JN) Identificar geograficamente as rotas de povoamento da Região do Cariri. (EF06ER04JN) Conhecer a ocupação dos nativos kariris que se fixaram antes da invasão europeia na atual Região do Cariri cearense. (EF06ER05JN) Entender a mitologia dos índios kariris e seu processo de sincretismo com a cultura do colonizador europeu. (EF06ER06JN) Compreender as raízes da formação do cidadão caririense e almejar traços identitários na história local.
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 2º Período	Habilidades
Configurações do Vale do Cariri na	As primeiras missões no Cariri	(EF06ER07JN) Descrever as formas de organização dos índios kariris no tempo da invasão europeia, buscando identificar elementos de confrontos e resistências culturais.

colonização portuguesa	As primeiras Vilas	(EF06ER07JN) Analisar as contribuições dos jesuítas no processo de povoação por meio da catequização e no aculturamento dos tapuias nas diretrizes civilizatórias. (EF06ER08JN) Analisar os diferentes impactos das missões jesuítas no território e nos povos que ocupavam as terras do Vale do Cariri e que posteriormente proporcionaram os surgimentos das primeiras vilas. (EF06ER09JN) Compreender a elevação de um povoado a vila na ideia de desenvolvimento dos rincões da América Portuguesa e suas alterações nos aspectos de espaço geográfico e social.
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 3º Período	Habilidades
O território cearense na organização administrativa da América Portuguesa	O Ceará (Capitanias Hereditárias)	(EF06ER10JN) Analisar o processo de transição do Ceará pré-colonial para o Ceará Colonial.
	O Sertão nordestino	(EF06ER11JN) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da capitania do Siará Grande. (EF06ER12JN) Reconhecer os principais produtos da Capitania do Siará Grande e sua contribuição nos objetivos da Coroa Portuguesa. (EF06ER13JN) Discutir o papel do sertanejo cearense como fruto de ações dos desbravadores que ocuparam o interior da capitania. (EF06ER14JN) Compreender os aspectos climáticos e as características geográficas como elementos determinantes na construção do sertanejo nordestino.
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 4º Período	Habilidades
Urbanização do Cariri cearense	Cariri histórico	(EF06ER14JN) Identificar as particularidades político-sociais do Vale do Cariri no século XVIII e XIX.
	As primeiras cidades	(EF06ER15JN) Relacionar as transformações territoriais e sociais oriundas das missões jesuítas que após o surgimento das vilas abriram caminho para as primeiras cidades.

		(EF06ER16JN) Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as origens das primeiras cidades caririenses.
--	--	--

Equipe Responsável pela elaboração do Currículo de Estudos Regionais

Ana Cristina Oliveira Leite Gonçalves

Antonio Chessman Alencar Ribeiro (**Coordenador**)

Antonio Marcos Torres

Carlos Alberto da Silva Angelo

Erasmus Conceição Guimarães

Hernâni Robinson da Luz Oliveira

Maria do Socorro Benício Filgueiras

Raimunda Mary Costa Feitosa

Simone Ferreira Araújo Augusto Neves

**CURRÍCULO DE ESTUDOS REGIONAIS
ENSINO FUNDAMENTAL II - 7º ANO**

APRESENTAÇÃO	A disciplina de Estudos Regionais tem como base formativa as disciplinas de História e Geografia, voltada para os estudos locais. As habilidades e competências das disciplinas acima citadas, por sua vez, norteiam as propostas de Estudos Regionais conforme as orientações da BNCC.	
OBJETIVO GERAL	Apresentar para os alunos a História e Geografia regional, com destaque a cidade de Juazeiro do Norte, contemplando a compreensão objetiva dos estudos regionais. Em outras palavras, estudar o regional, nesse caso o cariri, ultrapassando os limites municipais de Juazeiro, pois antes de se tornar o que é hoje, o estudante deve compreender que a cidade, assim como a região do cariri é uma construção do homem, no tempo e no espaço geográfico.	
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 1º Período	Habilidades
Sociedade Caririense	Formação Social do Cariri	<p>(EF07ER01JN) Compreender a função social do clero no processo de formação dos moradores do Cariri.</p> <p>(EF07ER02JN) Discutir a relevância das principais famílias oligarcas detentoras dos grandes latifúndios no sistema de dominação e construção da estratificação social caririense.</p> <p>(EF07ER03JN) Reconhecer a contribuição dos índios e negros para a formação social do Cariri.</p> <p>(EF07ER04JN) Identificar, comparar e analisar transformações no território urbano que caracterizam espaços de sociabilidade.</p>
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 2º Período	Habilidades
Configurações Econômicas do Cariri	Formação econômica do Cariri	<p>(EF07ER05JN) Conhecer e analisar a cultura agrícola que fazia parte da base econômica das cidades caririenses e compreender a importância da atividade pastoril para o desenvolvimento dos povoados.</p> <p>(EF07ER06JN) Identificar os principais produtos resultantes da atividade agropecuária que fomentaram nas tradicionais feiras locais.</p>

		(EF07ER07JN) Descrever as dinâmicas comerciais locais e sua relação, primeiro com a sede da capitania do Siará Grande e depois com a do Estado do Ceará.
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 3º Período	Habilidades
Estruturação do Poder no Cariri	Formação política e administrativa	(EF07ER08JN) Identificar e analisar os principais agentes políticos que se transformaram em vultos históricos pelo aspecto fundante dos povoados e pelos vícios administrativo. (EF07ER09JN) Relacionar a formatação da constituição administrativa dos municípios caririenses com a de outros lugares da união, buscando elementos comparativos e divergentes que tracem uma noção de pertencimento com a região. (EF07ER10JN) Descrever os processos de formação e consolidação das oligarquias e sua influência histórica que reverbera na contemporaneidade.
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 4º Período	Habilidades
Uma Região chamada Cariri	Cidades do Cariri. Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Caririaçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri.	(EF07ER11JN) Conhecer elementos históricos e geográficos dos principais municípios da região do Cariri. (EF07ER12JN) Identificar e analisar as características fundamentais que contribuem na distinção e definição das particularidades das cidades caririenses.

Equipe Responsável pela elaboração do Currículo de Estudos Regionais

Ana Cristina Oliveira Leite Gonçalves

Antonio Chessman Alencar Ribeiro (**Coordenador**)

Antonio Marcos Torres

Carlos Alberto da Silva Angelo

Erasmio Conceição Guimarães

Hernâni Robinson da Luz Oliveira

Maria do Socorro Benício Filgueiras

Raimunda Mary Costa Feitosa

Simone Ferreira Araújo Augusto Neves

**CURRÍCULO DE ESTUDOS REGIONAIS
ENSINO FUNDAMENTAL II - 8º ANO**

APRESENTAÇÃO	A disciplina de Estudos Regionais tem como base formativa as disciplinas de História e Geografia, voltada para os estudos locais. As habilidades e competências das disciplinas acima citadas, por sua vez, norteiam as propostas de Estudos Regionais conforme as orientações da BNCC.	
OBJETIVO GERAL	Apresentar para os alunos a História e Geografia regional, com destaque a cidade de Juazeiro do Norte, contemplando a compreensão objetiva dos estudos regionais. Em outras palavras, estudar o regional, nesse caso o cariri, ultrapassando os limites municipais de Juazeiro, pois antes de se tornar o que é hoje, o estudante deve compreender que a cidade, assim como a região do cariri é uma construção do homem, no tempo e no espaço geográfico.	
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 1º Período	Habilidades
Ciclo Hidrológico Caririense	Recursos Hídricos da Região do Cariri	<p>(EF08ER01JN) Identificar e analisar os principais recursos hídricos do Cariri.</p> <p>(EF08ER02JN) Compreender o consumo dos recursos hídricos e relacionando as transformações nos ambientes urbanos.</p> <p>(EF08ER03JN) Compreender e analisar a importância das águas do Cariri para o estado do Ceará.</p>
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 2º Período	Habilidades
Patrimônio Natural do Cariri	Geoparque Araripe (Formação Geológica, Recursos Naturais, Floresta Nacional do Araripe e os Geossítios).	<p>(EF08ER04JN) Identificar a Bacia do Araripe como a maior bacia sedimentar no interior do Nordeste do país.</p> <p>(EF08ER05JN) Reconhecer o Geoparque Araripe como um dos maiores acervos de fósseis do período Cretáceo Inferior do planeta.</p>

	Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável	<p>(EF08ER06JN) Identificar e caracterizar os geossítios que integram o Geoparque Mundial Araripe.</p> <p>(EF08ER07JN) Distinguir os espaços domésticos, os públicos e as áreas de conservação ambiental que são fundamentais para desenvolver uma sensibilização de preservação do meio ambiente.</p> <p>(EF08ER08JN) Compreender as possibilidades de desenvolvimento regional com um turismo ambiental sustentável.</p>
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 3º Período	Habilidades
O Cariri entre o legado arquitetônico, as manifestações artísticas e tradições religiosas.	Patrimônio Histórico e Cultural da Região do Cariri	<p>(EF08ER09JN) Definir os conceitos de patrimônio Material e Imaterial.</p> <p>(EF08ER10JN) Identificar e descrever os patrimônios culturais e históricos que estão presentes no Cariri.</p> <p>(EF08ER11JN) Compreender as manifestações culturais como elementos definidores de identidade dos caririenses.</p> <p>(EF08ER12JN) Analisar o valor da literatura de cordel e do artesanato para o sertanejo nordestino em seu cotidiano.</p> <p>(EF08ER13JN) Desenvolver a sensibilidade de preservação dos patrimônios artísticos e históricos do Cariri.</p>
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 4º Período	Habilidades
Grandes Personalidades Caririenses	Ícones do Cariri	<p>(EF08ER14JN) Identificar e descrever os caririenses que foram expoentes nas mais diversas áreas de atuação que contribuíram para a história das localidades a qual faziam parte.</p> <p>(EF08ER15JN) Identificar o protagonismo de algumas personalidades caririenses que em sua atuação local fazem parte da história nacional.</p> <p>(EF08ER16JN) Conhecer os grandes vultos do Cariri para valorizá-los e desenvolvermos a compreensão de</p>

		sujeitos históricos que independem de sua classe social, política, cultural ou espaço geográfico.
--	--	---

Equipe Responsável pela elaboração do Currículo de Estudos Regionais

Ana Cristina Oliveira Leite Gonçalves

Antonio Chessman Alencar Ribeiro (**Coordenador**)

Antonio Marcos Torres

Carlos Alberto da Silva Angelo

Erasmão Conceição Guimarães

Hernâni Robinson da Luz Oliveira

Maria do Socorro Benício Filgueiras

Raimunda Mary Costa Feitosa

Simone Ferreira Araújo Augusto Neves

**CURRÍCULO DE ESTUDOS REGIONAIS
ENSINO FUNDAMENTAL II - 9º ANO**

APRESENTAÇÃO	A disciplina de Estudos Regionais tem como base formativa as disciplinas de História e Geografia, voltada para os estudos locais. As habilidades e competências das disciplinas acima citadas, por sua vez, norteiam as propostas de Estudos Regionais conforme as orientações da BNCC.	
OBJETIVO GERAL	Apresentar para os alunos a História e Geografia regional, com destaque a cidade de Juazeiro do Norte, contemplando a compreensão objetiva dos estudos regionais. Em outras palavras, estudar o regional, nesse caso o cariri, ultrapassando os limites municipais de Juazeiro, pois antes de se tornar o que é hoje, o estudante deve compreender que a cidade, assim como a região do cariri é uma construção do homem, no tempo e no espaço geográfico.	
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 1º Período	Habilidades
O Cariri Oligárquico	Coronelismo no Cariri	<p>(EF09ER01JN) Compreender historicamente como surgiu a figura do coronel e sua importância no período regencial.</p> <p>(EF09ER02JN) Descrever e contextualizar as principais famílias oligárquicas da região do Cariri.</p> <p>(EF09ER03JN) Entender o pacto dos coronéis como sistema de defesa dos grupos oligárquicos que estavam ameaçados pela “Política das Salvações” criada no governo de Hermes da Fonseca.</p> <p>(EF09ER04JN) Identificar a Sedição de Juazeiro como um conflito armado entre as oligarquias caririenses contra as intervenções do governo federal que buscava reconfigurar politicamente o Brasil na primeira República.</p>
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 2º Período	Habilidades
A região do Cariri no início do século XX	A Seca de Quinze, o Cangaço e a Coluna Prestes: Entre o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto e os Campos de Concentrações do Ceará	<p>(EF09ER05JN) Compreender a Seca de 1915, como uma das maiores estiagens vivenciadas no sertão caririense.</p> <p>(EF09ER06JN) Identificar as especificidades e os desdobramentos do surgimento do cangaço e da Coluna</p>

		<p>Prestes no Cariri e a polêmica patente de “Capitão do Exército” entregue a Lampião.</p> <p>(EF09ER07JN) Compreender e discutir a eclosão da comunidade liderada pelo Beato José Lourenço e sua relação com os poderes locais ou regionais.</p> <p>(EF09ER08JN) Descobrir as motivações que levaram a destruição do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto.</p> <p>(EF09ER09JN) Identificar e discutir o papel dos campos de concentração do Ceará.</p>
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 3º Período	Habilidades
Cariri na República Nova e o Golpe Militar	<p>O Cariri na Era Vargas (Fim das Oligarquias, Novo Modelo Político, Econômico e Educacional. A morte do Padre Cícero)</p> <p>O Cariri na Ditadura Militar</p>	<p>(EF09ER10JN) Analisar o processo de transição da República Oligárquica para o Estado Novo no que fora marcante na região do Cariri.</p> <p>(EF09ER11JN) Compreender as principais características políticas, econômicas e sociais da Era Vargas e os impactos na Região do Cariri Cearense.</p> <p>(EF09ER12JN) Identificar os modelos educacionais presentes nas escolas primárias da região do Cariri nesse novo modelo político.</p> <p>(EF09ER13JN) Compreender as consequências da morte do Padre Cícero Romão Batista para as lideranças políticas da região e para a população sertaneja.</p> <p>(EF09ER14JN) Discutir os processos de resistência e os impactos do golpe militar de 1964 sentidos na região do Cariri.</p> <p>(EF09ER15JN) Identificar os principais atores sociais da região que foram perseguidos ou penalizados pelo regime ditatorial.</p>

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO 4º Período	Habilidades
Cariri no final do século XX e início do XXI	<p>A redemocratização no Cariri</p> <p>Os Recursos Hídricos da Região do Cariri e sua relevância para o Ceará</p>	<p>(EF09ER16JN) Identificar e classificar os principais fatos históricos e geográficos da região do Cariri na última década do século XX.</p> <p>(EF09ER17JN) Estabelecer relações entre os processos de industrialização, urbanização e inovação tecnológica com as transformações socioeconômicas na Região do Cariri.</p> <p>(EF09ER18JN) Analisar as alterações no espaço geográfico e a verticalização das moradias como resultado do crescimento demográfico e econômico fazendo surgir a Região Metropolitana do Cariri – RMC.</p> <p>(EF09ER19JN) Compreender a relevância dos recursos hídricos caririenses para o restante do Estado.</p> <p>(EF09ER20JN) Analisar a escassez dos recursos hídricos na Região do Cariri.</p>

Equipe Responsável pela elaboração do Currículo de Estudos Regionais

Ana Cristina Oliveira Leite Gonçalves

Antonio Chessman Alencar Ribeiro (**Coordenador**)

Antonio Marcos Torres

Carlos Alberto da Silva Angelo

Erasmão Conceição Guimarães

Hernâni Robinson da Luz Oliveira

Maria do Socorro Benício Filgueiras

Raimunda Mary Costa Feitosa

Simone Ferreira Araújo Augusto Neves

INSPIRAÇÕES: aulas para o ensino de história regional



ISABELLA CRISTINA FURTADO DOS SANTOS

INSPIRAÇÃO 1

Para início de conversa, mostre aos seus alunos as várias formas de se aprender História:

1. Na escola; (colocar uma imagem de alunos estudando História);
 2. Em conversas com os parentes mais velhos de sua família; (colocar imagem de alunos conversando com pessoas idosas);
 3. Visitação a museus de sua cidade; (colocar as imagens de museus de sua cidade);
 4. Ida às praças da cidade; (colocar as imagens de praças da sua cidade);
- Observação: O professor(a) pode escolher a maneira de mostrar essas imagens aos seus alunos (impressas e/ou slides)



A história do nosso lugar:

“Noutro período de crise, em 1918, quando o mundo vivenciou a primeira pandemia moderna conhecida como “gripe espanhola”, o Padre Cícero, que ocupava o cargo de prefeito de Juazeiro, viu-se acometido pela doença fazendo seu isolamento social no casarão do Horto, conforme informa em carta endereçada ao amigo, Pe. Frederico, do Rio de Janeiro: [...] A influenza espanhola também visitou-me, estou em convalescência em nossa casa no Horto, um sítio uma meia legoa da Cidade do Juazeiro. Está desde Fortaleza aqui em todo o Estado e nos Estados vizinhos cobertos desse flagello. Estaremos no começo do Fim? Deus nos responda. Oremus ad invicem. (CASIMIRO, 2012, p. 807-808).

Percebe-se através destes documentos e narrativas, que o Horto se apresentava para o Padre Cícero como um lugar diferenciado, especial, onde desejava fazer sua morada definitiva se não tivesse que cumprir uma missão que, acreditava, lhe teria sido dada por Deus.” (Pinho, 2023, pág.40)

O nosso lugar, a nossa cidade, que possui uma história riquíssima, ao longo do tempo sofreu mudanças e também ainda consta de permanências. Observe as imagens abaixo:

(Colocar a imagem do Horto quando foi inaugurado e uma imagem do mesmo local atualmente)

Indague seus alunos sobre as mudanças e permanências desse local.

Atividade de sala

- a. Escreva o que você observou que permaneceu no Horto ao longo do tempo:
- b. O que você observa nas imagens que mudou no Horto ao longo do tempo:

Com essa primeira aula incentivar os alunos e alunas a conhecer a história de nossa cidade. “Poderíamos responder de imediato que a História visa o homem e que a vida de cada homem se desenvolve nos pequenos espaços. É neles que cada um se insere e se realiza, integrado numa família e numa comunidade, comunidade que é simultaneamente resultado e fatora do mundo. Por isso o amor à terra pode constituir uma boa razão para a História Local, porque o amor é mais perfeito e mais forte quando se apoia no conhecimento. Quem conhece a História da sua terra pode amá-la com mais consistência.” (SILVA, 1999, p.383)

Atividade de casa.

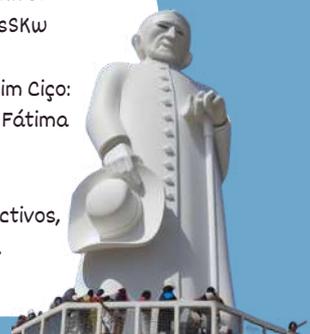
1. Procure imagens de nossa cidade de locais que ao longo do tempo ocorreram essas mudanças e permanências e traga para a próxima aula. (colocar nesse espaço o local para colar as imagens e descrevê-las) OBS: explicar aos alunos e alunas que é uma imagem de um local escolhido por cada um(a) que possa observar as mudanças e permanências, tipo o antes e o depois.

Referências:

HORTO DO PADIM CIÇO. Candieiros, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ilzE6-2sSKw>

PINHO, Maria de Fátima de Moraes. Horto do Padim Ciço: narrativas, imaginário, intervenções. / Maria de Fátima de Moraes Pinho. - Sobral CE: Sertão Cult, 2023.

SILVA, Francisco Ribeiro da. História Local: objetivos, métodos e fontes. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.1999



INSPIRAÇÃO 2

1. Inicie a aula com a apresentação dos locais escolhidos por cada aluno(a), e faça as intervenções que achar necessárias ao longo das apresentações.
2. Após essa primeira parte que demandará tempo, faça suas considerações finais sobre o momento e as apresentações dos alunos(as).
3. No segundo momento, já que na primeira aula falamos sobre lugares, iremos agora falar de pessoas, familiares, amigos, colegas que fazem parte da nossa vida.

“Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos.” (KRENAC, 2019, pág. 16)

“Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa.”(POLLAK, 1992, pág.200-201)



Realize uma discussão sobre a importância das pessoas nas nossas vidas!!!

Atividade de sala

Elabore um texto contando um pouco da história de uma pessoa da sua família que você a considera importante. Se possível no final da página no local indicado coloque uma foto dessa pessoa(providenciar a foto em casa).

Atividade de casa.

Providenciar a foto da pessoa de sua família que você escolheu para fazer a redação da atividade de sala e colar no local indicado.

Referências:

KRENAC, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-212.

INSPIRAÇÃO 3

1. No início da aula receber as produções de texto com as fotografias;
2. Ao realizar as correções posteriormente, o professor(a) poderá observar seu aluno(o) em muitos aspectos através dessa escrita, dependendo do que o aluno(a) relatou: de onde ele vem, com quem mora, quem considera importante em sua família;
3. Passado esse primeiro momento, segunda parte da aula, exibição de documentário: "Horto do Padim Ciço (Fátima Pinho)"
4. - Após exibição do documentário o professor pode iniciar uma discussão sobre o mesmo e levar os alunos a refletirem respondendo as questões abaixo:



Atividade de sala

1. O que mais lhe chamou a atenção ao longo do documentário?
2. Quando se fala na cidade de Juazeiro do Norte-CE, qual a primeira coisa que vem à sua cabeça?
3. O que você acha que falta na cidade de Juazeiro do Norte-CE?
4. Relate sobre um acontecimento vivenciado por você, em Juazeiro do Norte, que ficou marcado em sua memória.



Atividade de casa.

Elabore um texto contando um pouco de sua história, utilize como título "História de Vida", e assim inicie seu texto.

Referências:

BARRO, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Juazeiro do Padre Cícero: A terra da mãe de Deus, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros; Prefácio Marcelo Ayres Camurça. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.

HORTO DO PADIM CIÇO. Candieiros, 2023.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ilZE6-2SSKw>

Leia e reflita junto ao seus alunos a citação abaixo:

"A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz." (Ferreira Gullar)

Juazeiro do Norte, um pouco sobre o início de sua história.

"Em janeiro de 1871, ordenado aos 26 anos, chega ao Crato o Padre Cícero Romão Batista. Desfruta da amizade, da confiança e da consideração do Bispo D. Luiz que, em 29 de dezembro, já lhe concedera licença para pregar e celebrar, pelo prazo de um ano. Enquanto não recebe uma paróquia, o Padre Cícero colabora como professor de Latim no Colégio Venerável Ibiapina, fundado e dirigido por José Marrocos, e celebra nas capelas da região. No fim de 1871, recebe convite do professor Simeão Macedo para ir celebrar a missa do Natal no povoado de nome Juazeiro, na paróquia de Crato. Esse acanhado lugarejo de trinta a cinqüenta casas, segundo diferentes autores, com cerca de trezentos habitantes, se originara, como tantos outros do Nordeste, duma pequena capela de fazenda mandada construir em honra de Nossa Senhora das Dores, pelos antigos fazendeiros em 1827. Pedro Ribeiro de Carvalho, neto do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, se ordenara padre em Olinda e viera morar na fazenda Taboleiro, de propriedade de seus avós. Constituída a igreja, a família concedeu patrimônio à capela, constituída de terras e 12 escravos que o próprio padre recebeu de herança. Não seria porém o único ato de doação de riquezas que essa família fazia em nome da religião." (BARROS, 2008, pág.128-129)

INSPIRAÇÃO 4

1. Iniciar a aula recebendo os textos referentes a “História de Vida”; (OBS: com esses textos em mãos o professor pode continuar realizando algumas análises sobre seus alunos e a partir deles organizar outros momentos em aulas futuras, como socialização de todos ou alguns textos,
2. Podemos iniciar esse aula com as respostas dos alunos da 4º questão da atividade de sala que fala sobre memória;
3. Escolha alguns alunos para socializarem suas respostas.

SOBRE MEMÓRIA.

“Povo sem história é povo sem consciência, morador sem cidadania, árvore sem raiz, cidade sem face, gerações sem identidade.” (BARROS, 2008, pág. 337)



Atividade de sala

Indague seus alunos após as socializações e dê um tempo para eles pensarem e responderem a questão abaixo:

Qual o acontecimento marcou a história de Juazeiro do Norte e ainda hoje é lembrado?

Resposta para discussão:

“Em 1º de março de 1889, na sexta-feira que antecedeu o período carnavalesco, Maria de Araújo, durante a missa que encerrava uma noite de vigília e oração, ao receber a comunhão, sentiu a hóstia converter-se em sangue. O evento, anunciado como “miraculoso”, se repetirá diversas vezes durante alguns anos. Tais fatos “extraordinários”, que já circulavam na oralidade, chegarão à imprensa em 19 julho daquele ano, através de uma notícia publicada no jornal Pedro II, de Fortaleza, com o seguinte título: “Será Milagre?””(PINHO, 2023, p.22)

E ainda...

“A questão da memória impõe-se por ser base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem “lugares da memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo.” (BARROS, pág. 15)

Relembre aos alunos das imagens de lugares escolhidos por eles em aula anterior (na primeira aula) que podem ser vistos como lugares de memória para eles.

Referências:

BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, memória e história local. Revista de História da UEG, [S. L.], v. 2, n. 1, p. 301-321, 2013.

BARRO, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Juazeiro do Padre Cícero: A terra da mãe de Deus, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros; Prefácio Marcelo Ayres Camurça. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.

PINHO, Maria de Fátima de Moraes. Horto do Padim Cicho: narrativas, imaginário, intervenções. / Maria de Fátima de Moraes Pinho. - Sobral CE: Sertão Cult, 2023.



Atividade de casa.

Providenciar para a próxima aula e trazer para a escola um objeto que você considera importante na sua história. (Ex. Brinquedo, livro, acessório, foto, etc.)



INSPIRAÇÃO 5

1. Iniciar a aula organizando os alunos em círculo, cada um com seu objeto, solicitado na aula anterior;
2. Com esse objeto o professor irá ensinar aos alunos o conceito de patrimônio;

Atividade de sala

Com os objetos explicar os alunos os conceitos abaixo:



PATRIMÔNIO: O conceito de patrimônio, na cultura ocidental moderna, de modo geral, se refere a uma gama de coisas, bens de grande valor para pessoas, comunidades ou nações ou para todo o conjunto da humanidade. EX. o objeto que o estudante trouxe para a escola.

PATRIMÔNIO MATERIAL: O patrimônio material protegido pelo Iphan é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. EX. o objeto que o aluno trouxe como algo tangível que pode ser tocado.

PATRIMÔNIO IMATERIAL: Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) EX. realizar com alguns estudantes uma brincadeira de roda para demonstrar.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: Todas as vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cerca estão realizando uma ação educativa. Quando tudo isso é feito levando em conta algo relativo ao patrimônio cultural, então trata-se de Educação Patrimonial.

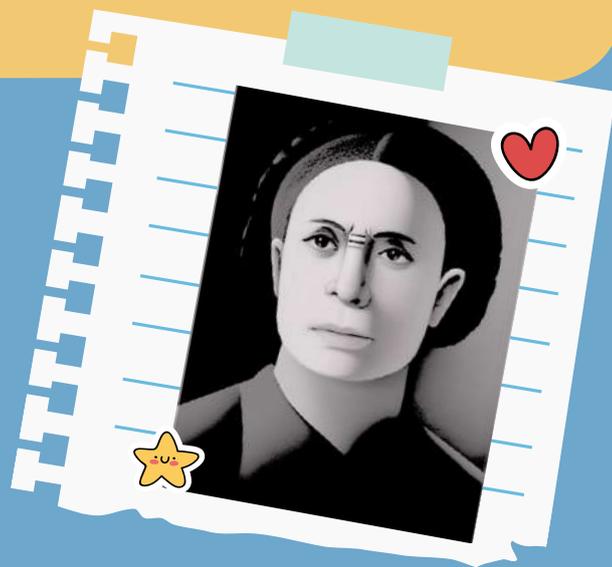
A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural.

Atividade de casa.

Pesquisar sobre a história de uma mulher cearense. Trazer a pesquisa próxima aula, se possível a pesquisa e uma imagem da mulher foco da pesquisa

Referências:

Educação Patrimonial. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343> Acesso em: 11 de out. de 2023)



INSPIRAÇÃO 6

- 1.-Em um primeiro momento receber as pesquisas feitas pelos estudantes e observar se algum deles ou delas pesquisou sobre a Beata Maria de Araújo; OBS: o professor poderá utilizar as pesquisas e as imagens e disponibilizar na sala de aula como uma exposição construindo um painel.
- 2.-Em um segundo momento realizar comentário se no meio das pesquisas tem ou não algo sobre a beata Maria de Araújo;
- 3.-E dando prosseguimento a aula exibir para os alunos o vídeo sobre a beata - ONDE ESTÃO OS RESTOS MORTAIS DA BEATA MARIA DE ARAÚJO?(CANAL CANDIEIROS)
- 4.-Realizar junto aos alunos e alunas uma discussão sobre a história da beata.



“Maria de Araújo tinha 27 anos, morava com sua família – mãe e oito irmãos – e vivia de pequenas costuras, com as quais também ajudava no sustento da casa, como faziam todas as mulheres da região que não haviam se casado. O sangramento da hóstia na madrugada de 6 de março de 1889 marcou, no entanto, uma mudança crucial em sua rotina. Ela começou a ser visitada por crentes e curiosos, atraídos principalmente pela natureza extraordinária dos fenômenos. Ainda naquele ano, mudou-se para a casa do padre Cícero, onde já vivia a beata Joana Tertulina (1864-1944), conhecida como beata Mocinha, secretária e governanta do padre.”(NOBRE, 2024, p. 17-18)

“A Igreja mantinha viva a Questão Religiosa. Após a morte de Floro Bartolomeu, há um declínio do poder do padre junto ao governo central. Aproveitando-se da vitória dos revolucionários de 30, quando o Padre Cícero se torna apenas um velho chefe derrotado, o vigário de Juazeiro, Mons. José Alves de Lima, entra na Igreja do Socorro e, sem comunicar ao Padre Cícero, manda demolir o túmulo da beata Maria de Araújo, aí existente. O padre, chamando testemunhas, vai à Igreja registrar a ocorrência em documento firmado em cartório. Os restos mortais exumados foram enterrados em lugar ignorado, para que cessasse o culto à beata.” (BARROS, 2008, pág.332)



Atividade de sala

Por que tentou-se o apagamento da história da beata Maria de Araújo?
Observe a imagem acima e responda : Por que a beata foi representada dessa forma?

“ _____

_____ ”

Atividade de casa

O que são documentos históricos? Dê exemplos de documentos históricos relacionados ao tema da aula de hoje.

A _____

Referências:

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Juazeiro do Padre Cícero: A terra da mãe de Deus. Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros; prefácio Marcelo Ayres Camurça. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008

NOBRE, Dia. Incêndios da alma : Maria de Araújo e os milagres do Padre Cícero: a história que o Vaticano tentou esconder / Dia Nobre. – 1. ed. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.

ONDE ESTÃO OS RESTOS MORTAIS DA BEATA MARIA DE ARAÚJO? Candieiros, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ilzE6-2sSKw>

INSPIRAÇÃO 7

1. O professor, a professora inicia sua aula corrigindo a atividade de casa, perguntando aos seus estudantes quais exemplos de documentos históricos eles colocaram como resposta.
2. Em seguida inicia seus trabalhos com o conceito de documento.
3. Em seguida trabalhe com seus alunos o estudo de um documento escrito, material o do cotidiano de sua escolha.
4. Seria interessante o uso de um documento escrito e um material.

“Como recursos didáticos , distinguem-se três tipos de documentos: escritos, materiais (objetos de arte ou do cotidiano , construções...) e visuais ou audiovisuais (imagens fixas ou em movimento, gráficas, musicais).”(BITTENCOURT, 2011 p.333)



“Os fundadores da revista "Annales d'histoire économique et sociale" ["Anais da história econômica e social"] (1929), pioneiros de uma história nova, insistiram [Pg. 540] sobre a necessidade de ampliar a noção de documento: "A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.”(LE GOFF, 1990, p.466)

Como recurso didático pág.333 livro da BITTENCOURT

A Ata do Pacto dos Coronéis pode ser utilizado para análise ao longo da aula para se produzir uma pesquisa na área de História, para se produzir o conhecimento histórico?

Com o historiador utiliza esses documentos para se produzir uma pesquisa na área de História, para se produzir o conhecimento histórico?

Atividade de sala

Análise de um documento histórico escrito e material em sala de aula;

- Documento escrito, a carta que Padre Cícero escreve ao bispo após o milagre em Juazeiro, disponível no livro de Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros(págs. 204 a 208), entre outros documentos escolhidos pelo professor.
- Documento material, observe se os objetos que seus alunos trouxeram para a aula sobre patrimônio, se algum deles pode ser utilizado.

Atividade de casa

Se você fosse um historiador, gostaria de pesquisar sobre qual tema?

Com o historiador utiliza esses documentos para se produzir uma pesquisa na área de História, para se produzir o conhecimento histórico?

Referências:

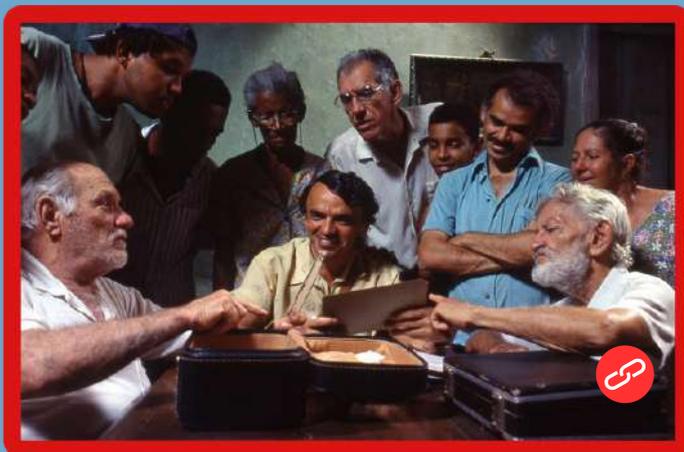
BARRO, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Juazeiro do Padre Cícero: A terra da mãe de Deus, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros; Prefácio Marcelo Ayres Camurça. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.

BITTENCOURT, Circe. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

LE GOFF, JACQUES, 1924 História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

INSPIRAÇÃO 8

- 1.-Comece com a correção da atividade de casa anterior para explicar o fazer do historiador.
2. Assista o filme previamente e elabore questões que os alunos possam responder ao longo da exibição focando no fazer do historiador.
3. Ao longo do filme realizar as intervenções que observar necessárias sobre o filme e à resolução das questões.
OBS: essa atividade pode levar mais de um aula.



Ao final explique como o historiador trabalha.

De maneira simplificada, a construção do conhecimento histórico ocorre através das seguintes etapas:

Etapa 1: o historiador seleciona o tema que deseja investigar e define o período temporal.

Etapa 2: o historiador coleta as fontes históricas que irá utilizar.

Etapa 3: analisa, escuta, observa e classifica todo esse conteúdo, garantindo que as fontes sejam seguras.

Etapa 4: utilizando a abordagem histórica, elabora sua análise referente ao assunto discutido.

"(...), empreender a análise de filmes, de fragmentos de filme, de planos , de temas, levando em conta, segundo a necessidade, o saber e o modo de abordagem das diferentes ciências humanas, não poderia bastar. É necessário aplicar esses métodos a cada substância do filme (imagem, imagens sonoras, imagens não sonorizadas), às relações entre os componentes dessas substâncias; analisar no filme principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é o filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se assim esperar compreender não somente a obra como também a realidade que represente."(LE GOFF, 1995, p.203)

Atividade de sala

As questões elaboradas pelo professor sobre o filme.

Referências:

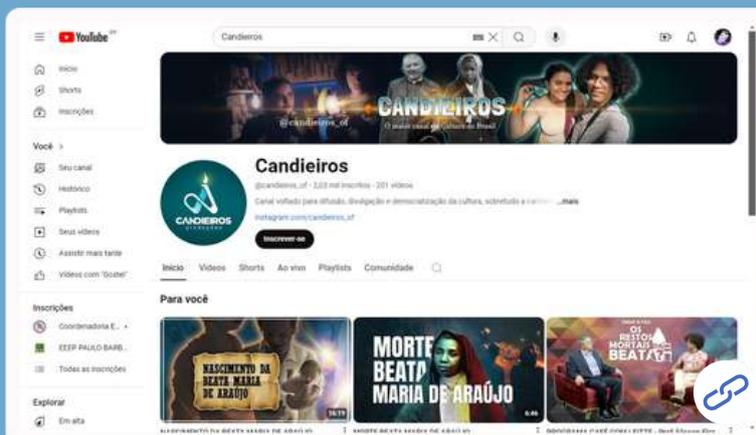
LE GOFF, Jacques. História : novos objetos, direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora; tradução de Terezinha Marinho, revisão técnica de Gadiel Perruci. Rio de Janeiro, F. Alves.

Atividade de casa

Orientar os estudantes sobre a aula de campo que será desenvolvida na próxima aula:

- Enviar o comunicado aos pais e responsáveis;
- Explicar aos estudantes as regras a serem seguidas: vestimentas, levar água, lanche, a depender de cada instituição as regras são organizadas.

SUGESTÕES (para outras aulas de acordo com a temática abordada.)



INSPIRAÇÃO 9

1. Para essa aula sugere-se mesclar a visita tanto as igrejas como aos museus, dependendo do tempo disponível;
2. Receber os alunos, indicar as últimas instruções;
3. Seguir para a aula e realizar os registros fotográficos que poderão ser utilizados em aulas futuras;;
4. Anteriormente se for preciso, organizar o pedido de transporte, cada escola tem o seu modo de fazer;
5. Prestar atenção aos detalhes antes e depois da aula, organizar uma ficha que os alunos possam registrar as visitas, com perguntas ou não, fazer o relatório direto.

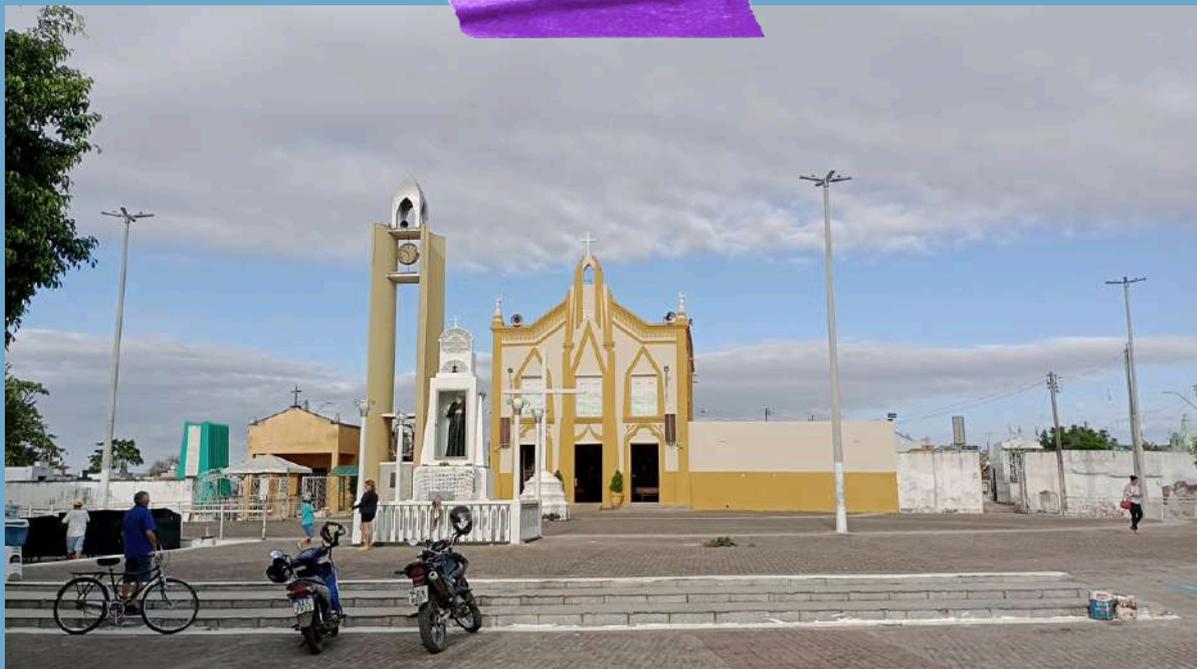
Roteiro de visita:

Praça Padre Cícero

OBS: se o local a ser visitado não disponibilizar de guia, o professor prepara um histórico do local para apresentar aos alunos a cada visitação



Igreja do Socorro



Roteiro de visita:

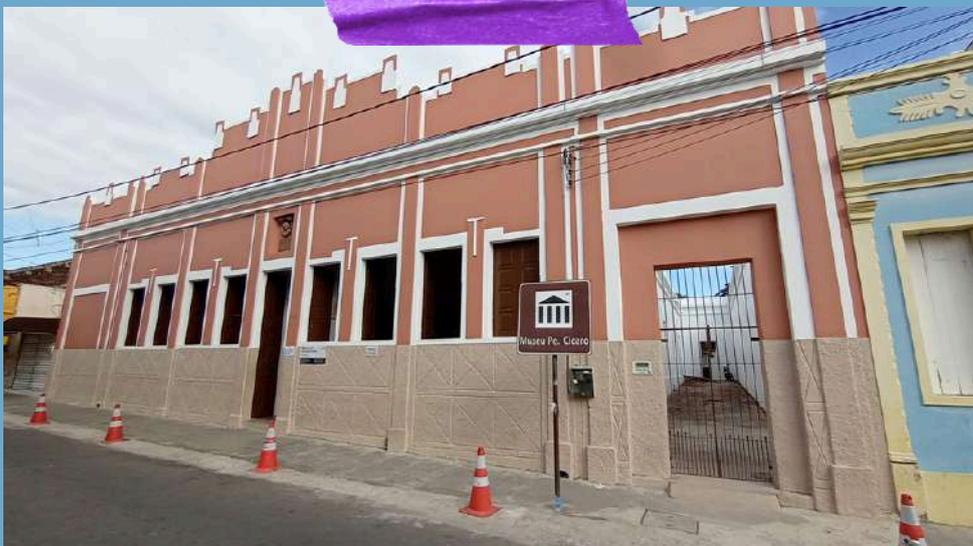
Cemitério do Socorro



Memorial Pe. Cicero



Casa Museu Padre Cícero.



Antes, durante e depois das visitas, pode ser tema de estudo a questão do que é considerado patrimônio histórico e sua relação com a preservação da memória. É sempre importante considerar as hipóteses levantadas pelos alunos sobre o que acreditam ser patrimônio histórico e as informações de que dispõem sobre o assunto. (PCNs, 1998, p.90-91)

“Todos os componentes curriculares devem utilizar dispositivo didático que explore o protagonismo do aluno, estimulando sua criatividade, iniciativa, curiosidade, senso de oportunidade, capacidade de pensar para resolver problemas e tomar decisões, fazer análise crítica de situações da realidade. Estes são procedimentos decisivos nessa nova empreitada educacional.” (DCRC-CE, 2019, p. 34)

“Todo devoto que vem em romaria cumpre um ritual específico, qual seja, o de visitar os lugares para ele revestidos de sacralidade: Basílica de Nossa Senhora das Dores, Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, museu-casa — onde morreu o Padre Cícero —, o Horto. Nesse universo sacralizado, a Colina do Horto representa o centro, o ápice da religiosidade romeira. Para o historiador Régis Lopes Ramos, o centro de Juazeiro é a “Serra do Horto e o centro da Serra do Horto é o Santo Sepulcro” (2012, p. 379).” (PINHO, 2023, p. 22)

Atividade de sala

A participação na aula de campo e produzir o relatório.

Exemplo de modelo de ficha para a produção do relatório.

Local visitado:

Horário:

Relate um pouco sobre a história do local visitado.

O que mais lhe chamou atenção no local visitado?

Atividade de casa

Produzir o relatório com as anotações feitas ao longo da visita e entregar na próxima aula.

Referências:

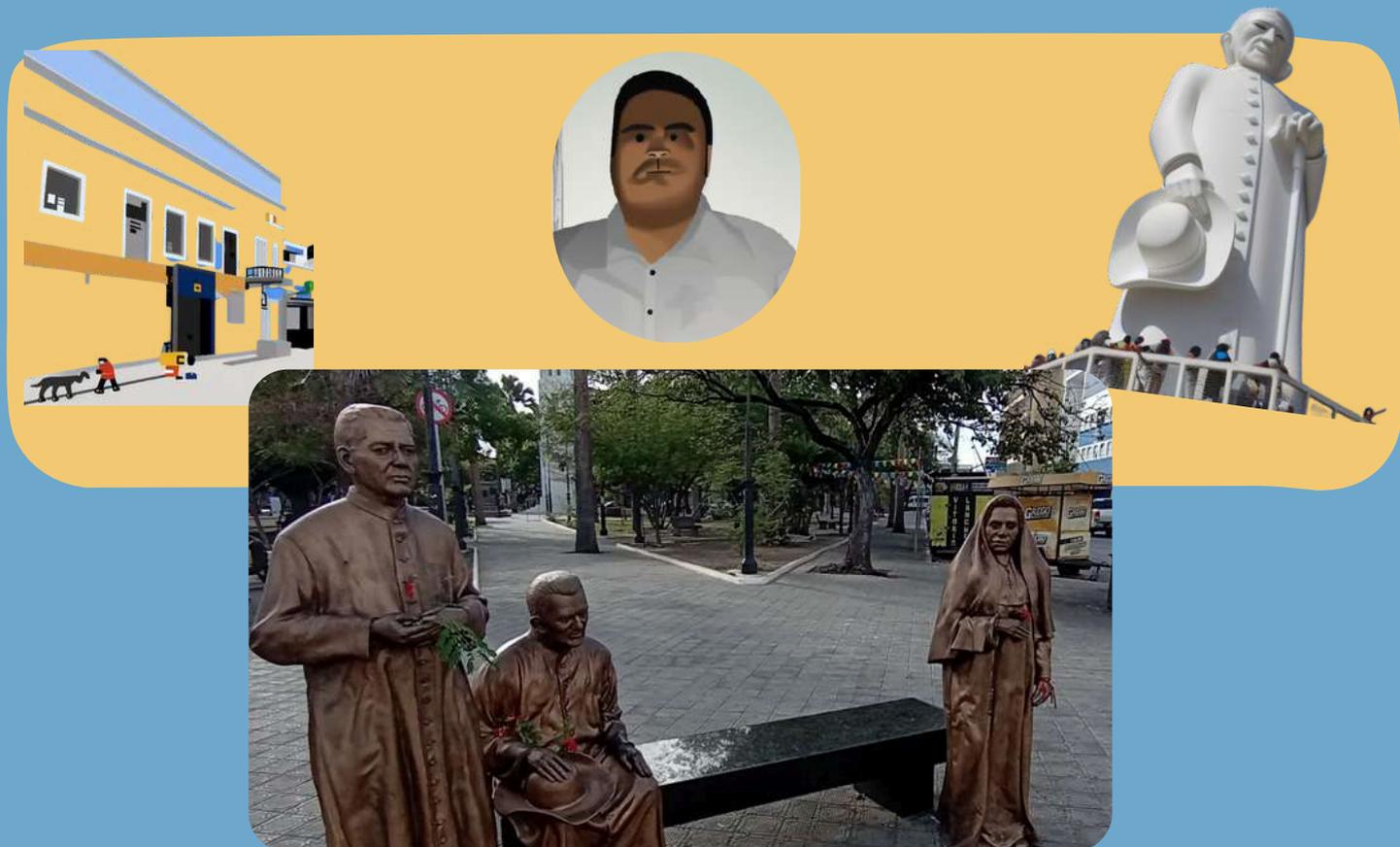
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : história / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC / SEF, 1998. 108 p.

Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental. Fortaleza: SEDUC, 2019.

PINHO, Maria de Fátima de Moraes. Horto do Padim Ciço: narrativas, imaginário, intervenções. / Maria de Fátima de Moraes Pinho. - Sobral CE: Sertão Cult, 2023.

INSPIRAÇÃO 10

1. Organizar a turma em círculo, seria interessante ornamentar a sala de aula, por exemplo, com os trabalhos produzidos pelos alunos ao longo do ano, e se possível com os objetos utilizados na aula cinco (Inspiração 5);
2. Após a aula de campo realize uma breve reflexão sobre a mesma;
3. Momento propício para a leitura dos relatórios feitos sobre a aula de campo;
4. Relembre junto aos alunos o que foi desenvolvido ao longo do ano, nas aulas da disciplina;
5. Falar sobre a emancipação de Juazeiro do Norte -CE, apesar de se caracterizar uma aula de culminância seria dado um gancho para o próximo ano letivo.
6. OBS: esse momento também pode, assim como algumas aulas anteriores ser desmembrado em mais momentos, vai da organização do professor(a)



Após a aula de campo realizar observações sobre a grandiosidade da nossa cidade e de sua história...

“Refletindo-se melhor sobre o assunto, parece hoje inacreditável que apenas decorridos seis meses, no dia 22 de julho de 1911, a Assembleia Estadual do Ceará tenha votado a Lei nº 1028, que dava autonomia municipal a Juazeiro. Deve-se esse sucesso, oficialmente, ao Patriarca e à sua posição inflexível(...)” (CAVA, 2014, p.205)

“(...) a 22 de julho de 1911, Nogueira Accioly, pressionando Antônio Luis, fez a Assembleia Legislativa aprovar lei dando autonomia municipal a Juazeiro. Foi uma jogada astuta do velho oligarca, pois garantiu de antemão o apoio eleitoral de Juazeiro (já um dos maiores redutos do estado), onde os moradores seguiriam a orientação de seu “padrinho” – a oligarquia precisava de apoios e votos, sobretudo porque enfrentava naquele momento forte oposição de Fortaleza. Na tentativa de conciliar os interesses entre “nativos” e “adventícios”, Pe. Cícero aceitou ser nomeado o primeiro intendente(prefeito) do novo município.” (FARIAS, 2009, p. 217)



“Consciência de cidadão, consciência ecológica, preservação da natureza, resgate da história – palavras de ordem tomam a forma material de luta e a história se faz com garra e emoção.” (BARROS, 2008 p.338)

Referências:

BARROS, Luitigarde Oliveira Cavalcanti. Juazeiro do Padre Cícero: A terra da mãe de Deus. Luitigarde Oliveira Cavalcanti Barros; prefácio Marcelo Ayres Camurça. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 008.

CAVA, Ralph Della. Milagre em Juazeiro / Ralph Della Cava; tradução Maria Yeda de Linhares. - 3º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FARIAS, Airton de. História do Ceará / Airton de Farias. Fortaleza: Edições Livro Técnico 2009. - 5º Edição.